

Belle Kermit Roosevelt

Kermit Roosevelt
São Paulo 1913

SCENAS

DA

MINHA TERRA

OBRAS

Que se acham á venda na Typographia Universal rua dos Calafates, 110, e nas lojas do costume.—No Porto em casa do sr. Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Coimbra na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; em Lamego na do sr. José Cardoso, rua de S. Francisco; em Leiria na do sr. José Pereira Curado; em Elvas na do sr. Joaquim Antonio Lopes; e em todas as lojas de livros nas principaes terras do reino.

Obras completas do Padre Antonio Vieira, comprehendem: **Sermões** 15 vol. —**Cartas** 4 vol.—**Obras Ineditas** 3 vol.—**Obras Varias** 2 vol.—**Arte de Furtar** 1 vol.—**Historia do Futuro** 1 vol.—**Vida do auctor**, com o retrato, 1 vol, total 27 vol. in-8.º fr. br. .... 10$900

Tambem se vendem avulsamente as seguintes:

Cartas .... 1$600
Obras Ineditas .... 1$000
Obras Varias 600
Arte de Furtar 400
Historia do Futuro 300
Vida do auctor, com o retrato 600

Contos ao Luar, por Julio Cesar Machado, 3.ª edição, com o retrato do auctor, 1 vol. br. 500

O que ha de ser o mundo no anno tres mil, por Emilio Souvestre, accommodada ao gosto portuguez por R. de Sá (obra a mais chistosa de quantas se tem publicado até hoje em Portugal), 1 vol. com gravuras, in-8.º fr. br.. .... 1$000

Celebre processo sobre a nullidade do matrimonio de el-rei D. Affonso VI, e de D. Maria de Saboya, 3.ª edição, 1 vol. in-8.º fr. br.... 300

Usurpação, retenção e restauração de Portugal, por J. Pinto Ribeiro, auctor da gloriosa revolução do 1.º de Dezembro de 1640, precedida de um elegante prologo de 36 pag., por R. de Sá, obra publicada recentemente com o titulo **Brado aos Portuguezes**, 1 vol. in-8.º fr. br. 300

NO PRELO

Quadros d'alma, ou a mulher atravez dos seculos, por Porphyrio José Pereira, 1 vol.

SCENAS

DA

MINHA TERRA

POR

JULIO CESAR MACHADO



LISBOA

EDITOR — JOSÉ MARIA CORREA SEABRA

Rua dos Calafates, 110

1862

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 110

MINHA MÃE

Que este livro, possa dar-lhe alegria, e que cada pagina me alcance uma benção sua ! Não se amargure pelas lagrimas que encontrar n'elle ; tel-as ha trazido alguma nuvem ligeira, que um raio de luz mais ligeiro ainda haverá logo enxugado; são irmãns dos meus sorrisos, essas lagrimas : oh ! não se inquiete! Todo o meu desejo é que este livro seja lido ahi na nossa casa da Durruivos, humilde cantinho do mundo, em que parece acabar a terra, e onde eu já encontro o céo, quando ahi vou abraçal-a, e que, escutando a melodia dos riachos, contemplo a bellesa dos campos, em que as borboletas traçam no ar segredos de felecidade que as aves entôam ! Dedicando-lhe, este pobre livro, minha mãe, procuro n'esta invocação a melhor egide para o defender !

Janeiro de 1862.

Seu respeitoso filho

Julio

AS FLORES SILVESTRES

AS FLORES SILVESTRES

I

Fui creado n'uma aldêa, e como dizem que para os remorsos se elevarem até Deus, é preciso serem ouvidos pelos homens, apresso-me a confessar que me arrependo hoje de ter desertado do destino obscuro e sereno, que me esperava naquelle torrão humilde, cavado entre duas serras!...

Ninguem alli me fallava do futuro, e eu sonhei-o. Parece que, uma noite, entrevi n'uma nuvem branca e leve a figura scintillante da Victoria: a quem ella procurava, não sei eu; é certo apenas que me deslumbrou, e que, absorto e namorado, fiquei scismando n'ella! Esperei-a na outra noite, á mesma hora da vespera, quando as estrellas veem brilhar no céo; ella não voltou.

O mundo exterior revestiu-se desde esse mo-

mento a meus olhos de um tom sombrio. Perguntei muitas vezes a mim mesmo, se o vento que vinha da serra estava ou não a fallar-me! A natureza tomou uma voz, que eu nunca ouvira; e o gemido da briza, o canto das aves, e o suspirar da torrente, pareciam dizer-me: Se aqui ficas, morres!...

Pequenito, ignorado, timido, disse adeus uma tarde á minha aldêa, e parti. Ia a despedir-se o sol pelas cumiadas dos montes, a gente do trabalho largava a enxada, e os pastores reconduziam os rebanhos.

No cimo da estrada voltei-me e olhei para traz; as casinhas brancas do logar já lá ao longe se perdiam da noite. Fiz um esforço n'esse instante para accordar de novo na memoria a visão seductora que avistara: tem cada creatura a sua estrella, e eu disse a mim proprio que a minha estrella era essa: segui tranquillo, e seguro da sorte; perdia-me a phantasia; mas, que remedio! É sempre n'um rio de diamantes que as almas se afogam!...

Passaram-se annos, na vida a que eu aspirava.

Estava em Lisboa, estava no centro do turbilhão e do ruido; perdia-me no fluxo e refluxo da população, mas via a onda da sociedade e da moda passar ao lado de mim sem querer levar-me.

Como o naufrago, perdido na praia solitaria, pedia a Deus o deparar-me alguma vella, que me avistasse. Nenhuma esperança, porém: açoi-

tava-me o vento, escurecia o céo, e a nau passava ao longe!...

Soffri então. Aos que passeam alegres na contradança da vida, não lhes diga eu que de angustias tragam os infelizes. Que oiçam fallar disso ás vezes, mas não o leiam no livro que comprarem. Nem rasgue eu mesmo o véo a esse periodo de desgraça, que assim mesmo tem mais grandeza que o das leves consolações que depois me deram!...

Não ha peiores desalentos que os da mocidade. Quando um homem aos vinte annos commette a leviandade de se reputar desgraçado, é a creatura mais caustica a si e ao mundo que o ventre de uma mãe concebeu! Ha horas de melancholia nas primeiras edades da vida, que não são para se desejarem nem ao nosso peior amigo: digo o peior amigo, e não o peior inimigo, segundo a formula, porque para mim os maus amigos... são mais perigosos que os peiores inimigos! O *spleen* nasce subitamente de qualquer coisa: de uma flôr, que murcha! de uma carta, que cae no chão! de uma estrella, que se vê fugir! de tudo, quanto na realidade é estranho ao objecto da nossa amargura, mas que tem o poder de a despertar. É um exaspero, uma anciedade, uma inquietação febril, que vae terminar na apostrophe ou na blasphemia!...

O mau humor, ainda no principio deste seculo, era um attributo da velhice: hoje anda extraviado pelos rapazes. E é pena! porque os estragos do

tempo, a fealdade que imprimem nas feições, o ser calvo, o não ter dentes, ou o sofrer de gotta, são tambem coisas para ajudarem... a morrer!

Logo nos primeiros tempos de estar na cidade, me fez falta a vista das montanhas. O perfume do tomilho e do matto ainda hoje me chama á vida, quando a sinto fugir! e sinto-me alegre como uma creança, se oiço nos campos o canto da cigarra! feliz como um poeta, se accordo na madrugada ao som voluptuoso do canto do rouxinol!

Os revezes do primeiro periodo da minha carreira litteraria, deram-me tão crua ideia deste viver d'aqui, das difficuldades, malquerenças, invegitas, e embaraços, que é preciso derrubar para quasi nada, que aspirei centos de vezes á existencia que deixara, sem comprehender claramente que capricho me havia levado a collocar uma penna d'aço de encontro ao meu destino!...

Cada homem tem o seu dia, e o seu instante propicio. De alguns se conta que para gosarem da plenitude das suas faculdades, precisam estar bem penteados e de barba feita; outros teem necessidade de ar, de sol, e do motim do mundo; este não é levemente amavel, senão depois de ter bebido; aquelle, só depois de haver resado. Pois bem! Eu não escrevia n'esse tempo, sem ter diante de mim na minha mesa de trabalho, um ramo de flôres silvestres, que colhera de um vallado, na tarde em que deixei a minha terra!

Uma occasião, em quanto eu fôra a Cintra, o criado da casa, em que eu estava morando, entendeu dever arrumar os meus papeis, pôr em ordem os meus livros, saccudir a minha mesa, varrel-a de coisas inuteis, como a velha mortalha de um cigarro, uma luva desirmanada, a cinta de um jornal que tinha vindo pelo correio, uma senha de theatro, uma flôr murcha...

Uma flôr murcha! Sim! isso mesmo! Uma flôr murcha ou um ramo de flôres murchas, que era desta vez o meu talisman, o meu *Deus ex machina*, o elemento da minha phantasia, tudo que eu tinha sobre a terra, a unica coisa que me dava animo, a minha coragem, a minha luz!... Procurei-o debalde entre os livros, no chão, no quarto todo.

Nada delle!

Perdêra naquellas flôres a minha inspiração; e a inspiração não se alluga nem se compra! Tudo quanto n'este mundo vale alguma coisa, é gratuito. O genio, a belleza, o amor, não se adquirem.

Penosa condição!

Póde comprar-se um rico bracelete, mas não se póde comprar um braço bonito; um collar de perolas, e não um collo airoso e branco! O maior capitalista da terra daria debalde a sua fortuna para fazer uma estrophe de Castilho ou de Garrett. Cada hora, cada instante, leva-nos alguma coisa: chega-se nu, e nu se volta: questão de coeiro ou de lençol!

Um trapo para nascer, e outro trapo para morrer; no meio disto a gloria, ás vezes!

E ahi está o que é preciso ao homem, punhado de barro que se desfaz, e que não póde deixar todas as noites de entrar no nada para viver no outro dia!...

Oh! as minhas flores silvestres!

Que falta, que saudade e que perda! Escrever, trabalhar, viver sem ellas, — era-me impossivel; tomei uma resolução suprema e decidi ir — eu proprio! — á minha aldêa, colher outras flores eguaes!...

Foi um alvoroço para a minha alma, esta idéa santa!

Parti no dia immediato, um dia chuvoso e agreste de fevereiro, que me pareceu bello pela alegria em que eu estava, pela esperança que sentia, e até pela novidade que me causou tornar a ver o inverno, — o inverno, que eu não encontrava ha tanto tempo, que o tinha esquecido quasi!...

Ás vezes, estivera a ponto de cuidar tel-o visto em Lisboa a esbravejar sobre os telhados e a rollar furioso nos lamaçaes do Chiado! E todavia, santo Deus! como era differente daquelle inverno assombroso, implacavel, exterminador, dos campos. Não o conhecem nas cidades as senhoras do bom mundo. Atravez da vidraça do *coupé* não se divisa o que ha de ameaça e de colera no negrume pavoroso do céo de janeiro. É no meio do campo,

sobre a estrada em lagos, ao lado da arvore, que deixa cahir as folhas, em frente da cheia, que lh'as leva, — quando a natureza não tem voz para entoar a esperança, e chora saudosa os dias placidos do estio, em que a terra se exalta em hymnos de desejos e d'amor... Oh! então o inverno deixa-se vêr ao pé, a nossa alma enregela-se, amedronta-se e pressente o que vem de tristezas na alegria dos affectos! Como Galileo apalpando a terra, e exclamando: — Move-se! — apertamos nós o coração, tanto o sentimos agitar-se!

Que importa! que importa!! dizia eu a mim mesmo. Cheguem as minhas flores silvestres, que em todo o tempo as ha, e o inverno passe por mim sem eu me inquietar. O segredo da vida e da sabedoria humana é contentarmo-nos com tudo, aceitando o tempo como elle vem, e o vento como elle sopra!...

E ia encontrando na estrada, como prova d'isto, ranchos e ranchos de mulheres felizes,— uma coisa tão rara por fim de tudo, porque ha bem poucas mulheres que o sejam. Mas via-as eu, e fallava-lhes; não tenho a menor duvida em o jurar, eram felizes! Não conhecem o cold-cream nem a agua da China, não teem odios de sala, não leem romances, e tem as mãos callosas, porque não teem o coração callejado. Ah! tres vezes felizes!...

Cheguei á aldêa ao sair do sol. Era domingo. Encontrei a gente do logar, dirigindo-se á missa;

quando me reconheceram, dir-se-hia o grito de admiração, que se prepara para o juizo final! — «O menino Julio! O menino Julio!... O menino Julio!..» E as velhas abraçavam-me, as raparigas davam beliscões umas nas outras, os aldeões tiravam o seu barrete, as creanças choravam maravilhadas, e eu apeava-me modestamente, para os acompanhar a pé.

—Como está minha mãe? perguntei.

—Essa senhora ja lá hade estar para a egreja. Foi na burrinha da sua afilhada, mais o João Conde, o Manuel Conde, e a viuva do José Conde!

— Condes! quem são esses condes?!

— Conde, é mesmo o nome que elles teem de si! replicava um dos camponezes. O João é o caseiro da Alfavaca, que ainda trouxe o menino Julio ao collo para mais de uma duzia de vezes: o Manuel Conde vem a ser irmão d'elle; e a viuva do José Conde é viuva do outro irmão, que morreu!

— Por isso é que ella é viuva?

— Sim senhor, é porque elle morreu!

As estradas estavam diabolicas, e a egreja era a um quarto de legua da aldêa por não haver missa no logar: comtudo por estas occasiões, quanto peior tempo faz, mais alegre se torna a romaria.

As raparigas caçoam os namorados, que escorregam; e o saloio pundonoroso, inchado de capri-

cho, firma o cajado na terra, quando salta, para evitar o Waterloo da cambalhota. As velhas resmungam queixosas como no *Carnavale di Venezzia* de Paganini, e compoem inspiradamente o hymno do : « Caio aqui, acolá me levanto ! »

A romaria chegou emfim ao Bom Jesus, que assim se chama aquella pequenina egreja da aldêa, no cimo de uns torrões vermelhos, onde a gente dos logares visinhos vae ouvir missa nos dias de festa. — Deus ! Deus meu ! exclamei então. Que espectaculo este, para um pintor de costumes !...

Alli estava a saloia em toda a pompa da sua exotica individualidade. Era o lenço da cabeça bordado e recortado, o chaile de riscas vermelhas, o capotinho curto de cabeção grande, como o que sua avó usava quando os rapazes do tempo lhe improvisavam cantigas na desgarrada, e á noite na eira disputavam avidos a massaroca vermelha, para ganharem alviçaras de um beijo d'ella !...

E era o saloio... primitivo, de camizolla de lã por cima da jaleca, e pelle de chibo no joelho ! O saloio velhaco, e o saloio tolo, — o que resume os dois saloios possiveis ! — reunidos no adro, em attitude : graves, imbecis, immoveis ! O saloio endomingado, que atravessa então por entre elles com aspirações á capella-mór, sente-se na situação de Guilherme Tell, ouvindo apenas... o ruido dos seus passos !

Mas depois quando a missa principia, n'aquella

pequenina egreja de paredes nuas e imagens pobres, onde nunca resôa orchestra, onde o explendor mundano não vae procurar mostrar-se, onde é tudo simples, onde é tudo sereno, onde é tudo sincero, a consciencia sente-se melhor, e pareceu-me mais do que nunca estar em frente de Deus!...

Os lamaçaes haviam de certo assustado as familias mais distinctas do sitio, porque nenhuma assistiu á missa. Emquanto a minha mãe, procurei-a debalde, porque não estava na egreja: os irmãos Condes, a quem me fiz apresentar, explicaram-me porém, que por conselho previdente d'elles proprios é que esta senhora se havia receiado dos caminhos. O caso é, que, palavras não eram ditas, partimos do alto da collina como bandos d'aves!

O declive rapido tentava a saltar, e a romaria escorregando pela relva humida desapparecia veloz, até que — n'um momento! — como pardaes inquietos, a saltar e a rir estavamos na baixa do valle!...

Depois, subitamente, com a presteza com que, diz-se nos contos, as fadas morrem ao nascer do sol, esvaiu-se o encanto, e uma certa melodia perfumada de religião e de simplicidade, *sancta simplicitas*! cessou de repente... A egreja isolada da collina tornou á sua mudez e á sua tranquillidade... E aquelle campo, que, um instante antes, mil gru-

pos alegravam, ficou mudo e monotono como um *libretto* desacompanhado d'orchestra!

Então, á medida que desapparecia a romaria, o valle tomou para mim uma expressão triste e dolorosa! O céo estava de um azul magnifico; o sol doirava os campos; e o socego d'aquelle sitio ignorado não se iguala nem se compara; mas, ao espalhar a vista em redor de mim, para a collina, para os regatos, para a sebe, para a relva, pareceu-me que a verdura do campo, ufana por ter a côr da esperança, me affastava dizendo — que eu nada tinha a procurar alli.

— Que é isto? Que é isto então? exclamei. Estou eu desfigurado a tal ponto que os cães da minha aldêa me ladrem como a um estranho, e estes campos onde corri tantas vezes não me conheçam já hoje?...

II

Quando entrei em casa, cheguei a ter medo da minha alegria. Uma rapariga, que é minha afilhada, saltou-me ao pescoço como louca: minha mãe abraçou-me chorando: o caseiro, que um instante antes arrematára no adro da egreja um magnifico follar para a sua familia, offereceu-m'o a mim com orgulho!

Tão depressa passou a impressão de pasmo, principiaram as perguntas. Que ideia havia sido aquella de ir de repente á aldêa? Porque me lembrára

d'isso tão tarde? Que mysterio encobria o segredo que guardei não prevenindo ninguem? Mas como? Mas porque? Mas até quando?

Tinha saudades da Durruivos! disse eu então. Era-me preciso vel-a de novo, e sentir n'um momento accordar-me n'alma toda a minha infancia, que passou aqui!

Depois, como parecessem acreditar este impeto de saudade, perguntei no tom mais natural e simples:

— E, digam-me, em que vallado aqui perto ha mais giestas?

— Giestas!? disse minha mãe admirada.

— Giestas!? exclamou o caseiro.

— Giestas!? retorquiu a minha afilhada rindo.

— Deus meu! Giestas, sim! Não conhecem porventura as flôres silvestres deste nome, que nascem ahi ao acaso á beira dos vallados?

— Mas estamos no inverno! respondeu minha mãe.

— Estamos no inverno! retorquiu o caseiro.

— Estamos no inverno! repetiu a afilhada.

— E que tem isso?

— Tem, que no inverno não ha giestas!

— Assim como não ha congorças!

— Nem um grande numero de flôres do matto, que apenas veem na primavera!

— Oh! gritei eu como ferido do raio. Oh! meu Deus! Pois é possivel que a vossa crueldade prive

a terra de giestas n'uma estação? E o meu ramo de flôres silvestres, e a minha inspiração, e a minha coragem, e o meu estylo, e a minha carreira, que tudo se prende a essas flôres de condão!?

—Mas, que aconteceu?

—Aconteceu que arrumaram o meu quarto em Lisboa! Que tudo ficou transtornado e perdido! Que eu não tinha de verdadeiramente meu, senão a abençoada commodidade de não saber das coisas, e fazia consistir a minha mais dôce propriedade em imaginar... que não tinha nenhuma! Agora, pobre ephemero! atomo imperceptivel! atravesso o tempo por cima da ponte do presente, — mais delgada que o fio de uma navalha de barba! — entre dois abysmos sem fundo, o passado e o futuro! Ninguem tem nada á superficie da terra, que seja bem seu: nem um quarto desarrumado! Está visto. Tudo illusão! A vida é assim! Tem um homem com que jantar vinte vezes ao dia, uma indigestão fal-o parar á quarta! Possue uma adêga cheia de vinhos generosos, mas não póde beber mais de tres a quatro garrafas por dia, se a enxaqueca do dia immediato lh'o fôr permittindo! Tenha embora trinta cavallos na cocheira, não é capaz de montar mais do que um de cada vez, — a não querer fazer habilidades, como no circo, e correr em tres ao mesmo tempo! Possua finalmente um quarto, tenha uma mesa d'escripta, seja

senhor de uma quantidade de coisas *uteis e agradaveis;* misture tudo bem, confunda, perturbe, altere, esforce-se por alcançar o tom de desordem, do desalinho elegante, de tumulto artistico; ai, tristeza!... o seu quarto é tão seu, como do seu criado, e quando um dia elle tiver o capricho de arranjar as coisas, toda aquella artistica barafunda desapparecerá para sempre, e nem um simples ramo de flôres silvestres, um pobre, humilde, e murcho ramo de giestas, terá o condão d'escapar á raiva implacavel do espirito ordeiro de um gallego!

Quando terminei este soliloquio, observei com reconhecimento que me escutavam estupefactos; a minha eloquencia, porém, suscitára mais cuidado do que admiração, e o caseiro disse a meia voz para a afilhada, no tom plangente de um amigo sincero:

— A modo que o menino Julio não está bom!

Com a maior cautela e o ar mais prudente e compassivo me conduziram ao meu quarto. Tanto o caseiro como a afilhada repetiam entre si com uma admiração misturada de terror:

— Giestas! E vem elle de proposito buscar giestas! Giestas!

Minha mãe, na idéa de que eu os estivesse mistificando, sorria-se para mim, e dizia-me por malicia ao ouvido:

— Com que então, giestas! Querias por força giestas! Tu! Giestas!

Eu proprio dizia-me o quer que era neste sentido, e não escutava diante de mim, atraz de mim, e em mim mesmo, senão o assobiar d'esta palavra :

— Giestas !...

— Giestas !...

— Giestas !...

Entrei no meu quarto, um quarto de ladrilho, de uma frescura assustadora para fevereiro, sentei-me n'uma patriarchal cadeira de couro, que foi movel constante de um tio frade que eu tive, e puz-me a scismar, ao mesmo tempo que examinava tudo que estava em redor de mim. Um espelho, que tinha cem annos, estava sobre um armario que passava de duzentos; uma velha caixa de papelão, que no seu tempo guardara chapeus, permanecia ao canto do quarto, creio que a titulo de enfeite ; uma honesta barra de pinho assentava sobre dois bancos de ferro, em que se davam a todo o instante caneladas horriveis ! O travesseiro estava ornado de umas fitas largas azues e brancas, que seguramente haviam brilhado n'algum cyrio, quando eu em pequeno era festeiro. Uma longa coberta de damasco vermelho, que apenas sahia da arca nos dias festivos da minha casa, symbolisou logo a alegria da minha chegada, disposta a não se recolher de novo senão quando minha mãe me deitasse a benção para eu partir !

Da janella só se avistava a serra e o pinhal, que

se erguiam até ás nuvens, como para me fecharem o horisonte e não me deixarem ver o céo. A Durruivos é uma aldêa ao pé d'Obidos, cavada n'uma baixa, perdida entre montes. Um torrão, onde uma existencia póde ir descançar serena e procurar conhecer as sinceras alegrias de familia. Um logarejo, onde as noites começam quando *principiam*, o que faz justamente que cada um se deite á hora em que, em Lisboa, está jantando cada um. É a vida dos patriarchas... quando os patriarchas se deitavam cêdo! É o destino de Tityre, *sub tegmine fagi*. É precisamente a existencia avessa á actividade e inquietação do candidato a eleições, — aquelle abelhudo, que fica requentado de legislatura para legislatura, moendo a alma a scismar n'uma cadeira, até que, a cair de velho e sem a haver conseguido ainda, pede na phrase derradeira que votem n'elle, confundindo a candidatura... com a extrema uncção!... O que se faz na Durruivos, não saberia eu dizer-lhes bem. Não se lê nem se escreve; já não é pouco!

Conversa-se ácerca do feijão frade e esclarece-se a questão da abóbora-menina, e almoça-se: depois falla-se da abóbora-menina e esclarece-se a questão do feijão frade, e janta-se: finalmente *annota-se* a questão do feijão frade e da abóbora menina, e ceia-se!... Que remedio senão conformarmo-nos com a cantiga popular, e ser cada um:

Da choça, que o viu nascer!

Ha mil occasiões na vida, em que eu haveria pedido a Deus, como consolação suprema, uma hora da doce tranquillidade que alli se encontra. Mergulha-se a alma n'uma felicidade doce e melancholica, sem se pensar em bailes nem espectaculos, sem ver jornaes nem livros, sem encontrar um deputado, um *bas-bleu*, um moedeiro falso, um Dulcamára politico, ou um Pancracio conselheiro!...

Naquelle momento, porém, tanto me opprimia a ausencia das minhas suspiradas flôres silvestres, parecia-me não ser digno da existencia quieta, que Deus reserva alli ás almas desambiciosas e bemaventuradas, e extorcia-me no centro daquelle humilde e abençoado quarto, como um demonio dentro de uma pia de agoa benta!...

De repente, encontrei com a vista uma *folhinha de porta*, classicamente pendurada n'um preguinho; um acaso singular fez que os meus olhos se fixassem no mez de março e no dia 22: li então com um jubilo, que não se descreve, estas solemnes palavras:

« Principia a primavera »

Desde esse instante tudo me pareceu alegre. Estava-se no fim de fevereiro, e eu preferia cem vezes esperar a primavera na aldêa, a partir sem as flôres, que ella devia trazer-me! O jantar nesse

dia teve o ar de um festim, pelo prazer em que estivemos todos. Á noticia de me demorar ainda quasi todo o março na Durruivos, tive uma ovação domestica no estylo biblico do filho prodigo, voltando á casa paterna!...

Minha mãe exclamou, abraçando-me:

— Iremos para casa do Cosme esta noite!... Na Durruivos, fallar-se ao domingo em ir *para casa do Cosme*, equivale a dizer em Lisboa:

— Vou esta noite ao club!

— Vou vestir-me para a *soirée* das Larangeiras!

— Tenho convite para o baile do marquez de Vianna.

— Não posso ir hoje senão tarde para o ministro da Russia!

Cosme — dos homens notaveis falla-se com esta sem ceremonia; ninguem diz «o senhor Garibaldi ou o senhor Luiz Napoleão» mas simplesmente Luiz Napoleão e simplesmente Garibaldi! — Cosme seria o imperador da aldêa, se não fosse dotado de indole tão modesta; o resultado é que se não é o imperador, é o deus do logar, o que vale mais! Por melhores e maiores esforços a que eu me désse para fazer d'elle um romance, não o conseguia, é bom prevenil-os disto a tempo, para que não cuidem que sáe da pelle deste heroe um vulto dramatico, nem comico; honra lhe seja feita!...

É um bom e honesto homem, que cultiva as

suas fazendas, ama a sua familia, respeita os seus concidadãos, e toca guitarra ao domingo! Bem vêem, que não posso apresental-o como um typo original, por mais que queira!

Nas noites de domingo, reunem-se alli as raparigas mais secias do sitio, dança-se, cantam-se modinhas, ouve-se tocar guitarra, e comem-se especiones. As cantigas são ternissimas e gargarejadas no tom mais melodioso e pathetico. A lettra diz assim:

N'uma hora afortunada
Com que amor brindar me quiz,
Nem ao menos por momentos
Eu cheguei a ser feliz!

Subi com a minha amada
Té onde ninguem nos viu!
As nuvens disseram «Basta!
Até'qui ninguem subiu!»

A saudade me flagella
Mas não posso em ti fallar!
O motivo por que peno,
Devo sempre em mim guardar!

Mas se a sorte inda mudar
O cruel destino meu,
Heide ver-te nos meus braços,
E depois voar ao céo!..

As modinhas são escutadas com uma attenção cheia de sensibilidade, e o amphitrião Cosme, ro-

deado de suas quatro filhas, tem o ar de um Young campestre, ou de um Milton com olhos!...

Uma circümstancia que parecia admiral-os, era eu fallar como toda a gente, e ser uma creatura como todas as creaturas, mesmo as das Durruivos.

Elles proprios me confessaram, que esperavam outra coisa, e affrouxaram o conceito em que me tinham, vendo que eu conversava n'um estylo comprehensivel e natural, dizendo coisas ao alcance de todas as intelligencias.

—Elle disse alguma coisa, que tu não entendesses? perguntava baixinho o regedor a sua esposa, roendo um biscoito.

— Intendi tudo! respondia a esposa, desdenhosa.

—Tambem eu! O *home* é fraca coisa!...

Rompiam os pares para um *minuete afandangado,* dança que alli está em moda, mas as raparigas pediam pelo amor de Deus uma walsa, e eu, na idêa de me tornar amavel, escolhi a filha mais velha da casa para meu par. Isto acabou de me comprometter com as notabilidades do sitio; mas em compensação alcançou-me popularidade entre as raparigas. O regedor olhou-me desde esse instante como um ente trivial, e confessou a um compadre seu, que alli estava, que não podia acreditar o que lhe dissera o cura—que os jornaes do paiz fallassem ás vezes a meu respeito!...

Tudo isto se passava com o ar mais grave e circumspecto. Os camponezes, por fim de tudo, não são nada scenicos, nem... interessantes. Enganam-se suavemente os que os acham poeticos! Todas as forças do seu espirito, todas as ternuras do seu coração, empregam-as no solo ingrato em que vae cair, ao sol ou á chuva, o suor dos seus robustos braços. A terra é os seus amores: as tentações, os vicios, e os movimentos das cidades passam por cima da sua cabeça sem elles sentirem! Os pastores são os excentricos do campo! A litteratura é que tem o capricho de inventar Talleyrands de tamancos, e Metternichs de pelle de chibo no joelho. É uma vida e uma natureza áparte, a dessa gente: alli o homem casa-se com a terra, cada existencia é um combate, o homem disputa o seu pão ao solo, o animal devora o animal, e, de cima abaixo da escalla, no centro das harmonias naturaes, ha lucta, morte, e remoçamento, desde o insecto que zumbe, até á folha que brota ao primeiro sopro d'abril!

III

Retiramos ás dez horas da *soirée* do Cosme; fui logo para valle de lençoes, e toda essa noite a dormi de um somno. Não ha coisa mais consoladora do que dormir na aldêa, em cama feita pela nossa mãe. O colchão era de lã, a mais bem batida; a

coberta de retalhos, que substituia a de damasco durante a noite, fôra obra da sua applicada paciencia; o travesseiro de folhos, e a fronha arrendada da almofadinha, revelavam a dedicação, a meiguice, a caprichosa affeição materna; tudo que ha de mais simples, e maior!...

As noites são alli de um socego abençoado. Apenas sobre o tojo que cobre a rua, se ouve ás vezes o surdo ruido de passos. De madrugada já tudo estava de pé em casa; passavam pelo corredor a cada instante, corriam por um lado e outro, e a voz de minha mãe, não fazia senão pedir isto, recordar aquillo, aconselhar, recommendar, apressar, instar! Que se passava pois? Qual o acontecimento extraordinario que punha em movimento a tranquilla habitação da Durruivos? Ia amassar-se o pão!...

E eu voltei-me para outro lado, concheguei a roupa ao corpo, e, no mais doce estado, principiei a meditar quanto este mundo é ingrato.

Escreve-se ahi a biographia de quanto escriptor tem vivido da penna, de quanto actor tem repetido sobre o palco com uma acentuação mais ou menos calorosa as palavras que um auctor juntou; tem-se levantado estatuas a todo o commediante social, que haja prestado o seu contingente para os progressos da farça publica; um homem apenas foi esquecido; um grande vulto! um grande poeta! um grande philosopho! — O inventor da cama!...

Assim exclamava eu, cheio de convicção e de magoa. Esquecerem-se d'elle, impios! Delle, que não se esqueceu de nós! que se occupou do repouso do homem! que attendeu á commodidade do proximo! que quiz para os outros o que cada um quer para si, — estar deitado!...

Oh! A cama! Ella não se inventou nem para o amor, nem para o casamento, podem crer-me, inventou-se... *para dormir!* ainda que me sinto inclinado a suppôr, que o caracter e o destino do homem dependem do leito em que sua mãe o concebeu! Uma cama solidamente construida deve proporcionar á humanidade uma creatura de tempera rija, constante e firme, em quanto um leito tropego, desengonçado e velho, que verga, range, e estalla, não alcançará nunca ao mundo senão um ente inquieto, nervoso, phrenetico, infeliz para si e para os mais!

Estar deitado é uma felicidade: estar bem deitado, é a *felicidade!* a felicidade suprema, absoluta, completa! E D. Basilio desdenhava-a, o bronco! quando todos lhe aconselhavam o repouso:

> Vad'a letto Don Basilio
> Vad'a letto, a riposare!...

A digestão do somno é um dos actos mais indispensaveis á elaboração das idêas. Eu conheço pelo estylo a situação e a hora, em que os auctores escreveram. Ha periodos palavrosos e ôccos-

que seriam difficeis de formular, mesmo por tentativa, por habilidade, por *tour de force*, n'uma occasião em que o espirito estivesse feliz, e denunciam irresistivelmente o *tom menor* de um escriptor, que precisa encher um certo numero de paginas, sentindo-se obtuso, nublado, estupido!

A dormir é que se conhece o espirito da creatura! Os que dormem de boca aberta na attitude de uma pessoa extenuada e abatida pela agitação do dia, são por via de regra homens de pensamento ou de actividade; jornalistas, commerciantes, typographos, actores, empreiteiros, revolucionarios, philosophos transcendentes, chimicos, e distribuidores de jornaes!... Os que roncam com uma energia petulante, são, quasi sempre, directores do banco, do contracto do tabaco, dos caminhos de ferro, do asylo da mendicidade, da casa-pia, de uma companhia de seguros, ou de qualquer estabelecimento que prospere! São homens felizes, graves, independentes!... Com a lingua de fóra, dorme de ordinario a gente que não faz nada; ministros, ourives, janotas, deputados, conselheiros, e directores do conservatorio!... De bruços, na attitude de quem se affoga, dormem os poetas, os mendigos, os amanuenses, todos os infelizes que habitam a terra!

Não é homem de circunspecção, todo aquelle que não meditou alguma vez nos encantos da cama, extasiando-se das horas doces e rapidas

como os instantes do céo, em que a nossa alma se recorda e o nosso corpo adormece! A carta da mulher que nos ama, deve ler-se ao voltar do theatro, quando as janellas de nossa casa estão fechadas, os ferrolhos corridos, a visinhança tranquilla, e que em redor de nós tudo dorme! O relogio de uma egreja faz então soar lentamente duas horas, dando-nos a certeza de que nenhum importuno nos visite, nos procure, nos queira ver a essa hora, deixando-nos entregar a imaginação e a alma a uma idêa só, uma unica idêa. — Ella!... É na cama que se inventa, planeia, medita, resolve o que ha de mais serio para a existencia, para os destinos sociaes, para a politica, para a gloria, para os interesses, para o amor! Alli aboboram as ideias, alli se formulam e robustecem as resoluções mais energicas e mais abençoadas! É o prologo da gloria! É o drama da razão!...

Por isso demorei-me muito tempo a scismar nas coisas d'este mundo, em muitas do outro, e n'algumas que não são de mundo possivel, até que bateram de mansinho á porta do meu quarto, e a abriram depois do classico: «Dá licença?»

Era o caseiro, que vinha fazer-me a barba. Elle é feissimo a toda a hora, mas mais feio ainda de manhã! Encheu-me de pasmo! Uma physionomia entre o estylo Judas de palha e o estylo cão perdigueiro; suissa esguia, que lhe serve de moldura a um rosto longo e espalmado, como um

rabo de peixe espada; os seus cabellos são de uma dissimulação extrema, ninguem dirá que são cabellos; parecem tirinhas daquellas casemiretas sal e pimenta dos casacos do Nunes algibebe: é burlesco e presumido: costella de Quasimodo e fumaças de Phœbo: ha uma coisa com que elle não se parece nada,—com um homem!

—Menino Julio? disse, já de toalha no braço e cafeteira na mão. Vamos a isto?

—Que lhe havemos nós fazer!

—Pois então, é pôr-se a pé!

—Tens essa navalha bem afiada, homem?

—Parece vento norte! Corta, que leva tudo!

—Salvo seja!...

Assim que me apanhou vestido, e sentado na cadeira do tio frade, o maldicto deu-me uma ensaboadella de tal qualidade, que me achei das proporções scenicas do convidado de pedra; todo eu estava branco, de sabão! A gente da casa estava ás portas, e quando, um momento antes de começar as suas funções, o caseiro se benzeu, ouvi no corredor um prolongado «Credo!» de susto, que me deixou entre o medo e o riso.

—Faz você o signal da cruz?

—Sempre é bom.

—Á cautela, hein! Quando elle se benze nestas alturas, que farei eu?!

Não me foi possivel continuar a minha allocução, porque senti alguma coisa dentro da bocca

e alguma coisa dentro do nariz... — eram os dedos d'elle!...

Meia hora depois, como escapasse milagrosamente do perigo que correra, observei apenas que me tinha deixado a barba... apesar de me ter levado a pelle!...

— Oh! homem exclamei. Você é descendente do barbeiro do Nicoláo Tolentino?!

— Bem póde ser que seja! disse elle, pensando.

— Por força é! As mesmas qualidades! O mesmo merecimento! O mesmo estylo!

— Olhe lá! ponderava, dando-se ares de peralta.

— Nicolau Tolentino, mestre de meninos e poeta de fama...

— Esta feito!

— Foi uma occasião a certo barbeiro que tinha exactamente os dotes delicados de vocemecê!

— Não diremos tanto... — replicava com modestia o meu lanzudo interlocutor!

— Diremos; diremos, por ser justiça. A galanteria do caso, porém, está em que, quando ao pagar a obra o poeta sentiu a cara em sangue e a barba por fazer, não quiz, por maior largueza, aceitar o troco ao mestre, — circumstancia que o maravilhou a ponto de o embasbacar.

« Pois vossa senhoria, entrega-me a de doze inteira, e desdenha a demazia?» — «Não desdenho!» redarguiu o poeta. Antes a dou por bem empregada

em official de tanto prestimo e raridade. Barbeiros, que levam coiro e cabello, ha-os por ahi ás duzias, e são os máus; dos que levam o cabello e deixam ficar o coiro, alguns existem felizmente, e são os bons: mas vocemecê, mestre, leva o coiro e deixa ficar o cabello! Destes é que eu ainda não tinha noticia, e são os raros!

O caseiro riu muito com a historia, e mettendo a navalha na algibeira atravessou triumphante por entre a gente de casa, que o cobriu de louvores... por eu ainda estar vivo! Como a gloria é febril, intendemos dever refescar o seu justificado orgulho, e largamol-o na adega á agua-pé, indo nós almoçar em acção de graças!...

Assim principiou a vida de aldêa, a que alli me propuz, na esperança de alcançar dentro em dias o meu ramo de giestas, ramo de condão, ramo de felicidade e de futuro, ramo da esperança e da fé!... Ás manhãs, ia á horta passear, outras vezes para a eira ver nascer o sol, ou, o que ainda era melhor, apesar do fevereiro não ir frio, ficava na cama a fumar e a olhar a serra! Ás tardes, dava-me a visitar quintas e casaes, ou a ir passar o dia a algumas das terras visinhas, Cadaval, Obidos, Caldas, e as aldêolas que lhes ficam em redor. A primavera era a minha idéa fixa, mas, em quanto ella não chegava, que remedio... senão esperal-a?!

O Cadaval é uma villa pequena, em que pouco

ha para ver, e bem pouco para referir, depois de se ter visto tudo — uma egreja e uma quinta!

A egreja foi fundada pelos habitantes, e tem de curioso dois quadros da celebre Josepha de Obidos, o da *Senhora do Rosario*, e o da *Circumcisão*.

A quinta é a chamada de Dona Amiga, que tem uma deliciosa alameda, a que só falta, para se tornar de proporções buccolicas, uma senhora em *blouse* branca, recostada brandamente n'um kioske, lendo *Fanny* ou as *Folhas cahidas*, á hora em que baixa o sol. *Fanny* no Cadaval?! Porque não? se ha uma alameda bem copada e bem fresca? porque não, se houver uma senhora bem crystalisada e bem romantica! Ó amor! Amor! As artes consagram os teus milagres e os teus crimes até: porque não encontrei eu então nenhum cupido de pedra naquella alameda, por velho e esôpo que fosse? Uma alameda sem um cupido, não é alameda! É só por ti, amor, que se anima o marmore, e que a têla respira!...

Debalde se procura no Cadaval o palacio dos duques. Encontrei apenas dois pardieiros velhos, tisnados pelo sol e abalados pelos invernos: um delles é o celeiro, e o outro a adega do duque de Cadaval; a adega é para as jogadas, e o celleiro para os dizimos!...

Uma coisa que ha alli para ver e estudar, é o

barbeiro principal da villa, artista sobrecarregado de profissões, e que acumula despejadamente os seguintes cargos :

Barbeiro !

Dentista !

Sangrador !

Curandeiro !

Amolador !

Torneiro !

Supplente d'escrivão de fazenda !

Escrivão do juiz eleito !

Quando descerá elle a ser deputado... para perder tudo isto ? !

O itenerario do Cadaval ás Caldas, a não ir procurar a estrada real, não é nada complicado : charneca ! charneca ! e mais charneca !

Todavia que pontos de vista, que effeitos d'horisonte, que bellezas d'optica, por aquelles campos agrestes de matto selvagem ! Ainda que se torça um pouco o caminho, vamos sempre visitar a *Dos Negros*, aldêola em cima de um cabeço, — patria daquelle Pedrinho dos *Contos ao luar*. Sorri uma pessoa tristemente ao encontrar alli uma egreja que votaram a Santa Maria Magdalena, — aquella primeira *dama das camelias*, a quem o amor e a fé purificaram ! É uma simples casa branca, humilde e tosca, a resguardar-se sob a ramagem de um sobreiro. A historia d'este sobreiro vive ligada á historia d'este templo do ermo. — Conta-se

que, uma occasião, um pastor do monte fôra encontrar as suas ovelhinhas ajoelhadas diante da arvore: o pobre filho da serra ficou sem saber o que cuidar; as ovelhas conservaram-se de joelhos olhando para o sobreiro, como inspiradas : dir-se-ia vir de uma alma o olhar d'ellas n'esse instante ; o pastor acercou-se e viu n'uma toca da arvore a imagem da Magdalena ; então, como contasse isso aos outros guardadores de cabras, a noticia espalhou-se, e a gente dos arredores fez levantar á sombra do sobreiro um templo consagrado ao milagre d'elle !...

Parece que nos primeiros tempos era esta aldêa senhoreal a uns fidalgotes de cor tão bronzeada, que lhe puzeram de alcunha os negros. Hoje já nem se sabe alli de tal familia, e o povo do logar reduz-se a trabalhadores d'enxada, e a cabreiros; todavia é de uma physionomia especial aquella gente! Ha tristeza, ha saudade, ha desesperança, ou remorso no seu olhar. Ha logarejos assim, em que toda a gente tem o mesmo caracter e o mesmo semblante ; n'alguns, todos os homens são poltrões; n'outros são pimpões todos elles ; n'este, todas as mulheres são velhas ; n'aquelle todas são bonitas, moças, frescas, seductoras. Os filhos da *Dos Negros*, teem mais physionomia de prisioneiros do que de aldeões ; não ha o tom innocente e campestre no seu rosto, que em vez de se contrair com mobilidade quasi convulsiva, per-

manece frio, resignado, severo. Diz comsigo quem os vê: — O soffrimento passou por aqui, e não foi sem se fazer sentir: em vez de encontrar uma alma de bronze, encontrou uma creatura fraca; a lucta foi cruel! Cada um d'estes homens, cada uma d'estas mulheres, perdeu um filho, que o recrutamento lhe roubou. Haviam-o creado com as lagrimas abençoadas do trabalho e da esperança; um dia, quando elle estava um homem, e que os seus braços iam servir de arrimo a seus paes, elles viram roubar-lhes o filho, e áquella suprema dor de familia respondeu-se apenas seccamente, cruelmente, impiedosamente :—«É a lei.» A lei!

Fallar n'isto á gente do campo é assombral-os. Se na vida dos aldeões ha ás vezes rasgos magnificos e acções completas, é porque n'elles tudo é natural e sem arte; obedecem sempre ao grito da natureza; a sua astucia, tão singular e caracteristica, é um desenvolvimento do instincto humano.

A lei! E falla-se-lhes de similhante coisa, a elles, que nem teem tempo para reflectir, e que encontram apenas o pensamento, como a fé, tão robusta na sua alma, no momento em que fazem uso da razão!...

IV

Em quanto ás Caldas da Rainha, assim que eu lá chegava, a primeira coisa que fazia era ir procurar a Malhôa!

Nas Caldas ha tres hospedarias notaveis: a do Miranda, que é a melhor; a do José Paulo, que é soffrivel; e a da Malhôa, que é detestavel. Mas nem o José Paulo nem o Miranda são *historicos*, e a Malhôa é *classica;* logo escolho a Malhôa...Consta-me de mais a mais que os srs. José Estevão e Rodrigues Sampayo, é para alli que costumam ir todos os annos, e visto a Malhôa ter tido a parte politica do jornal, que eu collaboro com mais effectividade, quero tambem que ella tenha o folhetim!

A Malhôa é uma velha pequena que propõe sempre biffes com salada para prato do meio, tem dois quadros na sala de jantar, representando a rainha Santa Isabel dando beija-mão, e um paliteiro de louça sobre a mesa, com a fórma de um enorme coração sobre uma tripeça!...

Caldas da Rainha é inquestionavelmente uma linda villa; grave, vistosa, enfeitada. O passeio é cem vezes mais bonito que o de Lisboa; chamo um passeio ser bonito, ter muitas arvores e muita agua; isto é,—muita frescura e muita sombra.

Tenho grande consideração pelos senhores camaristas, mas tenho ainda maior consideração pelo sol, e parecer-me-hia cordato que o passeio publico de Lisboa não fosse destinado a ter apenas sombra... á noite!...

O que poderia evitar-se com infinita vantagem para o passeio das Caldas, é a maldita azenha,

que empesta o ar, e que faz que o passeio seria lindissimo... se não cheirasse mal! Pela felicidade de quem me está lendo aqui emprehendo eu já dois votos,—são a desejar-lhe que não cáia nunca em duas coisas, servir de neto n'uma toirada, e tomar banhos das Caldas! Ah! como aquellas aguas são ascorosas!... Tentei visitar o hospital, que é realmente um estabelecimento de uma utilidade infinita e de recommendavel caridade, mas fugi a correr do primeiro quarto de banhos em que entrei: que atmosphera insoffrivel de noite de indigestão! O hospital tinha nessa occasião cento e oitenta e tres doentes; oitenta e tres mulheres, e cem homens. Dispensei-me de os vêr. Como é feio um rheumatico! E como devem ser feissimos cento e oitenta e tres rheumaticos... reunidos!...

Depois de visitar a rua da Olaria, em que ha um ramo de porta em porta, como promettendo um futuro monumento a Baccho; de examinar os classicos bois de louça e as bilhinhas de segredo; de comer cavacas para me encher de *côr* local: e de visitar o club, que é no tempo dos banhos o ponto de reunião da sociedade elegante, dei Caldas por vista. Antes de a deixarmos, porém, já que fallei do club, consintam que eu registre uma circumstancia galante: no club durante o verão, dança-se todas as quintas feiras por obrigação, e todas as noites por devoção: a 15 d'agosto dá-se o chamado baile grande: como a affluencia é enorme,

pede-se ao governo a casa da convalescença, contigua ao hospital, por mais espaçosa, e alli se dá a festa — do que resulta que o baile do *club*... não é no *club!...*

No momento em que eu ia partir, vi apear-se da diligencia de José Paulo uma meia duzia redonda de amigos meus, roxos como sorvas, que me pediam para lhes ser *Cicerone* durante a tarde; dirigiam-se ao Porto, n'uma viagem de *touristes*, sem pressa, sem cuidados, e sem somno, — tres grandes condições em jornada!

A caravana compunha-se de:

Dois medicos!

Um philosopho!

Dois janotas!

Um sacerdote!...

Eu destinava ir jantar á Durruivos, mas mudei de idêa, assim que os vi. Cada um d'estes heroes d'estrada levava uma fome de prisioneiro e uma sêde de salteador! A genebra e a hortelã pimenta haviam-lhes refrescado a palavra durante todo o dia, a pretexto de que a agua podesse fazer sezões. Quando principiaram a comer, o estomago de cada um d'estes cavalheiros era anatomicamente uma caçarola, em que cozinharam tudo em espirito de vinho!...

Conversou-se muito, e conversou-se com viveza, porque cada um tinha o seu forte e o seu fraco especial de caracter, que dava pretexto ao tiroteio

de epigrammas. O sacerdote e o janota *saudades*, — chama-se-lhe assim, para o differençar do seu homonymo, o janota *Morpheu!* — eram dotados de teimosa mania philarmonica ; o philosopho contava anecdotas frescas... como carapinhada ; um dos medicos improvisava aos montes e valles quadras dignas de um palmito ; o outro timbaleava o seu proximo mettendo todas as phrases a bulha; e o janota *Morpheu* com o melhor ar de *gentleman*, dormitava em pé, dormia sentado, e roncava em se deitando!...

Discutiram-se os pontos mais delicados da sciencia, e da natureza ; questionou-se sobre medicina, sobre politica, sobre jogo de bola, e sobre o coração humano ; concluiu-se que a vida é uma doença... de que se morre.

Mostraram-nos a litteratura da terra. Caldas da Rainha tem a sua George Sand, a sua Mademoiselle des Touches, a sua Beecher-Stowe : a differença apenas é que esta senhora, que se chama, creio eu, D. Margarida de Saboya, limita-se a auctora de letra de mão, o que não permitte que a fama de suas producções passe para lá do Cazal dos Ovos, nem para cá do Pocinho!...

A vida, exercendo-se por tres orgãos principaes, a cabeça, o coração, e o estomago, — iamos todos ficando, depois do jantar, tontos por causa da cabeça: com uma indigestão por causa do estomago: e namorados por causa do coração. Na-

morados ao acaso, e sem saber de que;—diga-se isto em tempo para que se não cuide que eram influencias da inspirada lyrica das Caldas, que póde ser em rhetorica da força de Cornificia, de Isabel de Rozares, que foi prégadora em Barcelona, ou de Francisca Lebrixa, que teve cadeira de eloquencia na universidade de Alcalá! mas a quem, com pesar se diga, nem a edade, nem a belleza se dignam auxiliar!...

Logo alli se tratou, em estylo de grandes homens... depois de jantar, se as mulheres de lettras conveem ou não ao homem. Disse-se primeiro que os que escolhem as muzas para esposas, morrem doidos. Disse-se depois que os que as escolhem para amantes dam-se excellentemente. Disse-se em seguida, que um littterato podia ser amante de uma senhora que fizesse uma *poesia*, mas só devia ser marido da que soubesse fazer *uma camisa*. Disse-se finalmente, que ainda havia melhor do que isto, e era nem ser amante da que faz poesias, nem marido... de nenhuma!

Achei de mais!...

O encanto da conversação e a febre d'amisade (velho estylo!) não tiveram por mais tempo o dom de me reter, e depois de alguns brindes enthusiastas e dos convencionaes abraços da despedida, apartei-me deste doce gremio, enchi as algibeiras de cavacas, montei a cavallo, e segui para Obidos, que eu estava ancioso de tornar a

vêr, porque não ia lá desde creança. Todavia não me levava o desejo de observar a villa, porque não ia a Obidos para vêr Obidos, mas para vêr o beneficiado Malhão, desejo que se comprehende facilmente no nosso seculo, em que a homenagem prestada ao talento é porventura a religião mais sincera!

Encontrei na estrada uns almocreves, e um pobre homem que ia pela primeira vez áquelles sitios a visitar um compadre que tinha na do Lobo, aldêa notavel pelas caçadas aos lobos que lá ia fazer a rainha D. Maria I até ao dia em que viu um, e em que trepou por uma arvore, gritando cheia de susto: Ai o lobo! Ai o lobo! Ai o lobo!... Os almocreves entretinham-se em contar ao bem intencionado caminhante as historias mais atterradoras de ladrões d'estrada, rindo entre si dos sustos, que deviam despertar-lhe. O homem, que ia ouvindo tudo com a attenção mais delicada, esbugalhava os olhos á proporção que ouvia enumerar a quantidade de salteadores, que estes resolutos almocreves haviam assassinado ou posto em fuga.

—Só eu á minha parte matei quatorze, n'uma tarde, de quarta-feira de cinza por tal signal! disse um.

—E olhe que elles não tardam comnosco! Vôcês verão! Ahi mais adiante é o covil d'estes demonios!...

—Vocemecê é lá da cidade, senhor? perguntou um d'elles ao viandante.

O homem respondeu por um gesto affirmativo.

— Em que se emprega, se não é segredo?

— Sou cerieiro.

— Benza-o Deus! Pena é que d'aqui a nada tenha de se derreter com o medo, que nem uma vella de cebo!...

— Não me derreto assim! Tenho visto ladrões de todos os feitios, e, mal comparado, ainda mais mal encarados que vocês!...

— É favor que nos faz!

— Ainda não ha muito tempo, que ao pé de Evora me achei em bons assados! Conhecem o logar da Sempre-Noiva?

— Temol-o presente como se nunca o vissemos!

— Pois bem, é um logar memoravel, pela historia da namorada de Camdabul, que quatro vezes casou, e a quem sempre morriam os maridos, tão depressa Candabul lhe apparecia: a justiça, que já estava de aviso, deu sobre ella e prendeu-a; os paes da pequena casaram-a outra vez, levando-a a outra parte, e com um rapaz chamado Fabricio, homem rico, que morava n'uma quinta sua, ou herdade, onde tinha um pomar fresquissimo; e porque quando lhe levaram a mulher, a gente d'aquelle sitio lhe chamou a Menina Sempre-Noiva, por ter sido quatro vezes casada em pouco tempo, se ficou chamando áquelle logar, onde moravam, d'alli por diante a Sempre-Noiva.

— Mas os ladrões? Que é dos ladrões, com dez mil diabos.

— Já lá vamos, não se me secca a bocca! Um rapaz que me acompanhava, agarrado com pérdão de vocês, ao rabo do macho, como é costume n'aquellas terras, assim que chegamos ao logar citado largou a gritar e a fugir como se tivesse o démo no corpo, e, palavras não eram ditas, surde-me um pimpão de cabello á escovinha e barba até á cintura, e, atraz d'este, outro pimpão de barba aparada e cabello até aos rins, sem fallarmos n'outro que vinha atraz d'estes, que fazia caracoes nas sobrancelhas...

— Safa! diziam os almocreves, principiando a tomar a coisa a serio. E depois?

— Depois, vou-me ao de cabello á escovinha, espéto dois dedos da mão, que lhe levo direitos á cara, com tal felicidade, que, ao tirar-lhe os olhos, fil-o morrer com a dôr!

Os almocreves olharam-se em silencio.

— E os outros dois?

— Os outros dois ficaram sobresaltados pelo meu desembaraço, e foi o que me valeu, porque me deu tempo a tirar a carabina ao morto, e disparar logo um intelligente tiro sobre um dos miliantes, que soltou o ultimo suspiro cobrindo-me com um olhar de admiração!

— Mas o terceiro? exclamaram os almocreves. O terceiro por força teve tempo de lhe dar a você, cabo do canastro!

— Pois isso é que foi o diabo!

— Porque?

— Porque, conforme lhes disse, eu matei os dois...

— Está sabido, mas o terceiro?

— O terceiro, aquelle galfarro de nem eu sei o que diga...

— O que fez?

— O terceiro, sou obrigado a confessal-o, matou-me a mim!

Os almocreves contemplaram por um instante em silencio o cerieiro, depois, sem se inquietarem nem se rirem, mudaram de conversa n'um minuto, que foi justamente o minuto que mediou a chegarmos a Obidos.

Na occasião, porém, de passarmos pela capellinha do Senhor da Pedra, não quiz dispensar-me de dirigir a palavra aos almocreves para me informarem da tradição.

— Como é a historia deste milagre, senhores? perguntei-lhes, tirando o meu chapéo.

Elles olharam-me com um ar insolente, e responderam com a maior rapidez:

— Isto não é historia!

— Não é historia?

— Talvez que o seja... para os judeus!

— Perdão, perdão, repliquei. Se vocês quizeram interpretar historia como conto, já aqui lhes declaro que não tive similhante idêa. O que eu de-

sejo simplesmente que me informem, é de como se passou este acontecimento, tão memoravel para o povo como para a religião!

— Ah! Então diga-nos isso! Saberá vocemecê que vivia aqui neste sitio um homemzinho, que andava com uma demanda, em grande risco de a perder porque o seu contrario era pessoa de teres, e tinha comprado os juizes a poder de dinheiro; a justiça era toda do pobre homem, mas, como elle tinha a bolsa vazia, o tribunal não lhe entendia as razões, que é o costume d'aquelles phariseus! Uma noite em que elle estava a gemer, a gemer, lastimando a sua sorte mal agourada, ouviu uma voz de dentro de uma pedra dizer-lhe por estas palavras:

— Descança! justiça te será feita!

Elle ficou como o outro que diz com o credo na bocca, mas logo viu que aquella voz tinha um som abençoado e lhe fallava para bem. Foi-se deitar mais esperançado, mas, como nas outras noites, coisa de pegar no somno foi-lhe impossivel: voltou na noite seguinte a sentar-se á sua porta, e a gemer as suas desventuras como de costume, porque era dado a fazer lamuria dos seus desgostos, e desta vez ouviu claramente a mesma voz da vespera dizer-lhe de dentro da pedra:

— Vae amanhã ao tribunal que lá estará a sentença escripta com sangue!

O homem levou a noite aos pulos sem saber

o que cuidar, e, quando na manhã seguinte foi tratar do seu negocio, já a sentença estava dada em seu favor! Este caso foi fallado em Obidos, e logo se passou a examinar o sitio do milagre, encontrando-se na pedra, que estava escondida entre carrasqueiras, a imagem do Senhor. D'aqui se espalhou sua fama e virtude, a ponto de se mandar construir aquella grande egreja do Senhor da Pedra, que alem está, para lá se depositar a imagem; os bois, que acarretaram a pedra para o templo iam buscal-a e voltavam sem ninguem os guiar, tudo por força divina! O Senhor, porém, não queria parar na egreja nova, e fugia de lá de noite para o local das carrasqueiras, que cercavam a casa do homem da demanda. Isto fez por aqui um tal borborinho, que não houve mais remedio senão levantar uma capella no sitio da apparição, e depositar n'ella o Senhor, mandando outra imagem para a egreja grande. Tudo o que lhe digo, quer vocemecê creia, quer não, passou-se por esta maneira, e ha mais de um, que sabem do caso a fundo e lh'o podiam contar melhor do que eu!...

A este tempo, já hiamos passando pela egreja do Senhor da Pedra, de uns resaibos de architectura no estylo italiano, mas sem a côr grandiosa que as suas proporções em verdade notaveis exigiam. Fazem falta as torres a esta egreja alegre e elegante, uma das mais bonitas que tenho encontrado. As suas quatro frentes, o seu telhado vi-

drado, e as suas paredes alvas de neve, destacam gentilmente nas ruinas daquella villa illustre. O interior do templo é espaçoso e festivo, mas a imagem do Senhor é por tal fórma grutesca e desforme, que a impressão mais solemne e grave corre o perigo de se transformar n'uma impiedade. Mais adiante, como que ao sair da villa, encontra-se uma memoria, que representa Nossa Senhora com o Filho nos braços. São duas figuras de pedra, toscas e incorrectas, mas que, estas ao menos, não despertam a irrisão nem o menospreço. Ao fundo, gravado com tinta preta, lê-se este soneto:

Caminhante, suspende um pouco os passos !
Fita os olhos no quadro doloroso
Da terna Mãe, que o Filho affectuoso
Sustenta morto sobre os debeis braços !

O Filho, que dos celicos espaços
Veio remir o mundo criminoso,
E posto no patibulo affrontoso
Quebrou da raça humana os ferreos laços !

Salve ! lhe diz : ó Mãe da humana gente,
De piedade e d'amor fóco divino,
A voz do passageiro ouve clemente !

Reza a Salve, oração do peregrino !
Pede-lhe a benção ! curva humilde a frente !
Faz o signal da cruz ! vae teu caminho !

Entrando em Obidos, procurei logo anciosamente a casa de Malhão. N'uma das estreitas viellas desta villa de tão memoravel tradicção, n'uma casa pequena e humida, eu fui encontrar o poeta sagrado, pallido, extenuado, abatido pela febre de uma fervorosa alma, que se debatia nas prisões terrenas entre soffrimentos e amarguras, votado á existencia humilde a que se condemnara, e que a gloria do seu nome ia debalde illuminar. Estava no seu quarto d'estudo, um quarto escuro e humido, pequeno para os seus livros e para elle.

Malhão era um vulto de uma elegancia extrema, A fórma está tão despresada no nosso tempo, graças ás invenções dos alfaiates e ás imitações da moda ingleza, que é quasi uma coisa esquecida o aspecto do corpo humano, esse nobre poema cantado em estrophes de marmore pelos divinos artistas gregos! Quando, por um acaso, se encontra um typo viril, gracioso e sympatico, sente-se já um movimento de surpreza, como se estivessemos em presença de um ser desconhecido. Nem o homem tem já a consciencia da sua fórma propria!

Alto, robusto, de proporções bellas, e correctissimos contornos, mal se esperava da virilidade da sua figura a candida e sincera expressão d'uma physionomia suave e attrahente, em que brilhavam dois olhos vividos de luz e de alma! Alli vivia melancholico, doente, e scismatico, envolvido nas suas roupas de brixe ou no seu longo capote,

lendo, escrevendo, ou sonhando. Evitava elle os homens de proposito? Sentir-se-ia no isolamento mais perto de Deus? A esse tempo, tinha sessenta e dois annos ; alvejava-lhe toda a cabeça, em que devia ficar tão bem — tão bem ! uma mitra ! A sua conversação era ainda viva e facil ! tinha, ainda fogo e poesia o seu olhar ! o seu typo representava a força, os seus movimentos a graça, o seu espirito o genio ! Era grande, era magestoso e bello ! Deus poderia deter-se, e dizer contemplando-o : É um homem !...

Conversámos de litteratura e de poesia.

Elle mostrou-se um sincero enthusiasta pela fórma, e disse-me que nunca deviam accusar um escriptor de ser escravo d'ella, já que assim teimam em chamar ao gosto e escrupulo com que se lhe attende ; que nenhuma coisa póde no nosso tempo distinguir devidamente um talento litterario senão o estylo. Tudo isto na sua conversação, sahia fluente e poetico, entrelaçado de comparações e de imagens. A seu ver, era preciso não ter para com o publico condescendencias da moda, prestando-se um auctor a seguir o capricho da multidão, em vez de a dominar e conduzir ; que cada talento tem a sua maneira e deve conserval-a : nada se lucra, antes ha sempre a receiar e a perder, em forçar a imaginação dirigindo-a para uma ordem de trabalhos a que a sua indole se recuse ; que não ha nobreza, nem independencia, nem as-

pirações n'um talento sem força e sem vontade; que não insista em educar a multidão em logar de lhe obedecer, e se atire á onda de auctores da moda, querendo imitar-lhes o genero, só para se esquivar ao trabalho, á paciencia e á lucta, para um dia se encontrar repellido de uns e outros, sem collegas, sem leitores, e sem publico, por ninguem o querer, como Judas, a quem o proprio Satanaz despede: tanto elle lhe deshonra o seu abysmo, por não haver lá condemnados iguaes a elle, dizendo-lhe: — «Do meu parricidio ao teu, ha a differença da virtude; eu fui ingrato sem baixeza, e rebelde sem cobardia! » Vender o talento, prostituir o genio, é um crime sem nome. A imitação é o dom dos fracos! Quando cada um não quer ser quem é, arrisca-se a ficar ninguem!

Oh! Como nós conversamos n'esse dia: ao deixal-o, apartei-me saudoso d'Obidos, que tanto vale dizer que me apartei do poeta, porque Obidos n'esse tempo não era mais do que Malhão, e hoje Obidos não é nada.

Pagou-lhe mal a sua terra, e a gente que o cercava pouca saudade pareceu sentir quando a sua alma voou para Deus. O seu enterro, que deu logar a tantas miserias, que nem se citam, foi acto indifferente para os d'alli.

Poucos o acompanharam na vida; na morte não o acompanhou nenhum. Uma frieza glacial pareceu acolher a queda do poeta sagrado, que, to-

davia, para as glorias da localidade, significava a queda completa daquella villa outr'ora illustre. Coisas de portuguezes! A poetica Allemanha symbolisou por uma fórma bem diversa a morte de João Paulo. Não era um cavallo de batalha coberto de crepe, que acompanhava o feretro d'aquelle que combatera tanto tempo pela causa do bello e do bom; melhor espectaculo, e maior gloria foi: — um principe vestido de lucto levava n'uma almofada bordada a oiro o ultimo manuscripto do grande homem, o seu livro incompleto da *Immortalidade da alma:* acompanhava-o um povo inteiro, e erguiam-se córos entoando o hymno de Klopstock: — Erguer-te-has, ó alma!

O pobre Malhão, porém, morreu pobre e só, ao canto da villa onde vivera, sem o intender ninguem; e os senhores ministros da nossa terra, que teem sempre dinheiro e pachorra para mandarem patetas passear em commissões, nunca encontraram maneira de estabelecer uma pensão a uma irmã do poeta, senhora idosa que ficou em desgraça, e que havia sido a companheira constante da modesta e sublime existencia do primeiro orador sagrado do nosso paiz!

V

Já estava expirando o dia, quando eu voltei á aldêa. Como tudo era sereno em redôr de mim!

O hymno da melancholia parecia resoar de todos os lados, saindo dos bosques, das aguas, e das flôres; as aves cantavam e beijavam-se por cima da minha cabeça! A cada instante me demorava a observar o aspecto, que apresentava aquella terrinha, ignorada do mundo, que me apparecia ao longe! Calculava a direcção da sombra, as arvores, os objectos elevados e dominantes, que poderiam guiar-me ao meu caminho. Por toda a parte o silencio, quebrado apenas, a intervallos, pelo canto dos rouxinoes, ou pelo ruido da folhagem que o vento agitava! A lua, pallida ainda, já erguia no horisonte côr de purpura o seu disco prateado, e se inflammava pouco a pouco pelos ultimos olhares que lhe dava o deus do dia.

A natureza nos seus menores effeitos desenvolvera riquezas de variedade, que se não dizem: as paizagens pareciam desenhadas a traços largos por um admiravel colorista. Lembraram-me as tardes da minha infancia, as merendas com as creanças do sitio, á sombra da arvore que meu pae mandára pôr, ao lado das flôres de que minha mãe se toucava, ao pé dos fructos que eu saboreava cheio de alegria, a ouvir o sussurro dos regatos e o cantar dos passaros, ou entretido com a côr dos prados, o espectaculo dos trabalhos do campo, a pureza dos gostos simples da vida da aldêa!

As arvores despertavam-me mil impressões des-

encontradas. Eu conhecia algumas do tempo em que era creança, e logo as reconheci ao vel-as; aquellas immoveis rainhas do campo pareciam dizer-me:

— Somos nós! Sim! Somos nós! Aqui temos resistido ás tempestades do tempo, assim como ás tormentas das estações e das idades! E tu, louco, para onde foste, e que tentaste fazer por esse mundo?

É a desgraça ou a felicidade que te conduz? Mais pallido, mais melancolico do que outr'ora, me pareces. Que te fizeram na vida? Renegaste dos serenos destinos que aqui te esperavam, e eis-te de novo pedindo consolação á aldêa. Borboleta atravessada por algum espinho, ainda Deus te deu força para agitares as azas, e vires até aqui! Dize para sempre adeus ás amargas glorias, ás loucas vaidades da ambição! Querer voar ainda, era alargares a ferida que te dóe. Fica! Pelo céo t'o dizemos; já não pódes poisar sobre as rosas que adoravas, porque, em vez de te salvarem, o seu perfume, como um raio de fogo, atravessar-te-ha a chaga!

E eu, escutei-as, as arvores da minha terra, e ouvi-lhes distinctamente a voz. Ha um genio occulto, que paira sobre ellas, e revela todos os segredos, aos que por baixo vão passando. Nem os oraculos da antiguidade eram outra coisa senão isto. As pombas que fallavam de cima das azinhei-

ras, não eram senão o pensamento, recolhendo-se sobre as alturas da intelligencia, para annunciar o que dizia Deus !

Mas já a noite ia tepida e perfumada, e o firmamento principiava a olhar os campos com todos os seus olhos; era bello então ver a terra, e o céo: flôres e estrellas!... Oh! Era a primavera, sim ! Era ella! a festiva namorada dos poetas, a doce companheira dos amores ! Ella, que tudo inspira ! que tudo anima ! que tudo faz amar ! Alegre, verdejante, cheia de perfumes e de esperanças! Meiga como uma donzella, enfeitada como uma noiva ! Oh ! Era a noite de vinte e dois de março, a primeira noite do anno em que a natureza não está triste e de lucto! Como os passaros cantavam nas balsas! Diz-se no campo, que, quando uma pessoa morre, o pensamento vôa do cerebro como o rouxinol do ninho, e as almas felizes tornam-se em avesinhas, que cantam nos bosques, nas sebes, na relva, assim que a primavera chega! Dizem outros que não são as aves que cantam na noite de vinte e dois de março, mas as folhas que voltam todos os annos, como as andorinhas, a visitar os logares que amaram, a pegar-se ás arvores que estavam com saudades d'ellas, e entoarem no seu murmurio o hymno das consolações do paraiso !

De repente escutei uma voz que cantava, era uma familia de aldeões, sentada á borda do vallado da sua fazenda, entretida a admirar aquella linda

noite de primavera, e a ouvir uma das suas cantigas do campo que principiava assim:

Mais firme que este cajado
Eu serei por ti meu bem,
Que elle já não tem raizes
E este amor raizes tem!

A rapariga a quem parecia ser dirigida a quadra, era uma camponeza, que desmentia as tradições mais acceitas sobre o typo das mulheres do campo; pallida, de olhos grandes e melancolicos, attitude serena e languida, espalhava a vista pelo espaço, e parecia dar maior claridade á noite: a expressão da sua physionomia, que se animava sob o olhar do cantor, era, conforme a intenção dos versos, graciosa, meiga, supplicante, pathetica, digna, nobre!

O cantor era um rapaz robusto, queimado do sol, com um tom de semblante mais altivo do que grosseiro, mais orgulhoso do que brutal, devorando a rapariga com um olhar apaixonado e varonil, que revelava o amor e promettia o ciume.

Era evidente que se namoravam, a julgar pelo ar bondoso com que os contemplavam, o que parecia pae da rapariga, velho descarnado, secco, diaphano, anguloso, encarquilhado; e a mãe, velha nedia, vermelha, obesa, pançuda e enorme. Se aquelle rapaz e aquella rapariga não se amassem, tentavam a Deus. Nas noites amenas da primavera, a cantar e a namorar, passa o tempo veloz. É as-

sim que se prendem os corações nesta estação. Os amores verdadeiros, poderosos, eternos, nascem instantaneamente, de um contacto electrico. A terminologia galante ainda não inventou phrase para estas paixões assim, em que, com a maior verosimilhança, se deixa o coração rendido a alguem que apenas vimos por minutos!

A historia d'aquella familia dava um romance. Infelizmente, o romance teria de ficar extenso de mais, e o melhor que podemos fazer, é reduzil-o á expressão mais simples... não o contando. Basta que lhes diga a historia da velha gorda e do velho magro, por ter uma certa feição caracteristica dos mysterios d'aldêa, que são uns mysterios que não se parecem com mais nenhuns.

Bastantes annos antes, n'um logar pouco longe deste, morreu de repente o marido de uma lavradora sem fazer as suas ultimas disposições. A falta deste acto ia deixar a viuva sem real, se ella se não tem lembrado de um expediente para se assegurar da herança: callou-se muito bem callada a respeito da morte do marido, e mandou chamar um ferrador seu visinho, que se parecia muito com o defuncto, para elle se metter na cama, e dictar um testamento em que deixasse todos os seus bens á viuva. Mandou-se chamar o regedor. Assim que elle chegou, rompeu a lavradora em pranto, mergulhada na maior afflicção, em vista do perigo que corria seu marido. Dirigiu ella ao doente

as perguntas necessarias para que manifestasse a sua vontade. O ferrador dava suspiros profundissimos, e fazia caretas, proprias de quem está para dar a alma a Deus. Afinal, lá respondeu n'um tom de voz fraquinha:

— Pois sim! Eu vou dizendo...

— Dize! Dize, meu homem! accudia a gorda. Anda, que todas as explicações são poucas. Não me morras agora, rico cachorro!...

— Não morro agora, não! continuava o ferrador, arrastando as palavras. Ora, pois então, ahi vae!

— Desembucha, homem de Deus! Avia-te!

O ferrador, depois de meditar, disse:

— Reparem bem!

— Já estamos a reparar! respondeu o regedor.

— Despacha, marido das minhas entranhas. Estás-me a rallar com essa demoras!

— Pois sim! Agora é que principio.

— Ah!

— Ah!

— Deixo metade dos meus bens, a minha mulher...

A gorda estremeceu.

— E a outra metade ao meu visinho Nicolau, o ferrador, que mora alli defronte, que é bom homem, carregado de familia, e precisa ser soccorrido!

A gorda sentiu-se cair n'uma sorveteira.

— A metade? perguntou pasmada.

— Sim! Elle é muito bom homem! Sempre nos fez boa visinhança! Aquelle merece bem esta contemplação!

A gorda que não podia dizer nada a isto, pelo medo que tinha de perder tudo, viu-se obrigada a partilhar com elle o resultado deste estratagema, que ella reservava para si só, e, mezes depois, para não estar a dividir bens, juntaram-se os dois herdeiros e pediram a um sacerdote a benção de bons esposos. Este acontecimento que tem uma face comica, e uma face triste, produziu nos conjuges effeitos tão diversos, que de anno para anno, cuidados ou remorsos, á proporção que ia engordando a velha, ia o velho emagrecendo!...

Lá os deixei reunidos a ouvirem cantar o improvisador... É possivel que ainda lhes faça um conto da historia dos dois namorados, e hãode dizer-me depois se não se passam romances na vida da aldêa. Por agora, limito-me a dar-lhes parte que a rapariga era filha do primeiro matrimonio da senhora sua mãe, e como tal enteada do virtuoso ferrador, que com tanta rectidão sabia fazer legados!...

Quando cheguei a casa, e entrei no meu quarto, encontrei-o illuminado, e vi sobre a commoda uma bandeja de prata, — a bandeja dos dias grandes, no tempo em que a casa da Durruivos tinha visitas, que tomassem chá!... Aproximei-me, olhei,

e um grito d'alegria se me exhalou do peito... Eram ellas! viçosas! elegantes! adoraveis! eram ellas, que estavam n'um jarro sobre a bandeja, cercadas de luzes, — ellas, as minhas flôres silvestres, as minhas queridas giestas! Oh! Como abracei minha mãe, e com que alegria lhe disse:

— Estas flôres são a minha felicidade, a minha existencia, o meu futuro! Estas flôres, mãe, são a poesia! O mais bello dos poemas, não tem nome d'auctor na primeira pagina, nem na ultima, e é apenas aquelle que nenhum de nós compõe, que nenhum de nós imprime, e que quasi nenhum até conhece inteiro! É o poema da phantasia e do sentimento! da imaginação, e da alma! da simpathia e do relampago! É o poema, que o dedo de Deus escreve no coração dos que teem vinte annos! é a esperança! é a paixão! é a fé! o capricho! a confiança! a providencia! Oh! minhas flôres silvestres, — dizei, irmãs, dizei! — que quereis vós que eu escreva agora?

MARCOLINA

MARCOLINA

I

Um domingo na aldêa de..., antes da missa do dia, estava toda a gente do sitio reunida no adro da egreja, e a conversação envolvida em certo véo de mysterio, tratava de averiguar se uma rapariga que alli chegára n'esse dia era ou não do logar.

— A não ser ella, é o demonio por ella! dizia um dos saloios. Aquelles olhos castanhos... ia apostar este chapéo novo em como são os olhos da Marcolina! É que nunca vi olhos por aquella maneira! Não me quiz demorar defronte da porta da tia Caetana, mãe do Sebastião, mas, mesmo de passagem, logo me quiz parecer...

— Por onde terá ella andado, aquella doida que Deus não vê?

— Dado o caso de ser ella, dizia o sacristão,

que deixára por um momento de tocar a campainha para tomar parte na conversa, sempre me quer parecer que havia de nos fallar!

— Ella? replicou outro aldeão! Ou vocemecê a não conhece, ou, valha-me Deus, está a fazer-se de novas! Soberba como a d'aquella rapariga, ainda não a vi n'outra. Nunca foi capaz de vir ás tardes á brincadeira, como as mais. Nem o pae lhe havia de consentir, nem a mãe lhe levava a bem similhante prôa, se aqui estivesse. Parecia filha de reis, ou então filha das ervas, que não ha gente de mais opinião, que os de sangue real, e os que não sabem que sangue têem! Era preciso a gente fallar-lhe primeiro e indagar-lhe da saude, para ella responder uma palavra; nem sequer tinha geito de perguntar a ninguem pela obrigação. A pêga faz o ninho no ramo mais alto do chôpo: assim toda a idêa d'ella foi trepar para nos vêr do alto: o Sebastião queria-lhe como quem quer d'alma, mas desconfio que nunca a resolveu ao matrimonio; pois era um rapaz como umas casas, incapaz de pôr a vista n'uma cachopa sem ser para o bom fim!

Durante a missa, foi um sussurro continuo da parte dos saloios, que bichanavam ao ouvido uns dos outros, apontando a dedo a forasteira. Em quanto a ella, parecia não reparar sequer no que se passava em redor de si, e os seus olhos cravados no chão, com o ar de humildade e de recolhimento, como que acompanhavam a melancholia que se

adivinhava no seu todo. Era uma bella rapariga, alta, bem feita, de fórmas de ephébo, com um não sei que de brilhante, de agressivo, e de dominador. O gesto soberbo, o olhar deslumbrante, e as faces resplandecentes como granadas. Nenhuma timidez, nenhum embaraço; a graça aspera, austera, rispida; a bellesa, crua como um fructo verde! Era propriamente a mulher do campo quando é bonita, mas não como costumam represental-a os novelleiros, nas suas fabulas campesinas temperadas de innocencia, de roseiras ardilosas, e de um resto de velhos senhores feudaes, que, apesar do seu chinó de rabicho, as requestram, attrahindo-as á sua horta. Não se prestava nada á idéa que se fórma das camponezas, que andam pintadas nos leques, ou das que figuram na aldêa tradicional das comedias e bailados, entre os combros, os casaes, os outeiros, e a egreja, sob cujo alpendre o tocador de flauta do sitio, toca o seu instrumento quando ha noivado. Póde dizer-se de Marcollina que tinha a elegancia que falta ás vezes ás fidalgas, e que nada havia alli que emendar, porque possuia a distincção natural, facil, segura de si mesma, e que se esquece sem deixar de ser. Uma creatura das montanhas, fogosa, pittoresca, meia phantastica, parecendo dominar toda a gente pelo seu aspecto imperiosamente verdadeiro: belleza de uma mobilidade extrema, agora marmore frio, logo pintura cheia de calôr; quasi sempre radiosa, scin-

tilante, um pouco acre, mas de uma insolencia explendida! O silencio parecia uma das bellezas desta singular figura, serena e terrivel, deslumbrante phantasma de labios vermelhos.

Quando acabou a missa, o corpo da egreja estava apinhado de gente, e a rapariga teve de esperar, encostada a uma capella fronteira á sacristia, que fosse saindo a multidão. A poder de a olharem e de a irem mostrando uns aos outros, mais se demoraram em sair; isto deu tempo a que o prior viesse ao seu encontro, e lhe dissesse com o ar mais benevolo:

— Bem apparecida, Marcolina!

A rapariga curvou-se, e respondeu com voz firme mas penosa:

— Não quiz matar-me Deus, sem aqui voltar!

O prior disse-lhe com um sorriso de bondade:

— Acompanha-me! Tenho que fallar comtigo.

Depois, seguiram ambos até á sacristia, onde ficaram a sós. Permaneceram callados, por alguns instantes, até que o prior pareceu tomar coragem, e erguendo á rapariga a fronte que ella baixava, disse-lhe com um sorriso de consolação:

— Que o teu pensamento se mergulhe na eternidade; é preciso esperar de Deus, e só delle; até os naufragios podem ser suaves nesse mar!...

Ella sorriu-se com tristesa, e, espalhando o olhar em redor de si, deixou cair acremente estas palavras:

— Se aqui voltei, senhor prior, é porque adivinho a morte!

— Só Deus tem o poder de saber o termo da existencia de cada creatura sua, minha filha, e por maior que seja a tua dôr só te cumpre esperar o melhor da sua misericordia. O arrependimento faz perdoar os maiores erros, e perdoar é esquecer: Deus vê nas lagrimas dos infelizes a suprema appellação para o bem, e tu propria pódes purificar-te nas preces e nas aspirações, se a tua alma verdadeiramente humilde só pedir ao Senhor que lhe dê a força de não se recordar do mal senão para o expiar na contrição.

— A minha alma lembra-se, senhor prior, e vae nisso o segredo do meu infortunio, porque sinto as saudades!...

— Saudades de quem te perdeu!

— Saudades de quem soube amar-me!

— Não é nunca saber amar o esquecer o céo, e esse homem teve a força sacrilega de quebrar os votos que o prendiam, sem cogitar que só pertencia á egreja!

— Tinha trinta annos! replicou a rapariga, no tom de quem defende.

— Trinta annos, sim! Trinta annos, e um caracter fatal e ardente! Só eu conheço bem até que ponto o elemento infernal se apoderou da sua alma. Ninguem nunca o soube na aldêa, ninguem ainda hoje o sabe ao certo. Só eu conheço toda a his-

toria miseravel desse criminoso amor. Tu propria ignoras o que houve de lucta naquelle coração allucinado pela tentação e pela febre. Quando elle chegou da cidade, e veio habitar perto da Serra d'El-rei, as suas primeiras cartas eram cheias de serenidade, e de devoção. Um parente meu m'o recommendara, e eu tinha por aquelle moço, antes deu conhecer, uma instinctiva simpathia. Disse-me que a sua idéa vindo para estes sitios era alcançar uma capellania militar aqui perto, que estava vaga nessa occasião. Escusava-se de não vir nunca visitar-me pela existencia de concentração e de isolamento a que de proposito se votara. Uma vez, na intenção de o tornar estimado, porque as suas cártas testemunhavam a notavel elevação do seu espirito, propuz-lhe o encarregar-se da predica para a festa da nossa aldêa, ao que se prestou, movido mais de gratidão pela minha lembrança, do que do desejo de a realisar. Julgo ainda estar vendo-o na manhã da sua chegada, montado n'um macho d'arrieiro, e com o seu capote traçado, ondeando ao vento. Era verdadeiramente uma figura esbelta e nobre, e uma physionomia em que o dedo de Deus parecia haver marcado o sêllo de um mysterioso infortunio. Agradaram-se summamente delle os parochianos, e ouvi o povo extasiado da eloquencia da sua palavra, e da lealdade do seu semblante. Na edade em que todo o homem inspira do pulpito desconfiança ao seu auditorio, conseguiu elle attrair a

veneração de toda a gente. Na tarde desse dia, acompanhou a procissão, ao lado do pallio, já no seu traje profano, e sentia-se saudade, ao olhal-o, da festa da manhã em que elle apparecera tão dignamente bello, envolto na sua batina negra. Convidado a ficar meu hospede por alguns dias, disse-me á noite com singular expressão de jubilo e de magoa ao mesmo tempo: — «Saiba, meu padre, que o dia de hoje deve deixar na minha alma as impressões mais gratas. Toda esta simplicidade me encanta e extasia. Tudo aqui me parece bem e sereno; neste mesmo estado d'alma, reconheço haver mudado de terra, e me parece até ter mudado de paiz; é porque estou a mil legoas de mim proprio... quando me sinto feliz!» Depois com infantil alegria, principiava a relatar-me todas as suas observações ácerca da aldêa, da egreja, e dos freguezes: — «Em Lisboa, continuava elle, nunca experimentei nos templos, que o luxo e a grandeza humana consagram á devoção, senão a mesma aspiração para Deus, que a musica, a poesia, o explendor, e as artes despertam nos espiritos, mas que, instantes depois, ao voltar á turba, o ruido e gallas do mundo exterior, têem o fatal poder de desvanecer e apagar. Na aldêa, porém, não me aconteceu hoje assim, e já durante as ceremonias da missa o meu espirito se irradiou de viva fé, quando olhei em redor e vi a multidão orando ardente de crença, d'aspiração, e de confiança; ao

beijar a mão aos sacerdotes antes da predica, os meus joelhos tremeram ao roçar o sollo, e eu senti pela primeira vez a grandeza da minha missão subindo ao pulpito. Estes saloios, padre, encheram-me de receio; para agradar e persuadir por meio de discurso, nas cidades, está o principal segredo nas palavras, e appella-se para a fórma como prestigiosa musica do estylo; aqui não póde ser assim, e a idêa quanto fôr mais despida e clara mais se fará intender e admirar no seu puro aspecto. A attenção deste auditorio humilde obrigava-me a mais, do que as festas pomposas dos templos da capital, em que as imaginações chegam preoccupadas e partem distrahidas. Que original e sincera apparencia, a destas creaturas d'aqui! Nenhuma pretenção, nenhum arremedo, nenhuma vaidade. Como é tudo differente do falso apparato de onde eu sahi! É uma situação difficil a do orador sagrado que procura compenetrar das idéas da fé, almas que andam extraviadas n'um envolucro, gentillissimo para alguns, mas em verdade ridiculo a poder de enfeites, de fingimentos, de labios vermelhos que são pallidos, de faces palidas que são rosadas, de cinturas que comprimem a vida, a elegancia nativa, a força e estylo da fórma humana; creaturas emfim, que nos escutam a scismar no seu baile da vespera ou no seu baile do dia seguinte, nos arteficios de um vestuario, ou, o que é peior decerto, nos arteficios de um amor! Pintam o corpo os selvagens para espantar e arreda-

rem os seus inimigos; as mulheres civilisadas poem vermelho e branco no rosto para agradarem ás pessoas da sua amisade. Loucura, loucura! Põe alguem pó de arroz na rosa com que se enfeita?! Tudo alli corre ás tontas, sem cautela, e sem razão de ser. O erro de uma mulher do povo deshonra-a pessoalmente; o de uma senhora não deshonra senão seu marido. É um carnaval de astucias, loucuras, mascaradas, e serenatas. Todos alli andam entretidos, sem saberem em quê muitas vezes; mais que entretidos, distrahidos; mais que distrahidos, esquecidos. A religião daquella gente é o orgulho; a baixeza de um supplicante commove-os mais do que as dôres altivas e discretas de um infeliz. A vaidade anda a correr pelas ruas. A modestia sincera, alli, é um suicidio; tomam-a logo ao pé da lettra. Nas festas de egreja, a elegancia e o luxo são por lá as primeiras condições; é preciso estudar isto nas damas, que vão para os templos como para as funções do mundo, sequiosas de mostrarem os seus encantos, como se a mulher que não deixa para desejar tenha alguma coisa para dar! É condição daquelle mundo da moda o ser-se falso nas qualidades, e verdadeiro nos deffeitos. Que singular devoção por lá vi! Quando dão, querem ver e ser vistos; não ha cego opulento que dê esmolla ao pobre cego, que pede á esquina! Ah! meu padre, o que hade dizer-se do pulpito áquella gente, que não tenha o ar de uma accusação?!»

— Singular caracter! balbuciou a rapariga, como fallando a si propria.

— Nem uma palavra, todavia, nem uma observação, nem uma pergunta, denunciaram nelle que a aldêa lhe houvesse dado mais doces impressões do que as da innocente simplicidade da vida campestre. Em todo o tempo, que aqui se conservou, parecia apenas feliz pelas condições desta existencia obscura, a que, segundo elle affirmava, se prendia immenso o seu genio melancolico, pittoresco, apaixonado pelos espectaculos da natureza, deleitando-se em notar ao seu ouvido attento o ciciar do silencio na solidão, ou em ver tremer o reflexo da lua na agoa dos riachos. Pareceu apartar-se saudoso, isso sim, mas a boa fé que elle me inspirava attribuiu a sua magoa á estima com que devia ser grato á minha amisade. Tempo depois, as suas cartas tiveram a coragem de me revelar tudo, e apesar dos meus conselhos, das suas hesitações, dos seus esforços para se vencer e fugir, uma força occulta, o poder do mal, encadeavam-o a ponto de já não lhe bastar Deus!... O homem frio, triste, e inerte, accordou para se perder, sentiu a vida, a força, a esperança; e a purpura da realidade correu em ondas nas veias daquelle cadaver da vespera, que dizia não ter animo sequer de vir visitar-me aqui! Partiu emfim; fugiu; fugiu-te: e quando as minhas mãos se erguiam para agradecer o raio de graça que o allumiara emfim, tiveram

que baixar-se tremulas para te deitar benção ao partires! Juraste-me que não ias seguil-o, que tinhas o valor de querer remir o teu erro na expiação, e, por mais que eu esperasse ancioso o teu regresso, eis-te somente de volta agora! Que fizeste, em todo este tempo, da tua honra, Marcolina?

—Purifiquei-a, chorando sobre o seio de minha mãe, senhor prior! No sitio em que ella vive, a dezoito legoas d'este, ninguem nunca me tinha visto, nem eu vira ninguem d'alli; para minha mãe mesmo foi um caso de novidade o abraçar-me, porque desde que, em pequena, minha madrinha tomou conta de mim, nunca mais ella aqui voltou, e eu não sahi de cá nunca mais. Era tão natural eu ir vel-a, que nenhuma desconfiança impediu que todos me abrissem os braços. Poupei á sua dôr a confidencia dos meus desvarios. Ella, coitada, está velhinha e doente; ia matal-a o golpe que eu lhe désse. Tem ainda força, apesar da edade, para ir todos os dias antes do romper da manhã buscar lenha aos pinhaes, e vir carregada de feixes para vender nos fornos; mas para ouvir o que eu poderia contar-lhe, não teria força nem vida; parti outra vez, para a não matar. É costumada a dizer, e lembra-me de lh'o ouvir por muitas vezes ainda eu era creança, que as creaturas são como os tijolos, que, cosidos todos na mesma fornalha, vão depois seguir seu destino, um no ladrilho d'uma estalagem para ser pisado por toda a

gente, outro na parede de uma casa pobre, outro no cimo de uma torre, e outro no fundo de um poço... Como este ultimo sou eu: mal o sabe ella!

O prior abraçou-a chorando.

—E agora, minha filha? Agora?

—Esperar por morrer.

Já isto foi dito entre soluços, beijando suffocada a mão que lhe estendia o padre, como que repellindo-a ao mesmo tempo, para terem ambos o valor de se apartarem.

II

Quando Marcolina entrou pela primeira vez, depois do seu regresso, na humilde habitação em que residia d'antes, uma casinha pobre, dentro da cêrca de sua madrinha, teve a impressão mais penosa de toda a sua vida. Não havia alli senão uma tosca mesa, duas velhas cadeiras, um armarinho encravado na parede, um leito, e um crucifixo por cima. Foi esta imagem sobretudo o que mais a entristeceu, por já não poder olhar sem commoção este typo agonisante das miserias da terra, emblema da humanidade, e symbolo dos emblemas todos que a allumiam! Áquelle crucifixo resára ella muitas vezes, noites inteiras, na occasião em que a sua alma sentira necessidade de fé, receiosa de se perder n'este mundo, e pedindo ao céo a força que o amor lhe ia roubando. Tambem só Deus podia saber o que havia de sincero extase no espirito da pobre rapa-

riga, na hora em que o seu olhar se enlevava todo na singela cruz, e em que o seu pensamento se mergulhava na dôr do Supremo Martyr, cuja existencia fôra um longo curso de torturas, em que apenas encontrára sempre a affeição de sua mãe, de todas as affeições da vida a unica que não cança!...

A sua tristeza fel-a estremecer, principalmente quando ella não sentiu se quer o desejo de resar.

Tudo em redor de si lhe pareceu ermo, frio, e atterrador. Avistavam-se umas flores á entrada da cêrca, e pareceram-lhe pallidas como uns labios queridos que o vento da morte murchasse. Eram umas dhalias roxas, em que cuidou sentir a frialdade do ultimo sorriso da terra. Teve medo, a pobre rapariga; medo!

O sentimento da ausencia continuou a pesar de dia em dia sobre aquella alma. Ella nem tinha a arte de arranjar a sua felicidade, nem sabia acommodar-se com o seu desgosto. Um rapaz do sitio, que a amava desde creança, e que fizera sempre diligencias de a alcançar por noiva, tornou a requestal-a assim que a viu de novo. Mas Marcolina não tinha por elle senão uma simples estima de creatura por creatura, sem nenhuma idêa d'amor, e enfastiava-se grandemente de lhe ouvir dizer que a adorava. Chamava-se elle Sebastião. Era um rapaz forte, admiravelmente proporcionado, de um vigor prodigioso, expedito, airoso, bem talhado, e solto como um galgo! Tinha o cabello escuro, os

olhos pequenos e redondos, a pelle branca como a de uma mulher, e o nariz aquilino, de linhas delicadas, um pouco curvado, e fazendo-se-lhe branco quando se zangava, porque era de uma irascibilidade extrema.

Marcolina domava este homem, e com uma simples vista fazia-o curvar como uma roseira ao sopro de um norte rijo. Os rapazes do sitio queixavam-se de não entender por que artificios aquella natureza varonil e energica se quebrantava assim ao mysterioso influxo dos desdens de uma mulher. Por mais que ella lhe fizesse sentir quanto era indifferente ao seu coração o amor que podessem dar-lhe, insistia elle em offerecer-lhe o seu: mas o desgosto de se ver regeitado foi cavando-lhe n'alma grandes amarguras, e para dissipar as impressões de uma paixão, que crescia com o tempo, o pobre rapaz teve a lembrança de pedir á embriaguez o esquecimento que a razão não sabia dar-lhe. Principiou então a apparecer menos vezes a Marcolina, e a evital-a nas occasiões de se encontrarem; ella pensou que isto era apenas a declinação de uma febre amorosa, e estimou bem que fosse passando a crise. Todavia, Sebastião deixara de trabalhar, e pouco a pouco encontrara-se n'uma miseria horrivel, a de um ébrio sem estima e sem pão. Uma noite caiu de abatimento á porta de uma taberna em que os trabalhadores do logar estavam a comer e a beber, sem que nenhum lhe offerecesse do seu prato nem do seu bolso.

—Nada de animar os mandriões! disse um. Vinha a dar em lhe estabelecer n'isso um officio!...

E cada um levantou-se e saiu, sem lhe dar sequer as boas noites.

Passou um bando de ladrões, alta noite, pela aldêa: saccudiram-o com o pé, ergueram-o, e, vendo na sua pallidez que elle estava a morrer de fraqueza, deram-lhe dinheiro, dizendo:

—Estás com fome, pega lá... para beber!...

Quando Marcolina soube do triste estado a que chegára o pobre rapaz, tudo por amor por ella, foi ao seu encontro, tão resoluta e decidida, que elle não teve tempo nem animo de a evitar, apesar de a avistar ainda longe.

— Anda cá, Sebastião! gritou-lhe ella. Não fujas de mim, rapaz! Que mal te fiz para que me tomasses odio ou medo!

Elle tirou o barrete e permaneceu callado.

—Descobres-te tão respeitoso, como se passasse uma fidalga! Que é isso Sebastião? Já me não queres fallar?

— Porque não te quereria eu fallar, Marcolina! Eu, que fico contente para um mez, quando te oiço a voz!

— Para que tens fugido, pois, e porque razão se tornou mais facil encontrar-te de noite dormindo estirado ás portas, do que de dia nas fazendas á hora do trabalho?

— O amor! respondeu elle, erguendo o olhar. O amor, que é tudo. Se não houvesses tornado o meu destino irrevocavel, nada d'isto seria. Quizeste-o tu! Uma palavra de ternura, o menor acto de submissão da tua parte, haver-me-iam salvado; hoje nem Deus! É pena que tenhas uma alma tão pequena n'um corpo tão bonito! Que vaes tu fazer á egreja, quando resas, senão pedes por mim ao menos? Tudo agora irá a peior no meu destino; a minha vida vae ser horrivel: condemno-me a um desespero eterno, e á eterna solidão da alma, sem poder ao menos ter a consolação de ver que és feliz e que sou eu o unico que soffro!

— E quem te diz que eu não seja feliz?

— Não o pódes ser. Deus não deixa ser felizes senão os bons, e a dureza do teu coração torna-te má! Não é feliz quem quer. Quando passaste pela primeira vez diante de mim, depois do teu regresso, cuidei que viesses mudada, porque me pareceste mais do que nunca uma figura cheia de luz. Tinhas o ar pensativo, mas parecia no teu seio sereno esconder-se um coração tranquillo. Como me pareceste bella, Marcolina! Á similhança de um riacho, que corre entre arvoredo, e onde se vê o reflexo fugitivo das estrellas, assim parecia cairem na tua alma raios mais puros e brilhantes, do que os desta vida. Cuidei que vinhas do céo!

— E lembraste-te de mim alguma vez, em todo o tempo que eu estive longe?

— Via-te sempre. Como era, não sei! Parecias um phantasma que saía do meu coração para viver na noite da minha alma!

Ella estendeu-lhe a mão com tristeza:

— Perdôa! disse.

Ficaram a olhar-se ambos por instantes, depois desviaram a vista ao acaso, pregando-a vagamente nos cerros que lhes ficavam em frente, carregados de cepas, no monte que se erguia tão escarpado que nem os pampanos se atreviam a trepar por elle, e na egrejinha da aldêa que ficava lá em cima, alcandorada como um ninho d'aguia, com os seus muros ameados, e a sua torresinha esguia e branca. Ia caindo a noite, e tudo estava silencioso a essa hora. Apenas o leve ruido de um regato, que passava n'aquelle sitio, quebrava docemente a mudez do campo. As arvores pallidas banhavam os pés na herva e nos juncos; o golphão espalhava as folhas á superficie da agua dormente; os arbustos estremeciam e palpitavam sob a intermitente respiração da noite; as flores desabrochavam languidas derramando um perfume vertiginoso; a aragem circulava tepida n'aquella obscuridade humida e tufosa.

— Ha um segredo na minha vida, Sebastião! disse a rapariga a meia voz, encarando-o fixamente. É um abysmo que me separa de ti. Ha occasiões em que eu propria sinto que Deus seria melhor para mim, se eu te amasse: n'outras horas cuido

a minha alma até que a sua redempção estaria n'esse amor; és bom, sincero, e cheio de animo. tudo isso eu conheço; perdes-te por mim, e sacrificas o que ha de viço no teu coração cheio de fé, por uma alma infeliz e ingrata como esta minha. Eu podia ser comtigo mais feliz do que sou—vê tu! e comtudo, teimo em não querer, porque me opprime a idéa de que és tu que irias ser desgraçado!

— Amas outro então?

Ella permaneceu calada.

— É outro que tu amas? Dize-o já?!

—Talvez. Apenas no que me fazes injustiça é em suppôr, que eu podesse esquecer sendo tua o que uma mulher deve a seu marido e a si mesma. Não é isso! Serias desgraçado unicamente, porque a minha alma abatida já não tem que dar senão á saudade, e a minha estima por ti não saberia compensar-te o ardor dos teus extremos! Quiz desvanecer-te sempre essa affeição, que insististe em me consagrar; hoje nem a desdenho nem a repulso, abençôo-a; é ella talvez a minha ultima taboa de salvação. Uns ciganos que me encontraram uma vez na fonte quando eu era pequena, leramme na mão um singular presagio: disseram esses fataes feiticeiros que a minha imaginação era exaltada de mais, para que eu podesse amar alguma coisa que o merecesse. Este agoiro envenenou a minha infancia, e preparou-me a sorte: os ciganos

adivinharam! Hoje, porém, Sebastião, principia a parecer-me que o teu amor tem de ser o sol da minha vida, e não ha angustia a que um sol claro não allivie metade! Mas é preciso para isso, que tu tornes a ser como eras, e que a gente do logar te estime e respeite, como no tempo em que consideravam em ti o genio mais sisudo, o braço mais forte, e a enchada mais activa!...

— E o que tenho eu a esperar, que valha a pena d'isso? Se um dia volveres para mim olhos mais piedosos, o que não terei soffrido até então! Se o coração é que faz a edade da gente, não me falta muito para velho: guarda essa caridade de me não quereres ver perdido; o vinho dá-me o somno, e gosto d'elle por isso; quando durmo, sonho! Ha desgraças tão grandes, que até um homem fica maior por ellas; deixa-me ir como vou!...

— Não! Não! Não! redargiu a rapariga com accentuação meiga, affectuosa e terna. A minha amizade será o teu premio. Queres isto? A amisade de uma mulher vale mais que o amor... e, bem sabes, quem póde o mais... pode o menos!...

III

E, por fim de tudo, assim é! Á organisação delicada e sensivel da mulher o que menos lhe custa, é amar; n'isto se resume o encanto da sua vida, a alma dos seus pensamentos, o idolo do seu

coração ; — amar ! É-lhe precisa esta força activa ; ser amada é como que um perfume embriagante, que emana d'outrem e que lhe innunda o espirito ; agrada-lhe, contenta-a, satisfaz-lhe a imaginação, o orgulho, a dignidade ; mas, amar, oh ! amar, é melhor ainda, ou antes é-lhes mais indispensavel do que serem amadas ; creiam !

Foi passando o tempo sem que a gente da aldêa tivesse jámais occasião de alcançar de Marcolina uma explicação qualquer da sua partida subita e do seu regresso inesperado. A rapariga levava a existencia mais concentrada e reclusa, que possa dar-se. Andava-se á ceifa, por essa occasião. Ella encontrava-se com as mais nas fazendas, mas apenas trocava com ellas o Deus vos salve de cada dia. Ninguem estranhava isto, porque lhe sabiam do genio, e a haviam sempre conhecido altiva e discreta ; mas a sua melancolia tornara-se tão profunda, que até aos indifferentes não escapava já. Costumava cantar durante o trabalho, e cantava sempre a mesma moda : era uma cantiga, que ninguem mais sabia, ou que a mais ninguem aprasia cantar senão a ella ; quem lh'a ensinára, não se sabia, mas não era evidentemente, nem pelo rythmo nem pelo perfume, uma cantiga do povo : a lettra dizia :

Os bens que o mundo encerra,
Se é que os tem ! vedou-m'os a má sorte !
Esp'rança cá na terra
Se n'alma se me abriga... — é a da morte !

A infancia, desta vida, o paraiso,
O tempo mais risonho,
Aos labios me não trouxe um só sorriso,
Á mente um meigo sonho!

Foi arvore sem fructo
Implantada em baldio de existencia!
Bem cedo trazes lucto
Pelas gallas que vestem a innocencia!

....
....

Ao cantar esta moda, parecia que Marcolina elevava a sua alma ao céo, e que era unicamente a elle que dirigia as queixas do seu destino. As raparigas do logar, não intendiam similhantes versos, nem achavam razão para dar da monotona tristeza d'elles. No meio do campo, moça, bella, amada, e não se inspira das festas da natureza, do ar, das aguas, da terra, como os passaros sequer que cantam versos nos bosques? Ai de mim: os murmurios da natureza chegam apenas ao ouvido dos poetas; e para isso mesmo é preciso que a sua alma seja ainda feliz, porque a natureza não tem harmonia para os corações que já não cantam! A desgraça torna desconfiado e mau; os mais doces perfumes da existencia não veem das flores nem das mulheres, mas da nossa propria alma que as adora, em quanto se tem alma para as adorar. Era uma vez um homem, que estava vestido tristemente á beira de um vallado, scismando na sua

vida, na sua infelicidade, e nas coisas deste mundo: em frente ficava-lhe um monte, onde pastava, corria, brincava, um rebanho de carneiros; era natural que elle olhasse para alguma parte, visto estar com os olhos abertos, e como o mais simples era olhar para o que estava diante de si, poz-se a contemplar o rebanho com o ar mais reflexivo e melancoilco. Hia passando não sei quem pela estrada, e deu-lhe as boas tardes, tirando-o por esta fórma da contemplação em que estava embebido.

—Em que scisma você? lhe disseram.

—Estava a pensar, que talvez entre aquelles carneiros todos não haja um unico que seja tenro!

Ahi está o que é a natureza, o amor, a mulher, o amigo, a gloria, quando não forem vistos atravez do prisma, do enthusiasmo, da admiração, ou da fé! Sim, ella cantava melancolicamente, a pobre rapariga, mas como não havia de ser assim, se a sua alma estava triste como a morte, e tudo que a cercava lhe parecia pallido, desesperador, e esteril! Aos domingos á noite bailava-se na eira: ella não apparecia nunca alli; toda a mocidade do logar constituia bom tom de ir á missa do dia, com os seus lenços de cambraia recortados, o seu capote novo, os seus brincos compridos, e os seus sapatos de vira; só ella ia sempre ainda a manhã lá vinha ao longe, ouvir a missa das almas; depois, até ao outro dia á hora do trabalho, ninguem mais tornava a ver Marcolina!

O prior estimou tanto esta conversão, que n'uma carta ao seu amigo o padre Lucio de... não pôde dispensar-se de algumas espansões: — « Para aqui volta, —escrevia este santo homem—a infeliz Marcolina. Finalmente concedeu Deus á sua alma a mais doce tranquillidade, a luz mais suave, e a esperança mais religiosa. Està outra, meu amigo; voltou cheia de arrependimento, o que é o supremo bem dos peccadores. Tenho estimado na sua melancolia, a suavidade do seu coração; ninguem falla mais affectuosamente do amor de Deus, e se mostra tão penalisada de haver supposto um instante que as sublimidades da força valessem ás ternuras da alma. Ainda hontem me disseram nunca a vê ninguem nas danças, aos domingos de tarde; isto agradou-me muito, porque uma das mais perigosas tentações da aldêa, é o bailarico: com a liberdade que reina no campo, as paixões grosseiras da mocidade, e a incuria dos paes, maravilha seria se as donzellas não succumbissem; o exemplo de Marcolina hade servir-me de ora em diante para minhas admoestações; a nossa aldêa, que a todos os respeitos póde considerar-se ir a melhor, ganhará ainda pela seriedade e sisudez desta rapariga grande lição para os parochianos. Eu por cá vou fazendo o quanto posso! A egreja está sempre cheia ao domingo, ha muitas confissões e communhões, e os doentes não morrem sem sacramentos. Padre Lucio, na melhor verdade lh'o digo, —

sinto-me feliz; o regresso de Marcolina encheu-me de alegria. Que doce alma se está alli dedicando a Deus!...

Uma manhã, á hora do jantar, o que quer dizer ao meio dia, o prior encontrou-a, que vinha do trabalho.

— Bom dia, minha filha! lhe disse elle. Voltas da tua lida, não é verdade?

— Verdade é, senhor prior; muito bons dias lhe dê Deus!

— Porque motivo andas sempre só, e pareces evitar tuas companheiras, o que não deve ser! Todo o trabalho precisa de uma esperança que o sustente, de uma alegria que o excite; a tua tristeza arrisca-se a tornar-te a existencia de tal fórma insupportavel, que a tua alma chegue a blasphemar e descrer! Marcolina, — continuou elle, sorrindo affavelmente, e apertando-lhe o queixo entre os dedos — seria muito bom que te namorasses de algum dos rapazes do sitio, escolhendo, já se vê, d'entre os melhores!

Ella pareceu significar por o encolher de hombros, quanto desdenhava essa idêa, e respondeu sorrindo:

— Quem me ha de querer?!

Mas, nesta occasião, sentiram o rumor de vozes. e voltaram ambos a vista para o lado de onde vinha o ruido; viram um homem sem barrete, com a jaleca meia despida, pallido, desgrenhado, com

o sorriso de um louco e o olhar de um moribundo, que sahia de uma taberna a brigar com uns poucos, debatendo-se com esforço, e sem querer largar uma guitarra que trazia.

— Larga a guitarra! larga a guitarra! beberrão! Tu não tens dinheiro para pagar o vinho, quanto mais as cordas!

Apesar do estado de embriaguez desse homem, era evidente que elle podia esmagar de um murro qualquer dos que o cercavam; mas retinha-o o medo de quebrar a sua guitarra, a sua guitarra que era a companheira effectiva das suas horas de esquecimento, de loucura, de vergonha, e de horror, as suas horas do vinho!

— Ah! exclamou Marcolina, n'um grito dilacerante, ao vel-o. É Sebastião, senhor prior! Senhor prior, acuda-lhe por piedade!

A turba assim que viu o padre, discobriu-se respeitosa, e resmungou apenas:

— Está o prior a ver-nos! é melhor deixar ir seu caminho essa vasilha! Até tem graça, ver um tonnel a tocar guitarra!...

— Que desgraçado! disse.

— Que póde haver de commum, pergunta o prior com um olhar de adivinho, entre ti e esse homem que ahi vae, minha filha?

— É que esse homem ama-me, senhor padre!

— Que dizes tu?

— Digo que esse homem, que ahi passou, per-

dido, rôto, vergonhoso, chegou a esse estado por amor de mim! A minha consciencia, senhor prior, não tem de que accusar-se n'isto; nunca lhe dei esperanças, e procurei sempre desvanecer-lhe as que a sua alma formava. É um rapaz da minha creação, que teima em me querer desde pequeno. Quando eramos creanças parece que nos amámos, e que prometti ser sua. Oh! Porque não cumpri eu essa palavra?! Ainda ás vezes me recordo com saudade daquelle tempo d'innocente amor; horas de alegria que foram o thesouro da minha alma, e que passaram por uma vez; gottas de orvalho, que a aza de um anjo legou a um lyrio do campo, voando em seguida, e não voltando mais a refrescar a pobre flor bem cedo viuva! Ah! Esse homem que ahi vae, meu padre, não è um villão, mas um infeliz: apesar da vergonha que pesa hoje sobre elle, é o unico filho da aldêa a quem eu poderia querer dar-me por mulher. Quem tem a culpa de todo este destino, meu Deus?!

— Tu só!

— Eu, senhor prior!

— Tu, Marcolina! Tu! Poucos acontecimentos ha que não sejam o resultado obrigado de um facto bem estabelecido na consciencia daquelle que o devia esperar. Só tu cavaste a tua infelicidade, e arruinaste a honra d'esse homem! Olha, vê-o, lá vae elle pela asinhaga com um bando de insultadores atraz de si. Marcolina, Marcolina, hade che-

gar uma hora em que se te pergunte pela felicidade d'esse homem, e tu envergonhada curvarás a fronte!...

— Que me diria o senhor prior, se eu me atrevesse a perguntar-lhe, se não seria maior crime ainda que a minha piedade me levasse para esse homem, ao passo que o meu amor por outro me affastasse d'elle?

— Dir-te-hia, que a tua felicidade n'este mundo, e a tua bemaventurança no outro, dependem primeiro que tudo de suffocares e esqueceres para sempre esse louco affecto, que tens a imprudencia de me recordar; conseguindo isso, encontrar-te-ias outra, porque a tua alma morrendo para o erro pelo baptismo, poderia reviver para o céo. Não vês tu ahi todos os annos, o que é preciso ao trigo para tomar vida no seio da terra e tornar-se fecundo? Morrer. Se não fôr assim, nada produz, e ficará só; mas morrendo, reviverá depois e trará mais comsigo. Deus escolhe-te talvez para salvares esse homem, Marcolina, esse homem, que ahi vae perdido de embriaguez e d'amor; a tua alma precisa morrer pela humildade e pela obediencia libertando-se do seu proprio espirito, da sua propria vontade, para se tornar instrumento affectuoso e docil da vontade e espirito do Senhor. É preciso que cada um tenha a sua cruz sobre a terra. N'isso se salvará!

— E que pesada tem sido a minha!

— Pesada a tua culpa, isso sim; a tua cruz, não, que ainda não a conheces. A cruz, Marcolina, é o que atravessa, quebra e martyrisa a vontade propria; tens tu a coragem de a supportar para te salvares?

Ella respondeu com o pranto, desviando o rosto.

—Vae! disse-lhe o prior friamente. Vae e pensa!

Quando a rapariga beijava a mão do prior ouviram-se em distancia os sons de uma guitarra. Ambos se olharam como medrosos d'aquella musica, e escutaram por instantes a toada plangente do tocador. A impressão foi profunda; era aquella a musica que Sebastião tocava outr'ora, quando, ambos pequenos ella se entretinha a vel-o aprender; essa moda simples, innocente, e facil, que não envelhecera com os annos; essa poesia morta e viva ao mesmo tempo, fel-a sobresaltar de saudade e de terror.

Por uma leve mesura se despediu do padre, e ainda que o seu caminho para a cerca devia ser o de seguir pela azinhaga, deu a volta á eira com o receio de encontrar Sebastião, e foi de novo para o trabalho, conservando-se até á noite nas fazendas em que andava de jornal. O seu jantar n'esse dia foram umas peras, que apanhou do chão, para onde o vento as atirára da arvore. Ao voltar para casa, porém, ella sentiu-se mais triste, mais medrosa, mais desencantada da vida, da felicidade, e da esperança, do que nunca. Tudo era applicar

o ouvido, na idéa de escutar o som de uma guitarra. Teve frio e medo. O mais leve ruido fazia-a estremecer. Um presentimento a dominava. A duvida, o receio, o susto, iam na sua alma. A cada instante lhe parecia que a sua sombra era uma pessoa. Depois, poz-se a pensar se seria a sua alma que ia a acompanhal-a. Quando a sombra corria por cima das florinhas brancas dos vallados, sobresaltava-se ella e dizia a si mesma, cheia de terror:

É a minha alma, é! Mas, Jesus, como é sombria e escura!..

E depois, quando a sombra crescia, a pobre rapariga chegava a querer apagal-a com os passos, e corria como louca, a desgraçada, como louca perdida!

Quando chegou a casa parecia que ia morta; só a poder d'esforços conseguiu ter força para accender um brazeiro, porque estava a tremer de frio. A noite tornou-se pesada e chuvosa; os cães, graves e friorentos, tiritavam á porta, farejando impacientemente a ceia. Com a bulha da chuva erriçavam as orelhas, e escutavam o passo apressado do jornaleiro, matteiro ou debulhador, que recolhia do trabalho com a foice ou o mangoal ao hombro. O clarão do brazeiro, ateando-se de instante a instante, punha em relevo e coloria as linhas empoeiradas das vigas, que atravessavam o tecto. N'uma gaiola de arame dormia um pintasilgo. Pendurada n'uma corda, estava uma pouca de roupa branca a sec-

car. No meio d'este quadro de uma simplicidade extrema, a figura de Marcolina que parecia debater em si mesma um pensamento que a atormentava, n'um scismar cada vez mais inquieto e caracteristico, tinha alguma coisa de phantastico. As suas mãos juntavam-se, enrugava-se-lhe a fronte, e uma lagrima lhe rolava pelas faces. De repente, os cães soltaram uns latidos de anxiedade; um ruido de passos na estrada chegou ao interior da cabana; os cães ladraram e correram; depois, voltaram callados e precipitaram-se para a porta; elles que não ladravam é porque era um amigo; quem poderia ser?

Uma voz disse de fóra:

— Marcolina!

Ella estremeceu.

Batteram mansamente á porta, e a mesma voz disse ainda:

— Marcolina, sou eu! Sou eu!...

Convulsa, hesitante, pallida, ella permaneceu um instante com o olhar fixo na porta, sem saber o que cuidar:

— Esta voz! balbuciou. Esta voz... Oh! Impossivel!

E tirando um tronco do brazeiro, foi tremula e atterrada até á porta, que abriu:

— Jesus! exclamou, Jesus, valei-me!...

E correu para o crucifixo, como pedindo auxilio a Deus.

— Que pódes temer? Que tens a recear n'esta hora, Marcolina! Pelo céo, olha para mim, e ouve-me! Não sabes acaso quem te está fallando? Não me reconheces já? Já te não lembras? Teve o tempo o poder fatal de apagar da tua memoria a lembrança d'aquelle tempo que não voltará, que não volta, que eu mesmo não quereria que voltasse,. que nem tu o queres, nem Deus! Não me accuses, não me crimines, não vás desprezar-me por aqui me veres de novo, e me haver faltado a força de não procurar ver-te mais; ha um dom, um encanto, uma fatalidade talvez em ti, que me dominará para sempre; agora o conheci; encontraste acaso a planta, que tem a raiz marcada por um signal mysterioso, e faz amar invencivelmente o que a possue?! Torna a ti, Marcolina; toma animo, e enche a minha alma de luz pelo teu olhar! Dize, és ainda como d'antes, melancholica, triste, sonhadora, estrella d'amor, que apagavas nos céos o dia? Ainda cantas ás noites como d'antes, e a tua voz limpida e pura espalha ainda uma côr suave e indecisa por aquelles versos que eu te ensinei a decorar? Vamos, porque não me fallas, porque me não fallas tu, Marcolina? Queres-me mal, por acaso! Não te illudas a ti mesma, cuidando que me salvas pelo desprezo; já nada me salva n'este mundo! O teu rosto está serio, mas não severo; deixa cair de teus labios uma pergunta ao menos, ainda que triste; desce uma

nuvem pela tua fronte, a tua cabeça inclina-se, oh! crava nos meus os teus olhos, e n'elles lerás quanto a minha alma guardou a memoria do passado, através das agonias e das saudades! Em ti está tudo para mim; todas as ternuras, todo o respeito, a eternidade inteira, o amor immortal que vence de céos em céos; em ti se mergulha e abysma o meu pensamento sem que eu possa avistar-lhe o fundo; o caminho da minha vida é tortuoso e atravessa-se em nuvens de pó; não posso atrever-me sequer a contar a Deus os meus pesares, secreto allivio da dôr. Oh! por piedade! O infinito da angustia tem precisão de fé; deixa-me crêr em ti, Marcolina!

Ella ergueu em fim a fronte, e olhou-o fixa, com uma expressão admiravel de enternecimento e de affecto:

— Faltava á minha alma essa voz, para me perder de todo, ou para me salvar, Lucio! Ah! a tua voz não mudou, nem o tom ardente das tuas palavras, nem o clarão pallido do teu olhar! Deixa-me ver-te bem, — continuou ella, com um phrenesi de louca, tomando força e animo, e conduzindo-o ao pé do brazeiro — oh! és tu! és tu! A mesma fronte alta e triste, o mesmo ar de desgraça irremediavel! Que fizeste em todo este tempo, Lucio?

— Vivi!

— Viveste! Sim, dizes bem; cançaste a tua al-

ma a scismar, a recordar-se, e a soffrer; viver é isso, tens razão; tambem eu vivi! Oh! Mas como é bom por instantes, — por instantes só, ouves bem? — ter-te aqui, apertar-te as mãos entre as minhas, procurar a minha esperança nos teus olhos, e encontral-a, melancolica sim, mas doce! Como foi então, porque foi, que voltaste aqui?! Tinhas-me promettido, tinhas-me jurado, que nunca mais passarias por esta aldêa; que repentina resolução foi a de quebrares assim os protestos que formaste da unica tranquillidade possivel para nós, a de não nos vermos!

— É o inferno essa tranquillidade; pergunta-o á tua alma, se tambem me amas! A ausencia pesava-me de mais, para que eu pudesse dispensar ao menos a esperança de tornar a ver-te. O que senti eu em todo este tempo? A anciedade, o espanto, o terror. Tive frio n'alma. As saudades erguiam-se-me no peito em ondas tumultuosas. Tinha medo de morrer, Marcolina, — eu, que tantas vezes desejava a morte. Era a idéa de te encontrar de novo que assim me dava o animo de esperar. Se o paraiso me encerrasse nos seus muros de fogo, eu quereria fugir para o céo mais affastado da felicidade suprema, è esperar-te alli para te ver passar um dia!...

— Não falles no céo. É tentar Deus. Um vento gelado passou pela minha existencia, e murchou-lhe as flôres; estou condemnada a ficar triste diante

de todas as alegrias. Fizeste mal de certo em voltar; eu andava com o presentimento de alguma desgraça; a desgraça chegou, foi esta. Não deviamos encontrar-nos mais neste mundo, e a nossa unica felicidade devia ser a de pedirmos a Deus perdão; assim deixaste escapar a eternidade gloriosa que nos estaria guardada. Queres porventura começar de novo a batalha ignorada em que andámos, soffrer-lhe as amarguras, receber-lhe os golpes mortaes, envelhecer, cair, morrer, para ir outra vez navegar no mesmo mar? Vae-te, embora, Lucio, por Deus te peço; volta para onde tens estado: deixa-me morrer sósinha! soffreriamos muito os dois, e soffreriamos de vergonha eterna se aqui ficasses; iamos viver n'um mundo sem ar, n'um céo sem luz. Oh! Vae-te! Antes ter saudades sempre, do que ser consolada assim!

— Não! Partir de novo! E pensas n'isso! Uma carta do prior me deu a noticia do teu regresso, e deixei tudo para correr aqui; como terei então força de te abandonar tão depressa. Ver-nos-hemos raras vezes, se assim o queres, mas ver-nos-hemos. Demorar-me-hei na aldêa, de visita ao parocho: quem póde estranhar isto? Ah! Escusas de me aconselhar, de me pedir, oh! não, a minha tenção está feita; tão respeitosa é a minha adoração por ti, que não póde o céo condemnar-me por eu aqui ficar; este amor não é um crime, Marcolina, aliás já Deus me havia castigado para não deixar que

eu te perdesse... Oh! Não me digas nada, não te oiço, não quero ouvir-te n'esta hora; partir de novo, é impossivel. Adeus, Marcolina; mas adeus até ámanhã: ámanhã voltarei aqui, e o meu amor será maior ainda ámanhã, este amor, que, em cada dia, mais faz de ti um idolo!

— Pois bem! Mas, vae-te agora; vae-te, antes que me falte a coragem; voltarás ainda, como dizes, mas hoje já a noite vae alta, e é preciso partires!

Elle beijou-lhe a fronte.

— Até ámanhã, Marcolina!

Ella olhava-o extatica.

— Marcolina, repetiu elle, até ámanhã!

— Até ámanhã, sim! balbuciou a rapariga, impurrando-o brandamente. Vae!...

A noite estava tão lugubre e pesada, que, instantes depois de elle partir, já Marcolina apenas lhe ouvia os passos sem o poder divisar na escuridão; os cães, que estavam dormindo, accordaram ladrando: ella fechou a porta e foi, pensativa, até ao brazeiro que já estava a apagar-se:

— Ámanhã! disse ella, a si mesma, sorrindo tristemente. Ámanhã é sempre!

Dizem que, de madrugada, ella propria fôra procurar Sebastião, e lhe dissera assim:

— É então verdade que me amas, Sebastião, a ponto de te matares na embriaguez, para te poderes esquecer de mim?

Elle sorriu-se encolhendo os hombros, como se disséra:

— Inutil pergunta!

— E se, proseguiu ella, olhando-o fixamente, — eu te propuzesse, para ser tua, o deixarmos para sempre a aldêa, sem nos despedirmos de ninguem, sem olharmos para traz, sem nos lembrarmos mais d'este logar, — assim mesmo me quererias?

— E agradeceria a Deus! respondeu elle.

— Pódes agradecer-lhe então; sou tua!

Desde essa hora, nunca mais se soube d'elles na aldêa de... Foram peregrinando pelas estradas, e ganhando lentamente o pão de cada dia. Ao passar pela feira de Alcobaça, o anno passado, vi no centro de um grupo de expectadores um rapaz que tocava guitarra e uma rapariga que cantava: quando eu cheguei, corria ella com o seu chapéo na mão a roda dos que tinham estado a ouvil-os; parece que o povo os estimava, porque quasi todos lhes deram esmolla.

— Canta outra vez! disse-lhe eu.

Ella repetiu a sua canção:

Os bens que o mundo encerra,
Se é que os tem! vedou-mos a má sorte!
Es'prança cá na terra
Se n'alma se me abriga — é a da morte!

A infancia, desta vida o paraiso,
O tempo mais risonho,
Aos labios me não trouxe um só sorriso,
Á mente um meigo sonho!

Foi arvore sem fructo
    Implantada em baldio da existencia!
Bem cedo trajei lucto
    Pelas gallas que vestem a innocencia!

COIMBRA E BUSSACO

7

COIMBRA E BUSSACO

(IMPRESSÕES)

Estava-se á mesa.

Fallava-se ao acaso: discutia-se e apostrophava-se, sem saber o quê nem o porquê! Quando se falla muito, é permittido exprimir pouco; quando se falla pouco, é preciso exprimir muito: por isso, talvez, estavam todos a fallar... muito...

—Precisavamos Kirsch! Kirschevasser é o licor dos licores! disse alguem.

—Mando-o já buscar! respondeu o dono da casa. E, chamando o criado:

—Rapaz! disse: n'um pulo ao café Hoffmann, rua do Alecrim. Uma garrafa de Kirsch, em menos tempo do que se levaria a tirar-lhe a rolha!

O criado voltou costas, e o dono da casa encetou o seu elogio.

*

Isto não é um criado, é um amigo! Não é um amigo, é um milagre! Não é mesmo um milagre, é um sonho! A serpente tem menos agilidade na sua dupla lingua, do que elle nos seus dois pés! Não anda, corre! Não corre, vôa! Não vôa, chega! Por isso, tanto é já o habito em que estou da sua ligeireza de relampago, que sei calcular-lhe os periodos da mais incerta jornada! Agora, por exemplo, querem os meus amigos observar com que exactidão, com que veia de astronomo, com que calculo de mathematico puro, eu vou acompanhal-o *in mente*, até ao instante de voltar?

— Vejamos! exclamaram todos.

—Estamos na rua Formosa: o criado já saiu; sobe o Calhariz... Chega ao Loreto... Desce a rua do Alecrim... Está perto já da loja... Entrou! Pede o Kirsch... Dão-lh'o... Espera pelo troco da libra... Que demora involuntaria! Sahe... Chega ao Loreto... Desce o Calhariz... Está na rua Formosa... Sobe a escada... Deve estar á porta... José?

— Senhor meu amo! respondeu o criado.

— Vêem?! exclamou o dono da casa, rubro de jubilo e de gloria! Vêem como calculei, como adivinhei, como o acompanhei passo a passo!

— Admiravel! Maravilhoso! Unico! gritaram os convivas, em extase.

O criado não apparecia.

— Então, rapaz? bradou de novo o dono da casa.

— Estou quasi prompto, senhor meu amo! Estou a calçar as botas... para ir!...

A historia da minha jornada a Coimbra, é perfeitamente similhante á do *desapontamento* d'este dono da casa.

Uma occasião, no café Martinho, dois dos meus amigos fallaram em partir para Coimbra.

— Porque não vens comnosco? disseram-me.

— N'este momento é impossivel: mas, pelo S. Pedro, irei talvez a Coimbra saltar as fogueiras!...

— É uma coisa decidida?

— É uma coisa provavel!

A partir d'esse dia, principiei a ter que dar explicações sobre o assumpto:

— Quando vaes?

— Como é que vaes?

— Quanto tempo ficas?

Ao que eu respondia alternadamente:

— Partirei logo que possa!

— Irei como poder!

— Estarei até não puder!

A noticia espalhou-se, e algumas pessoas das minhas relações principiaram a proteger-me com cartas de recommendação: «Ahi vae o senhor fulano...» «Tenho a honra de lhe apresentar...» «Peço-lhe que faça por este cavalheiro...» etc.! etc.!

Encontrei alguem, ao Chiado, que parou diante de mim com ar investigador.

— Pois ainda não partiu?

— Cheguei hontem.

— Ah! E então? Gostou d'aquella alegria?

— Qual alegria? a alegria da Durruivos?

— A alegria de Coimbra.

— Ah! de Coimbra! Peço desculpa: para Coimbra ainda não fui!

— Disseram-me alli que o esperavam!

— É justamente por não ter ido ainda, que me esperam! Vou nas vesperas de S. Pedro, porque o meu fim é saltar as fogueiras em honra do santo chaveiro!

— Oh! bravo! bravo! Boa jornada!

— Boa fortuna!

Foi então que principiei a reflexionar na gravidade do meu compromisso! Era-me inevitavel fazer a malla e deixar de novo Lisboa! Despedime... se é que me despedi! eu nunca me despeço! — disse a mim mesmo que era preciso ausentar-me no dia vinte e sete, preparei, dispuz, e aprompteí as minhas coisas: tudo estava prompto, tudo estava certo, tudo estava resolvido, quando, justamente no dia vinte e sete, appareceu uma difficuldade que embaraçou todos os meus planos; e apesar da minha resolução, das minhas cartas de empenho, e sobretudo da minha promessa, não pude partir, porque... porque... Oh! mas é preciso pôr ponto n'este abuso de exigencia! O leitor vive no cruel engano de que se lhe deve contar

tudo, e isto não póde continuar! Não parti, porque não parti; *et voila!*

O resultado foi, que quando toda a gente suppunha que em Coimbra eu estaria a descançar das folias de S. Pedro na vespera e no dia, partia eu para Coimbra... no dia immediato ao de S. Pedro!... É ainda como vêem a historia do criado, que estava calçando as botas!... Devo confessar que tinha tudo, menos um pretexto que alli me levasse! Em todo o caso, resolvi-me a ir ao menos buscar a Coimbra... impressões!...

Depois de vinte horas de mala-posta, avistei a *coquette*, recostada na montanha, banhando os pés nas aguas azues do Mondego, e dei um grito de admiração e de alegria que assustou o cocheiro!

Como é bella, Deus piedoso! como é bella Coimbra, vista da ladeira que lhe fica em face! Como é brilhante! seductora! explendida! olhando assustada para a torre da velha universidade, que se ergue magestosa e imponente, como se tentara pela sua austeridade desvanecer a impressão prasenteira, que a vista da cidade nos desperta! Depois com que encanto indefinivel se nos crava a vista nas margens d'esmeralda d'aquelle rio, que tem ouro por arêa, e que corre á sombra da rama virente dos salgueiros, que o namoram!...

Ah! o homem é apenas grande quando admira, porque eu, a admirar, sentia-me crescer de enthusiasmo, de sentimento, e de esperança!

Oh! a natureza! a natureza é que é um poema! O mais, são versos, e reduz-se o segredo a metter uma idêa entre duas rimas! Aquelles choupos, aquelle rio, aquella cidade que se levanta como um throno, tentando vêr de perto o céo, valem o que ha de bello! de magnifico! de adoravel! Desenganemo-nos... desenganemo-nos... Tudo o que se faz é pequenino e miseravel, a par do que está feito por si mesmo! O melhor livro não vale a petala de uma flor! qualquer d'aquelles choupos diz mais... que um deputado!..

E eu fui feliz então! por momentos apenas, é certo, mas cheguei a sel-o! Os que são felizes sempre é que não acreditam na felicidade, porém ella vem ás vezes! Eu fui feliz durante cinco minutos, e conheci-o bem ao entrar na cidade... por que deixei de o ser!...

Coimbra, por dentro, é feia, tortuosa, e antipathica! É uma terra de poesia e de tradições, que não respeita as tradições, e que não respira poesia. O portico do convento de Santa Clara, onde se diz haver estado D. Ignez de Castro, está transformado hoje n'uma loja de ferrador! A fonte das lagrimas, aquelle sitio memoravel que accorda nas almas o sentimento da melancholia e o do amor, corre sobre uma horta, e parece servir apenas para regar um campo de milho, em que não ha sequer um rego de passagem para o pobre diabo que quizer ir ver aquelle logar saudoso! Nenhum distico, ne-

nhuma memoria, um só verso, um nome só que fosse, não recordava alli a historia dos poeticos amores d'Ignez; um dia levantou-se uma lapide ao lado da fonte, com a estancia do Camões que principia:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.

Esta estancia, ao menos, memora hoje a idêa poetica que vive ligada á fonte: esta estancia recordará aos que visitarem a quinta das Lagrimas, que é alli a fonte de que falla o poeta, em que a agua é pranto e o nome amores: — mas... esta estancia foi mandada gravar por um inglez, n'esta lapide que um inglez mandou erguer!!!

Um amigo antigo, Firmino de Magalhães, exigiu-me obsequiosamente que fosse seu hospede. Firmino de Magalhães é o judeu errante da sciencia: depois de haver cursado a escola polytechnica, a escola do exercito de Lisboa, ouviu fallar em direito e foi para Coimbra cursar direito: ahi fallaram-lhe de mathematica, e elle cursou mathematica; finalmente, lembrou-se de philosophia, e hoje está formado em philosophia!

Devo todavia dizel-o, mas só aqui para nós! estas apparencias de vocação para sabio, teem o seu *pendant* n'uns certos sete mezes de Lisboa, em que se regalou de vida airada e prodiga, e em que,

entre outras extravagancias... fundou um jornal! *Theatros e Assembléas*, que Bulhão Pato collaborou com alguns dos seus melhores versos, e que foi durante uma estação o jornal dos salões lisbonenses. Depois, um dia, desappareceu de Lisboa infastiado, como só os que se divertem se enfastiam, e, depois de alguns annos de nos não vermos, o bacharel e o *touriste* abraçaram-se na Ponte de Coimbra; onde o avistei, esperando-me!

— A tua casa é excellente, meu amigo! exclamei eu, ao entrar na sua mansão. Mas onde está a barraca tradicional do estudante, com o classico papagaio de pau para pôr a luz, e a velha barra de pinho que passa de academico a academico pelos seculos dos seculos?!

— Dispensa-me de ter *côr local*, amigo Julio! Eu commetti a leviandade de escolher casa para morar, e não para tu descreveres! Para o semestre proximo, se fazes empenho n'isso, assentarei quarteis n'alguma baiuca que inspire os escriptores!

Era effectivamente uma habitação oriental, para a vida de Coimbra! Havia facas e garfos, chaves nas portas, coberta no leito, escova para as unhas, toalha de mesa... mil prodigalidades!

— Olé! disse-lhe, ao atravessar um corredor, tens quatro gaiolas admiraveis! Para que é isto?

— Para a trivialidade de guardar os passaros! Convido apenas a tua attenção para este melro!

— Plumoso ente! Porque o não comes tu? Melro

assado é delicioso! Vê se ha ainda tempo de o arranjar para o jantar!

O meu amigo tornou-se livido.

— Comer o meu melro! Vejo com tristesa que desconheces a paixão pelo passaro! Vou mandar-te enforcar por uma sociedade de zoologos! O meu melro que nem sequer ainda assovia.

— Ainda não assovia?! Ah descança, meu amigo, vou fazer-me absolver da crueldade da minha idêa; o teu melro hade assoviar! Hade assoviar Firmino, eu t'o juro! Vou leccional-o.

— Tu assovias?

— Como um melro! Isto é, como um melro deve assoviar: são exceptuados os melros que não assoviam!

— Oh! deixa-me abraçar-te.

— Não! hasde abraçar-me apenas depois do jantar!

Depois do jantar, abraçámos-nos; depois de nos abraçarmos, levei uma cadeira para junto da gaiola e encetei o curso musical a que me propuzera. O meu discipulo deixou-me desde logo adivinhar-lhe um bello destino philarmonico... pela attenção com que me escutava! Quando sahi de Coimbra, apenas lhe deixei dadas oito lições, mas não ha a menor duvida de que ficou fazendo uma idéa da harmonia...

No dia seguinte visitei o Museu. O edificio é magnifico, e tem verdadeiras riquezas da antigui-

dade. O gabinete de physica, principalmente, está precioso, e é pena unicamente que as machinas aliás riquissimas estejam accumuladas de tal fórma, que se torne impossivel observal-as. Na parte historica principalmente, o gabinete está rico, e um russo que visitou o Museu exclamou maravilhado:

— *Voilà des instruments de la vieille physique!..*

Depois do museu, visitei a universidade, e assisti a umas theses de medicina.

É realmente pena que se procure deslustrar a pompa d'este acto, pelos usos ridiculos que se lhe conservam! Imaginem que em frente mesmo do sr. Barjona, trepado no seu pulpito, e do sr. reitor que estava com os ares mais graves d'este mundo, uma charamela de oito detestaveis musicos se incumbe de tocar polkas primitivas n'uma desafinação mais que fatal! N'esse dia, o pobre estudante só não tem que pagar o ar que respira: tudo mais sahe-lhe da algibeira! Para beber agua, paga um cruzado: para os lentes o abraçarem, paga dezeseis tostões a cada um: para ter loiro na *via latina*, paga um quartinho; e vale-lhe o não ser na paschoa, aliás a universidade tinha por concorrentes os salchicheiros, e não poderia vender o loiro tanto em conta.

A bibliotheca da universidade é explendida: explendida como edificio e como estantes: de livros, não sei dizer até que ponto seja curiosa, porque

não observei senão alguns exemplares mais notaveis que um empregado me fez ver: o foral da villa de Almada, dado por D. Manuel em 1506: uma Biblia manuscripta em hebraico, imitando até á illusão perfeita os caracteres typographicos: um Mappa das possessões portuguezas, notavel pelo colorido e pelo extremo trabalho de desenho: uma edição de Virgilio, de Paris em 1791, curiosa por realisar as condições do luxo que mais tarde a imprensa deu aos Kespsakes e livros da moda, etc. etc. A livraria tem cincoenta mil volumes, alem de um deposito de cento e vinte mil que não cabe nas salas.

Fallei da bibliotheca da universidade, cumpre-me agora fallar da imprensa, que é sem a mais leve duvida, um dos principaes estabelecimentos universitarios.

O edificio é mais do que bom, é magnifico, é sumptuoso, é admiravel. No mesmo pavimento estão duas grandes salas de composição: a dos prélos, com prensa hydraulica: a de conferencias: um magnifico armazem de papel e livraria da imprensa: o gabinete de administração e de revisão, que, entre outras coisas que tem que ver, tem... diccionarios! — coisa que não é vulgar, infelizmente, nos nossos gabinetes de revisão! Uma casa para deposito de typos: e um armazem de impressos. Na parte superior, ha uma grande sala para enchugo do papel, e alçação, ha o cartorio, a secre-

taria, etc.: inferior ao primeiro pavimento, está a officina lytographica e a de estamparia.

É um estabelecimento de grandes proporções, que tem já um desenvolvimento consideravel, e que é susceptivel e merecedor de muito mais ainda. Á frente da sua direcção acha-se um cavalheiro do melhor merecimento e de muita instrucção: é o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. Deve-se-lhe o excellente aperfeiçoamento a que tem chegado a imprensa da universidade, aperfeiçoamento de que daria prova pela nitidez e pelo esmero um livro, que n'este momento tenho á vista, e que folgo de mencionar, a *Dissertação* do sr. Ayres de Gouvêa, primeira illustração do corpo academico, se não bastassem as excellentes edições, que teem saido desta typographia para lhe ganhar o credito de que é digna.

Depois de ir vêr a Quinta das Cannas, em que nada achei de extraordinario, e a Lapa dos Esteios, apenas notavel pela festa litteraria que lá fez com os seus amigos o cantor da *Primavera*, e pelos opulentos freixos e carvalhos que alli tem crescido ao som dos suspiros do amor, porque n'aquelles bosques se hão passado horas de muita lua de mel! — fui convidado para uma festa nocturna, uma festa academica, uma festa da vida de Coimbra, em que a guitarra e a viola acompanharam alternativamente a walsa a dois tempos e o *cancan*, uma aria de Bellini e o landum da Figueira, uma canção hespanhola e uma cantiga do fado!

Ah! O fado! Era preciso ver com que perfume de melancolia, com que dom supremo de inspiração um mathematico cantava os versos, e um theologo dedilhava a *banza!*

Que lindos olhos, tão negros,
Que lindos olhos que eu vi!
Eram negros, cor da noite,
Mataram-me, e não morri!

O quarto estava enfeitado de buxo; na bandeira da porta, a coberta da cama pendia em tom de reposteiro: no centro do quarto um candieiro de tres bicos, coberto com um *abat-jour*, e adornado de tirinhas de papel de cor, estava suspenso no tecto em estylo de candelabro: um pagem de pé e perna apresentou n'um momento de intervallo os refrescos á sociedade: em Coimbra, a gente refresca-se com vinho, e o mais forte é o que refresca mais; refrescamo-nos com Porto! E a guitarra tornou a suspirar, e o grito de *fado! fado!* echoou de novo, e a voz maviosa de G... recomeçou:

Suspiros me põe á mesa,
Lagrimas são meu comer,
Saudades é meu sustento,
Até te tornar a ver!

E todos nós cantavamos ou applaudiamos, n'uma vertigem de enthusiasmo. Era a vida dos vinte annos em toda a sua eloquente expressão! Havia fogo

nos olhos e nas almas. Não murchavam os *bouquets*, como nos bailes do mundo: alli não havia *bouquets*; alli havia corações que sentiam, e imaginações que se abrasavam! Era o talento, era a poesia, era a mocidade, em toda a sua furia indomavel! Não se sentia alli o medico, nem o bacharel, nem o mathematico! O prazer podia mais que a formatura! Todos se sentiam rapazes, porque tinham apenas a edade do seu coração, e aquelles corações estavam ainda juvenis e impetuosos!...

Uma das grandes condições do caracter do estudante de Coimbra, é o enthusiasmo! Elle faz loucuras iguaes para divertir uma amante, para salvar um amigo, ou para applaudir um artista. Se lhe fallardes em litteratura, encontraes não raras vezes bellos e distinctos espiritos, que devaneiem como poetas e discorram como philosophos. Eugène Pelletan é o seu escriptor predilecto; ha apenas uma coisa tão rara como encontrar um estudante de Coimbra que não saiba de cór o livro do *Monde marche*, — é encontrar um que o tenha!

Infelizmente para a côr romantica da epocha, vae cada vez mais a escapar-se da nossa terra o typo do estudante. A litteratura é que os sustenta ainda perpetuando por suas fabulas a feição excentrica que em tempos tiveram. Já não fallam, nem pensam, nem estroinam, nem vivem, como os que o povo accusava de bargantes, e que sendo o terror dos paes e a inquietação dos maridos, sa-

biam ser tambem a viva tentação e encanto das donzellas. O estudante vae acabando, como a architectura e a realesa. A mim me está lembrando agora, o que succedeu por eu improvisar este anno um estudante, n'um folhetim da *Revolução de Setembro*, como indo dentro do *char-a-bancs* que outr'ora conduzia á Floresta Egypcia. Apresentei-o travesso, folgasão, mystificador, cassoista, um epigramma vivo, um calemburgo perpetuo, um joguete de phrase ambulante, um *coq-a-l'âne* impiedoso. Chegou gente a perguntar-me:

— Onde foi o senhor *estudar aquelle estudante?*

— Por ahi!

— Mas como o encontrou?

— Em toda a parte: todos os estudantes são assim!

Mentia n'isto á minha propria consciencia, mas...

No dia immediato a esse folhetim, o criado veio dizer-me que alguem me procurava.

— Quem diz ser?

— Um amigo da verdade!

— Que entre! respondi.

O leitor ha de ter visto, na terceira pagina dos jornaes, uns artiguitos que quasi sempre mentem, o que os não impede sempre de se fazerem acompanhar desta assignatura modesta e timida — *Um amigo da verdade;* pois bem, era um desses ornamentos da justiça, que me procurava.

— Desejo que me conceda um momento de con-

ferencia! disse o grave personagem, tirando sisudamente de cima da sua fronte calva — os amigos da verdade teem todos uma fronte calva! — o seu chapéo de russo merinó, distinctivo de todo o homem consciencioso e de uma conducta illibada.

— Sou eu, senhor! Sou eu! E a quem tenho o gosto de...

— Sou um amigo da verdade.

— Um amigo da verdade que me procura, em nome...

— Da Floresta Egypcia.

— Ah! Muito bem. Permittir-me-ha então que eu o tracte antes por um amigo... da Floresta Egypcia: é menos trivial! A que devo o prazer.

— Vou explicar-lhe. O senhor contou ultimamente ao publico uma historieta, que não é talvez impossivel de succeder.

— Não é impossivel, senhor!

— Não é impossivel, quero crer; mas que não succedeu. Passo a demonstral-o. A historia passava-se n'um *char-à-banc*, entre um agiota, um recebedor de decima e um estudante, se não me engano!

— Deixe que eu admire e applauda a sua escrupulosa reminiscencia!

— Pois, meu rico senhor, eu é que não applaudo a sua, porque nada disto é assim! No *char-à-bancs* não foi este anno nenhum estudante, nem recebedor de decima, nem agiota, pelo simples motivo...

— Dirá o simples motivo?

— De não ter havido este anno *char-à-bancs!*

— Oh! mas o sr. é capaz de negar até, que tem a figura de um imbecil!

— De um imbecil?

—A figura, a figura apenas! Pois questiona a existencia do *char-à-bancs*, e não questiona a existencia do estudante! *Char-à-bancs* houve e ha sempre: em quanto a estudantes, é que quasi nunca os ha!

— Nunca ha estudantes?...

— Não, meu bom amigo, não os ha. Deixe fallar as comedias do Gymnasio, os *couplets* das Variedades, os romances originaes. Mentimos todos a respeito d'elles, accordando no publico, á simples palavra *estudante*, mil idêas de *frac* estropiado, chapéo d'alguidar, espirito extravagante, relogio no prego, e amante de braço dado! Quando a gente ouve no theatro aquella farcita que tanto esteve em voga, o *Perdão d'Acto*, ou a peça do *Trabalho e Honra*, fica fazendo dos estudantes um conceito pouco favoravel, e cuida logo que aquelles meninos não se avistam senão na Nova Cintra, na Floresta, no Café-Concerto, e em successivas extravagancias, que a todo o instante ponham em inquietação o pudôr da guarda municipal! Sahe d'alli o publico sincero, dizendo a suas esposas, em referencia ás filhas:

— Toma-me cuidado com as pequenas! Se observares que nos ronda a casa algum d'estes bargan-

tes, que com o sentido nas moças não póde estudar, avisa-me para prevenir o regedor.

— Fica descançado! diz a esposa, que ainda está tremula do que viu. Aquillo não são rapazes, são moços fidalgos da côrte do diabo!...

E, a ouvir toda aquella multidão, dir-se-ia que as escolas polytechnica, e a medico-cirurgica são compostas de dois bandos de farcistas, que não tenham outro emprego senão incommodar os burguezes, abraçar as raparigas, quebrar a loiça, e dançar como os bonecos deslocados, que se vendem nas feiras. Não quero dizer n'isto que seja um caso sem exemplo um estudante ir ver o *Castello de Bronze* para uma torrinha da rua dos Condes, e offerecer n'um intervallo um capilé e o seu coração a alguma seductora *Dulcinéa*, com quem no dia dos seus annos se entregue aos excessos da choreographia, a pretexto de uma polka ou da cachucha; mas isso é apenas um episodio, brilhante mas raro, n'aquella existencia sedentaria e laboriosa!

Em Coimbra sim, em Coimbra encontra-se a vida d'estudante em toda a sua feição, em toda a sua excentricidade, em toda a sua elegancia mesmo. Nunca hão-de esquecer-me aquellas horas, que passaram tão depressa, a cavaquear e a beber cerveja, quando, no quarto de algum estudante, os epigrammas e as replicas ainda saltavam com mais vigor do que as rolhas!

Mas tambem, aquella vida especial justifica-se pela distancia em que estão os estudantes das suas familias, e da necessidade que ha de alegrar uma existencia, que se não fossem as rapasiadas, teria de passar causticamente entre os livros e as saudades!

Alli estuda-se, a cantar, e a ouvir cantar. É uma coisa incrivel, como se harmonisa a extravagancia ao estudo, e como atravez das loucuras se conservam serias e leaes aquellas physionomias de uma excentricidade sympathica! Pelos exames, como quasi todas as casas são pequenas, e os estudantes vivem amontoados, o que está de ponto fecha-se na cosinha, e alli trabalha desafogadamente, em quanto os outros, no quarto, conversam, riem, cantam, sem que isso perturbe de nenhuma fórma a attenção que está prestando aos livros o infeliz que eu diria estar de *oratorio*, se não houvesse dito estar de cosinha!...

Em Lisboa, porém, não acontece assim, e as comedias esquecem muito facilmente nas suas scenas burlescas que os estudantes são, por fim de tudo, a flor de Portugal, os filhos das mais honradas familias, que estudaram os seus preparatorios, prevenindo-se pela rhetorica e pela poetica para o estudo das sciencias austeras, e para terem o direito de que não os pozessem no theatro a dialogar... como quem não tem poetica nem rhetorica!...

Os estudantes de Lisboa, são uns bons rapazes, de espirito vivo e coração affectuoso, que estimam tudo que é bello e bom, e em quem as difficuldades da vida e as desillusões da experiencia não gastaram ainda o senso moral. O que fazem elles de bem singular e caracterisco, que lhes ganhe as iras dos auctores de comedias? Ás noites encontram-se no Café-suisso entre um jornal, uma partida de dominó, e o classico pires dos charutos. Se isto é a extravagancia e a immoralidade, palavra d'honra que desisto de conhecer a morigeração!...

Nem elles se presam de Catões, nem eu os quero apresentar por taes; de vez em quando, desapparece-lhes do dedo o annel, ou da manta o alfinete, e ha mesmo exemplo de tirarem o paletot no dia em que faz mais frio, aquecendo-se ao doce sol da mocidade, que é tambem o que alumia na vida os poetas e os artistas, dando-lhes mais raios do que lhes faz perder de horas!

Oh! abençoados!... Não ha mais horrivel coisa para mim, do que a mocidade fria, arranjada, sobria, prudente, com todas as virtudes da edade madura! Pois que importa, de vez em quando, atirar com o *Digesto* para o lado, e agarrar nas *Folhas cahidas*? Têem-se visto excellentes advogados sahirem de excellentes doidos,—isso a que por ahi chamam *doidos*, que é a gente aos vinte annos gostar da alegria e da belleza!—e o caso

está em que atravez d'isto haja uma distincção natural, uma firmeza honesta, que deixe perceber logo que são rapazes a divertirem-se, e não occiosos em folia perpetua!

—Taes são,—disse eu, depois de tudo isto ao *amigo da verdade*, que se conservára escutando-me gravemente!—são taes, *ó amigo*... da *Floresta Egypcia!* as considerações que me occorrem n'este instante, para lhe demonstrar que do que eu descrevi apesar de não ter havido *char-à-bancs*, nem agiota, nem recebedor de decima, nem estudante, o que houve menos de tudo isto que não houve... foi o estudante!...

O amigo da verdade enchugou uma lagrima.

—Sim! É bem verdade! disse elle. Os estudantes de Lisboa não têem feição. Mas tambem, para que foi dar aquelles ares de mistificador ao falso heroe do *char-à-bancs?* Quero que não perigue por isso a reputação dos estudantes, mas póde perigar a reputação dos *char-à-bancs;* e para sermos francos,—isto é o que aqui me traz!!... Eu sou, meu caro senhor...

—Um amigo da verdade, já sei!

—Mais ainda, mais ainda!

—Um amigo da Floresta Egypcia, tambem já sei!

—Ainda mais, meu caro senhor, muito mais ainda! Sou o empresario dos *char-à-bancs*...

—Ah! Comprehendo! E que póde querer de mim?

— Pedir-lhe que seja d'ora avante, mais amavel para com esta empresa, não lhe attribuindo aventuras de uma authenticidade questionavel, e contando desde já com um logar effectivo... na almofada!

— Ide-vos, bom homem. Os *amigos da verdade* conseguem sempre tudo n'um governo liberal, principalmente quando, como a sua pessoa, são ainda mais amigos de si... do que da verdade!

E foi-se o homem.

Os amadores de antiguidades, ao avistarem como diz o Tolentino

> ....a branca fronte
> Da alta Coimbra, fundada
> Nos hombros de erguido monte

irão avidos examinar se a fachada do templo de Santa Cruz foi construida de pedra de Ançã, ou se as ameias da Sé velha estão muito tisnadas do tempo; — os *touristes*, que não chegam mesmo a indagar se antes de Athaces fundar Coimbra lhe puzera Hercules os fundamentos, anceiam por ver alli como principal monumento e principal feição a batina e o gorro negro. Felizes dos que viajam para se instruir; vão cheios de dignidade: é uma coisa baixa, bem sei, viajar só para passar e ver; é esta todavia a simples missão dos que procuram, mais inquietos do que curiosos, chegar onde não os espera ninguem: para aquelles as descri-

pções, para estes as impressões apenas; eu sou dos ultimos, bem vêem!

Ao cair de uma tarde,—quanto me lembra!—fui ver o pôr do sol, ao Penedo da Meditação; no outro dia ao descer da noite fui ver nascer a lua ao Penedo da Saudade.

Os homens que têem para se queixar na vida de haverem encontrado no seu caminho mais fel do que nectar, devem amar ainda mais o Penedo da Meditação, que o da Saudade. É mais grave, mais triste, mais austero, e por ventura mais bello para os que vivem da razão. Um abysmo incommensuravel em que se perde o olhar; um horisonte agreste que enregéla a alma; precipicio sobre precipicio; quebrada sobre quebrada; e na baixa a ribeira de Coselhas, cujas agoas sussurram arrastadas e lamentosas por aquellas penedias de um ecco atterrador!

Para se viajar de um mundo a outro mundo, basta ir de um d'estes sitios para o outro. O nome de cada um d'elles explica-lhe bem a feição e os intimos segredos d'alma que a sua vista nos desperta: n'este o coração recorda-se; a idéa n'aquelle, abysma-se.

Lembram n'um, todas as amarguras, desillusões, e queixas, da humana existencia; sente-se reapparecer na alma o dia em que ficámos sem pae, a hora em que morreu nossa irmã, o instante em que nos disse adeus a amante que nunca mais vol-

tou. Estão os olhos a mirar, e o coração vae dizendo ao mesmo tempo : — Tudo aqui é fatal. Não ha praser que não termine em magoa ! A felicidade é um sonho, a belleza uma sombra, a gloria um fumo de sons, que se dissipa ao vento que o conduz ! Tudo estremece, balbucia, e cahe : tudo parece insignificante e humilde ; lembra-se a gente da fraqueza das artes, da inconstancia do amor, da impotencia do talento ; e cada alma pergunta duvidosa porque é que falta ao poeta a plastica das fórmas, ao pintor a successão das idéas, ao esculptor o movimento, ao compositor a palavra, ao amor a eternidade ?

Oh ! antes o Penedo da Saudade ; é mais doce, mais sereno, mais cheio de consolações, e parece dizer-nos que Deus contentará no outro mundo os desejos ardentes e inextinguiveis que formarmos n'este, e que, no céo, o poeta escreverá estrophes que hão-de traduzir-se em formosissimas mulheres, em verdura que esmalte os prados, em flores que perfumem a terra ! — que o pintor e o esculptor realisarão fórmas dotadas de idêas e de movimento ! — que o musico condensará em mesas de crystal as fugitivas vibrações das suas melodias, que hão-de descrever arabescos deslumbrantes, em ramagens prateadas, e em filagranas de perolas como as que o orvalho esmalta nos vidros ! — que os suspiros do amor fluctuarão n'um centro de luz e de perfumes, athmosphera deste paraiso

ideal! Ah! Do Penedo da Saudade não se vê o que se está a olhar, vê-se o que se está pensando. Que visões aerias atravessam deante de nós!—Olha, lá estás na egreja, no côro, a resar no teu livro de orações! Bem te vejo á sahida, cercada das tuas aias, trepando para o carro armado que te espera, e pondo o pé sobre o joelho do abegão!—Que musica é esta, agora? D'onde sahe esta orchestra tonante? Já vejo: a quadrilha passeia, a walsa salta, o galop redemoinha, as mãos procuram-se, confundem-se as vozes, aqui e alli brilham hombros alvos e nus, braços que podem disputar-se a perfeição ás estatuas antigas, porque nem o paros é mais fino nem de uma alvura mais aloirada e bella! És tu, és tu, que vaes passando, com uma corôa de rosas na cabeça, e um *bouquet* na mão! O sol dá a luz, a terra as flores, o poeta o genio, Deus o céo, e a mulher o amor; oh! o amor, mas és tu capaz de o dar?—Bem me recordo, sim: eras delicada e debil como um lyrio; a tua fronte pendia para a terra como um arbusto a quem o vento curva: cedo adivinhaste a morte, e cedo ella chegou para ti; quando passeavas na tua quinta, encostada ao meu braço, os teus rapidos pés não curvavam sequer a relva que pisavam! Pobre anjo! Baixa os olhos para nós, tu, que estás perto de Deus!

. . . .

Estive no caes até ás dez horas: no club a ler

os jornaes, até á meia-noite: em cima de um bahu, a dormitar, até ás duas horas da madrugada. Ás duas horas accordaram-me. A noite estava quente : o céo, azul : as estrellas pallidas : e eu... com somno ! com immenso somno !...

— Está o *coupé* á espera ! disse uma criada.

O *coupé* ! Tudo me sorriu a esta palavra ! Um *coupé* em Coimbra ! Um *coupé* para ir observar a natureza ! Um *coupé*... para ir dormindo !

— Álerta ! Álerta ! foi o grito geral.

Procurei debalde um pretexto para não me levantar ainda.

— Olhem lá! As gallinhas assadas já ahi estão?

— Já

— Esperem : o copo de coiro para beber agua, levam-o ?

— Cá o temos !

— Um instante, um instante apenas : já estão todos vestidos ?

— Não se despiu ninguem!

— Despiu-se o cocheiro, necessariamente ! vejam se o cocheiro está vestido, e venham dizer-m'o!

—O cocheiro está esperando, os cavallos impacientam-se ! a noite despeita-se ! o Bussaco reclama-nos !

— Está bem ! está bem ! Visto que o Bussaco nos reclama, é um caso differente ! Vou tentar pôr-me em pé, para que a noite não se despeite!

A poesia não é uma palavra, meus amigos! Vamos gosar o perfume da madrugada!

E dez minutos depois, o trem rodava pela estrada que vae de Coimbra ao Porto, e os salgueiros do Mondego sorriam-se para nós espelhando-se nas aguas.

« Deixal-os! Deixal-os! dizia o rouxinol ao arvoredo vendo-nos perder na sombra. Elles vão gosar o que eu estou gosando — a brisa da madrugada, beijando a rama dos cedros e dos freixos! Loucos, que dormiram depois do sair da lua! Eu de noite canto e amo! Nas horas em que sol ostenta o seu petulante explendor, estão elles accordados! e eu fecho os olhos e sonho!...

« Deixae-os! Deixae-os! dizia o salgueiro, baloiçando os seus ramos verdes ao sopro disperso da viração. Pobres poetas, a poesia sou eu! Eu a quem o sol virá d'aqui a pouco seccar, beijando, as lagirmas que a noite derramar sobre mim ao despedir-se! Ouvis? No sussurro negligente d'esta hora, ha voz e alma!...

« Deixae-os! Oh! Deixae-os! dizia o rio ás estrellas. Pobres moços, o amor vive aqui! O amor é esta luz tibia que vem do céo pratear-me! O amor são estas areias humidas agora como o olhar da saudade, escaldantes logo como o phrenesi da paixão ou as iras febris do ciume! O amor é este concerto nocturno da ave no tronco, do vento nas

folhas, da rama nas aguas! O amor és tu ó noite! Ó noite, a poesia és tu!...

E, pouco a pouco, a natureza accordou n'um sorriso d'alegria... A manhã veio clara, o ar vivo, o sol esplendente... Ao fim de quatro legoas de jornada, os cedros do Bussaco mostraram-se emfim, em toda a sua grandeza, em toda a sua pompa, em todo o seu mysterio, elevando-se ás nuvens, senhores da solidão, reis da meditação e do silencio!

Os rouxinoes, poetas da floresta, cantavam alli a melancholia do seu destino em todo o recolhimento da religião do ermo!

Por entre a rama avistava-se a montanha ao longe: e no cume a cruz alta, onde vão expirar os ultimos ruidos do mundo...

O bosque tremia de grandeza!...

Não se encontra algures, o ar que se aspira alli. É mais vivo, mais acendrado, e mais subtil! Nas noites agrestes do inverno, o vento deve gemer na montanha como uma alma em martyrio! Pobres solitarios do Bussaco! Pobres Carmelitas do deserto, que ieis alli procurar um tumulo... para viver!

A montanha é alguma coisa de formidavel que assusta a vista! É preciso subil-a com passo de romeiro, abordoando-nos a um cajado, para não resvalar a cada instante. Não ha um palmo de terreno despido! É tudo mato, arbustos, troncos de-

cepados, raizes que se desgarram da terra! O céo mal se divisa atravez das arvores, que colmêam o horisonte... O sol entra a medo n'aquella matta virgem... O seu esplendor torna-se pallido de pasmo, á medida que a floresta mais sobe, mais se enrama, mais se eleva e mais se impõe, soberba, grandiosa, enorme de magestade e de terror!...

Lembrou-me Cooper, alli: lembraram-me as florestas da America, que aquelle talento admiravel nos descreveu n'algumas paginas, que não teem de morrer! Senti o ardor luxuriante d'essa natureza, que desponta em todo o fogo, em toda a força, em toda a oppulencia da vida! E puz-me a fallar de Cooper aos meus companheiros, a Batalha Reis sobre todos, e a Victorino da Motta, estudante do ultimo anno medico, que a universidade tem premiado sempre, e escriptor de auspicioso merito que collaborava então no *Instituto:* falleilhe de Cooper com o mesmo enthusiasmo, com a mesma adoração, e quasi que com a mesma melancholia com que Werther, uma noite, á janella, se alargou a fallar de Klopstok a Carlota e ás estrellas!

Quanto mais andavamos, quanto mais subiamos, quanto mais marinhavamos pelo monte acima, parecia que mais se alongava a distancia, e que a cruz alta mais fugia de nós! Os meus companheiros, rouxos como sorvas, não pediam senão agua. Eu, mais rouxo que elles, nem agua pedia... por

não ter voz! Era um ar abrasado da costa d'Africa, em que se adivinhavam as desesperadoras calmas dos cannaviaes e as sestas ardentes dos sertões...

— Agua! Agua.

Este era o unico grito da caravana, e a cada fonte que encontravamos atiravamos-nos soffregos e pareciamos querer seccal-a! Dois dias mais do Bussaco, e voltariamos hydropicos!

Depois, a marcha proseguia lenta, difficil, arrastada... Ricardo III no furor da batalha, offerece o seu reino por um cavallo. *My kingdom for a horse!*

Pobre Ricardo, tu não tinhas senão que dar cabo do Leicester! Se te houvesses encontrado como eu com os pés grelhados e o corpo em brasa, no meio da montanha, terias trocado o teu reino... por um burro, para subires o resto!

A montanha elevava-se cada vez mais. Não era uma montanha, eram centos d'ellas. Quando tinhamos subido uma, apresentava-se outra ainda maior. Valiam-nos apenas as capellas dos Passos para descançarmos de bocado em bocado. As imagens estão derrocadas, porque a populaça no seu furor christão atira com os varapaus sobre os judeus de pedra, e quebra sem querer a cabeça ao Christo!

Mas, o que me importou a fadiga de subir a montanha, quando trepei os degraus da cruz alta, e, abraçando-me a ella, espalhei a vista nas vinte leguas d'horisonte que de lá se descobrem?! Aquillo alli, é porventura o mesmo mundo que o nosso?

Não é; não póde ser! Alli começa um mundo, e alli acaba. Sentem-se passar no ar não sei que mysteriosas correntes d'espirito. Suspeita-se, presente-se, adivinha-se o infinito... Os sons que veem da floresta, o murmurio indefinivel d'aquella natureza que desperta, o rumor longiquo que as brisas do mar conduzem, são os hymnos da poesia, da immortalidade, da grandesa divina em fim! Os bronzes, os vasos, as medalhas, as estatuas, os mil esforços da arte na architectura ou na esculptura, não conseguirão produzir jamais a impressão grave e doce, austera e consoladora ao mesmo tempo, que aquella simples cruz de pedra, erguida alli solitaria e triste aos pés de Deus, nos accende n'alma, irradiando-nos o espirito de luz, d'esperança, e d'amor!...

Ao baixar a vista dir-se-hia que tudo aos nossos pés era uma vasta planicie coberta por um tapete de veludo! Apenas as casas do Luso se divisavam como uns pontos brancos, esmaltando aquelle longo horisonte da côr da esperança; e, ao longe, o mar apparecia como uma orla branca, entre a terra e o céo!...

Quando descemos, um turbilhão de fogo parecia erguer-se em toda a circumferencia da montanha... A terra abrasava-se... As cigarras rangiam em gemidos... As folhas estalavam sob o sol... Os cedros mettiam a cabeça nas nuvens... E eu sentia-me perder como um atomo, n'aquella immensidade...

Viemos descançar ao mosteiro.

O mosteiro é apenas grande e notavel de terror. A luz penetra debilmente; as cellas são acanhadas e estreitas, para caber n'ellas um só homem; tudo era de cortiça alli, portas e moveis: uns corredores largos, escuros, tortuosos, com alguns retratos de carmelitas, de que os mais interessantes são os primeiros dois do lanço fronteiro á portaria, dois velhos pallidos que meditam, um encostado sobre uma columna quebrada, o outro com a fronte envolvida no capuz e um dedo sobre os labios, impondo-se a resignação e o silencio...

A egreja do Bussaco não tem de valioso senão dois bustos, da Magdalena e de S. Pedro. Isto sim, que é admiravel de inspiração, de genio, e de fé. A Magdalena sobre tudo... A Magdalena que chora sobre um livro santo os erros do seu passado aventuroso, pallida e extenuada pela febre da imaginação e pelas exaltações de um espirito que sonhára o infinito do amor, á medida que se mergulhara no horisonte da religião!...

É uma cabeça delicada, toda mimo e toda graça: os cabellos, que são mais loiros do que negros, molduram-lhe de uma fórma encantadora o rosto de uma expressão serena e triste, em que parece adivinhar-se o sublime poema da paixão e da fé, que, convertendo a mulher do mundo, a mulher perdida, a mulher das ceias, dos amores, e das loucuras, fez d'ella uma grande santa ao

tornar-se uma grande martyr... Mas, ó Magdalena, Magdalena, que choras sobre esse livro, tu não estás lendo! Não é verdade, que não estás lendo? Não é certo que estás scismando? Sonhando? Recordando, porque o sonho tem a sua recordação como a realidade? Pobre Magdalena, formosa como as estrellas, triste como o pranto, bella como o amor; quem uma vez ajoelha no confessionario, não póde sair d'alli, senão com a absolvição... Chora! Chora, e pena! Chora e recorda-te, Magdalena!

Voltei a Coimbra á noite: uma melancholia indefinivel me pesava; a imagem da Magdalena derame impressões que eram cheias de tristeza, ainda que ao mesmo tempo pareciam haver-me accordado a fé, a fé, que não é o dia, mas o fim da noite, a luz que se aproxima da alma!

Na manhã seguinte, como durante a noite pensára muito em partir, o meu primeiro cuidado ao chegar á malla-posta do Porto foi informar-me se havia logar.

— Nenhum! respondeu o cocheiro.

— Absolutamente nenhum?! repliquei em tom lamurioso.

— Um apenas, que o senhor não deve escolher,

— Qual?

— O logar do major.

O logar do major,— director da mala-posta do norte — é o primeiro da almofada, e o melhor

dos logares de cima: porque motivo então não havia eu de o querer!

— Meu caro amigo,— disse ao cocheiro — o logar do major é o logar que me convém! Estamos em junho, os dias vão calmosos e as noites serenas, o logar mais arejado é o do major, o logar do major é o unico que está vago, logo é meu o logar do major!..

O cocheiro respondeu-me com entono ponderativo:

— O senhor não sabe ao que se expõe!

— Porque?

— O major anda em serviço na estrada, e póde em qualquer ponto reclamar o seu logar e seguir jornada; o senhor terá de se apear, e ficará no caminho!

— Isso não hade succeder!

— Mas póde succeder isso!

— Corro-lhe o risco!

— É o senhor que assim o quer!

— Sou eu que assim o quero; exactamente.

Um quarto de hora depois, a mala-posta partia, e eu dizia adeus a Coimbra, do alto da ladeira, Coimbra que me apparecia bonita outra vez, vista d'alli!... Ao chegarmos, porém, ao Casal dos Ovos o cocheiro olhou para mim com um sorriso infernal, e disse-me estas simples palavras, indicando um sujeito que estava na estrada:

— O major!

Pela primeira vez na minha vida senti o frio do terror. Eram baldadas todas as diligencias que eu procurasse fazer para não me apear, por conse-sequencia apeei-me. Por um favor sem exemplo com que a sorte me brindou n'esse dia, passou depois a diligencia do José Paulo que me aceitou por passageiro, libertando-me de ficar deportado n'aquella grande terra do Cazal dos Ovos, onde, por tal signal, não se conseguiu sequer arranjar dois para frigir!...

RECORDAÇÕES DO PORTO

RECORDAÇÕES DO PORTO

I

Previamente auctorisado por um passaporte, que me concedia côr natural e nariz regular, — fineza do governo civil, que jámais esquecerei! — embarquei cheio de coragem no vapor *Lisboa;* o céo estava azul, a brisa afagava a palla do meu bonet de viagem, Lisboa parecia olhar-me sem a mais leve inquietação, e, — para tudo ser! — um instante antes da partida, os actores Taborda e Santos appareceram-me alli; Santos com um abraço de despedida, Taborda com isca de bordo. Isca de bordo! Delicado mimo!... Se tudo isto não era viagem de bom presagio, digam-me que não ha que esperar sobre a terra... nem sobre o mar!...

Em quanto os meus olhos se fixaram n'aquellas margens, cheias de magestade e de formosura, que

orlam o Tejo, — tudo parecia sorrir-me, e o suspirar das ondas, o adejar das aves do mar, e os ultimos eccos da voz de Lisboa que o vento vinha conduzindo até me expirarem no ouvido, pareciam estar a dizer-me:

— Parte! Oh! parte! Nenhum laço te prende aqui, — destino solitario e inquieto! Se a tua patria não é a tua aldêa, então a tua patria é em toda a parte onde houver uma esperança e um folhetim! Parte sem olhares para traz. Parte sem te recordares. É preciso teres o ar de quem se diverte, e tu deves divertir-te apenas nos sitios d'onde divirtas o publico! Vê, observa, e conta! Tal é a tua missão sobre a terra. Parte depressa, oh! parte, parte!...

Depois, porém, pouco a pouco, á medida que sahiamos a barra, o vento soprava cada vez mais rijo, as ondas erguiam-se em fórma de montanhas, e pareciam, como os gigantes Chaldeus, atreverem-se a escalar o céo...

O pouco sol que ainda se avistava ao longe tinha o ar de uma ironia: as vagas principiavam a cobrir o barco, o vento gemia e apostrophava, e o sol pallido, desbotado, livido, parecia dizer-me:

— Eu podia alumiar-te, se quizesse; aquecer-te, doirar o mar, alegrar a natureza, deitar-me entre purpura, e deixar-te uma noite serena, perfumada e azul; mas não quero! Quem te chamou aqui? És tu commerciante, inglez, brazileiro, homem rico, homem occupado, homem sério? Se não és nada

disto, para que vieste por mar? O vapor não é a poesia, é a rapidez: que negocios te urgiam? Vaes metter alguma somma no novo banco do Porto? Chamou-te uma parte telegraphica? Quebrou o teu socio? Vaes receber uma herança? Surprehendeu-te a noticia de seres pae, e corres a aproveitar as primicias do regosijo paterno? Nada disto. És por ahi poeta, ou coisa assim! A tua bagagem o indica; um sacco-mala no beliche, e uma manta ao hombro! Diriges-te ao Porto, para ver, e vaes por mar para isso!? Não; não te allumio nem te aqueço! Enjôa ridiculamente, enjôa para fazeres rir de ti,—tu! que costumas rir dos outros!...—enjôa para divertires o capitão, para divertires os marinheiros, para divertires depois o publico á custa de ti proprio! Sê o folhetim ainda mais que o folhetinista; enjôa... como se fosses o leitor!...

É isto o que parecia dizer-me o sol, e é isto o que me aconteceu. Uma hora depois, á medida que baixava a noite, principiei a bocejar como quem cahe de somno, esfregava os olhos, firmava os pés, e dirigia ao homem do leme as perguntas mais desconchavadas e importunas.

—O mar irá cada vez a peior?

O homem do leme calava-se, e apenas me concedia em resposta um sorriso frio e ironico de marinheiro.

—O vento á meia noite costuma augmentar ou diminuir?

Novo silencio, novo sorriso, novo desdem. O commandante estava alli perto, e lembrando-me que fosse em attenção a elle que esse ente disciplinado se privava de me conceder resposta, dirigi a palavra ao capitão principiando outra vez as mesmas perguntas:

—Senhor capitão, o mar irá a peior?

—Talvez que não.

—E o vento abrandará?

—Talvez que sim.

—O que devo eu fazer para não enjôar?

—Coisa nenhuma.

—Já me sinto agoniado! Será bom tirar o bonet?

—Como quizer.

—E sentar-me, senhor capitão?

—Tambem póde ser.

Sentei-me. De instante a instante, via as ondas accommetterem o vapor e atiral-o desapiedadamente de *bombordo a estibordo*. O enjôo principiou a apoderar-se de mim com a primeira refrega de norte rijo, nas alturas do Cabo da Roca.

—Senhor capitão! O céo está a cobrir-se de nuvens. Teremos agua esta noite ainda?

—Não é certo; respondia-me o commandante com uma paciencia cheia de delicadeza.

Ao sentir as primeiras ancias, tentei ainda conversar.

—Nunca enjôou, senhor capitão?

—N'outro tempo.

—Será bom alargar o fato?

—Alargue o que lhe parecer.

Uma onda cobriu o vapor e alagou a tolda.

—Oh...

—Volte a cara para o vento:

—Oh...

—Encoste-se ao parapeito!

—Oh...

A este tempo já um criado me amparava para eu descer ao beliche, leve de estomago como se não tivesse comido desde que nasci!...

Um espectaculo degradante me esperava. Os sophás da camara estavam cheios de passageiros a vomitarem como colericos, e a estrebucharem como moribundos. Um inglez apenas resistia á tormenta e nos contemplava encarapitado do seu beliche; esse mesmo, porém, bocejava tonto, e mascava uma laranja sem lhe ver a casca!

Deitaram-me como um homem morto. Por baixo do meu beliche, era o do Silva Pereira, meu estimavel amigo e companheiro de viagem, que, para dizermos a verdade, teve apenas mais denodo do que eu... em se ir deitar primeiro!...

Principiou então a noite medonha, a noite diabolica, a noite das infernaes agonias que escaparam a Dante. Dir-se-hiam as almas em martyrio, expiando as suas culpas na barca de Charonte. Gemia-se e gritava-se, ora implorando os santos, ora

invocando os diabos. Era um concerto phantastico! Cento e nove passageiros entoavam o seguinte côro, musica do desespero e lettra do enjôo:

Oh.. Oh... Oh .. Oh...
Oh... Oh... Oh... Oh...
Oh... Oh... Oh... Oh...
Oh... Oh... Oh... Oh...

Ào lado de mim, vinha úma familia de *cariócas*. Uma dama esguia e fusca, que tinha a configuração e o ar de uma chibata de barba de balêa. Trazia nos braços, a titulo de pulseiras, uns grilhões enormes em estylo de amarras de navio. Das orelhas pendiam-lhe umas canastras doiradas, a que ella e a sua familia chamavam brincos! Apesar de tudo isto, havia mil romances nos seus olhos languidos e nas longas pestanas que pareciam resguardar-lhe a luz; recordei-me d'aquella creoula da *Bananeira* de Frederico Soulié, —*Voilà le plaisir, qui se tord avec des cris!...* e quando olhei para o marido, um bronco enfesado e rachitico, cuidei adivinhar que elle não podia ser mais do que o depositario fiel... de sua mulher!

No beliche fronteiro ao meu, um desgraçado passou a noite a tomar caldos e a vomital-os. Deitava um fóra, bebia outro, — e ás vezes estava a bebel-o e a largal-o.

—José! dizia elle ao criado. Estou meio morto!...

— Então deve a familia do senhor deitar... meio lucto?...

— Conta-me uma historia para me distrahires!

-- Uma historia?

— Uma historia!

O criado preparava o seu melhor estylo narrativo, e principiava a contar qualquer coisa. Instantes depois, chegavam as ancias ao pobre homem, e em seguida ás ancias a prostração. O criado, que era um rapaz magro e louro, retirava-se.

D'alli a nada:

— José!

Os criados rendem-se de hora em hora: o que lhe apparecia era já outro, um homem alto e gordo:

— José! dizia-lhe o desgraçado tomando-o pelo mesmo. José! Eu aborreço-me muito desde que vim ao mundo. Divertia-me mais... d'antes!. .

— O senhor tem tomado esta noite setenta e quatro caldos: quer tomar o septuagesimo quinto?

— Sim, José. E quero que me continues a tua historia. Ias tu dizendo...

— Eu?! Não ia dizendo nada, senhor!

— Não? Então traz o septuagesimo quinto!...

Depois de mil peripecias de nauseante memoria, o vapor que devia chegar ao Porto das oito para as nove horas da manhã, avistou a barra ás cinco horas da tarde! Haviamos tido vinte e cinco horas de viagem, durante as quaes nenhum dos passageiros das minhas relações, Silva Pereira, Cy-

rillo Machado, o barão de Magalhães, e eu, haviamos comido nem bebido, — o que prova que de viajar por mar se tiram... grandes principios de economia!...

A barra do Porto é por si só um drama de terror. Cada um de nós, no instante solemne em que o piloto da barra vem assumir no barco a auctoridade de commandante, tanto é preciso alli um grande conhecimento dos perigos a evitar, repetia, creio eu, no intimo da sua consciencia aquella estrophe de Camões, que principia:

Maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas véllas poz em secco lenho;
Digno das eternas penas do profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho!

Ha alli, ao que me affirmam, mil escolhos em todas as direcções. Para lhes dizer a verdade, eu não vi senão mar, e arrependi-me de subir á tolda para ver os perigos, porque se não tivesse procurado vel-os... descrevias-os!...

No entanto, que alegria suprema ao avistar terra, e ao espalhar a vista para o espectaculo grandioso que me cercava! Á direita, as margens do Furadoiro, da Costa d'Espinho, do Senhor da Pedra, e aquella lingua d'areia de Cabedêlo, que é o fim da costa, e que fecha estreitamente a barra, passando perto do vapor na distancia de um *skakehands!* Á esquerda, o mar largo! Em frente de nós, a Foz!...

Esperavam-me alguns amigos; entre elles um dos mais antigos, dos mais sinceros, dos mais delicados, que tenho encontrado na vida, Nicolau de Brito. N'um momento, a minha mala, a minha manta, e eu, estavamos n'um barquito procurando terra: ao sahir do barquito, n'uma carruagem: ao sair da carruagem n'uma excellente casa, — um primeiro andar completo! — que Nicolau de Brito poz á minha disposição. Desta vez, a minha estrella não me deparava um quarto de ermita como na Durruivos, um quarto de estudante como em Coimbra, um quarto de artista como na Nazareth; era um aposento de principe, com sophás de setim, cadeiras de mollas, e charutos á discrição!

Assim que desembarquei, todos os sentidos me tomaram uma feição nova. O que via, o que tocava, o que aspirava, o que absorvia, o que bebia, o que comia, era tudo differente, tudo novo para mim. A vista, um dos sentidos que me influenceiam mais, descubria objectos, fórmas, coisas, que me suscitavam uma impressão nova, original, curiosa. Opera-se um trabalho extremo para conhecer as razões e estudar os motivos d'estes aspectos novos. Não sei se acontece isto aos outros, mas supponho-o; compara uma pessoa cada objecto com os da sua terra; louva, ou critica; turba-se o espirito por aquella primeira absorpção, por aquella infiltração que o olhar communica á nossa existencia moral!

Os barquinhos que nos conduzem do vapor teem a fórma de gondolas, e dão ao rio toda a côr veneziana. É uma nuvem de barqueiros a acercaremse, a gritarem-nos, a quererem conduzir-nos de graça pelo simples prazer de lhe honrarmos o seu barco!

Uns poucos de cicerones tentam depois explicar as vantagens de uma hospedaria sobre outra. Este engrandece-nos o *Hotel Lusitania*,—que é effectivamente uma boa hospedaria;—o outro dá-nos mil razões para preferirmos a *Aguia d'ouro*, ou qualquer outro animal d'ouro,—que são *effectivamente*... detestaveis hospedarias;—e uns homens de capote côr de pinhão orlado de amarello, interrompem-nos com um grito agudissimo:

—Quer cadeirinha?

—Cadeirinha?!

—Cadeirinha segura! Cadeirinha firme! Cadeirinha leve! Aqui! Aqui, patrão!

Patrão, aqui! Aqui, patrão!...

Vou ter tantas occasiões de dizer do Porto mil coisas agradaveis e sinceras, que posso atrever-me a principiar por uma que é sincera sem ser agradavel: os predios, pela maior parte, são absurdos; absurdos lhes chamo, e é o menos que posso chamar-lhes, tão feias e irregulares são aquellas habitações esguias, de tres janellas cada uma, e de quatro e cinco andares, o que dá vontade de perguntar a um inquilino:

— O senhor mora nessa tira?

Em vez de:

— O senhor mora n'essa casa?

A apparencia mesmo produz uma sensação de mau estar. Presentem-se quartos sem commodidade, salas sem fogão, *boudoirs* sem espelho, moveis duros, angulosos, leitos estreitos, de que uma pessoa deve levantar-se mais fatigado do que de estar em pé!

E todavia, apparecem entre elles excellentes edificios, e a cada passo se encontram obreiros a levantar um predio. Isto deixa-me esperar que d'aqui a pouco tempo o Porto reconheça a necessidade... de *tirar* as *tiras*. Uma cidade monetaria, que cada dia se aperfeiçoa e embelleza, deve attender primeiro que tudo á elegancia, ao gosto, ao estylo dos seus edificios. A casa é o homem! Nós temos o proverbio de — «Dize-me com quem andas...» Façamos outro: — Dize-me onde moras, dir-te-hei quem és!

Se eu fosse simplesmente um homem, tinha jantado, e havia-me deitado em seguida: como sou folhetinista, esqueci-me que estava — não como o outro passageiro, *meio morto*, mas... morto e meio! — jantei... e fui para o theatro!

— Para o theatro! exclama a leitora.

— Sim, minha senhora! Para o theatro de S. João! Para o theatro lyrico! Para o primeiro theatro do Porto.

*

II

Ha duas circumstancias por onde eu costumo conhecer se estou em Lisboa ou não, —comer de graça, e ir ao theatro por dinheiro!...

Por isso, tão depressa entrei no theatro de S. João e entreguei ao porteiro um bilhete que comprara, conheci logo a necessidade em que estava... de me divertir! Diga-se já que me foi isto menos desagradavel pela esmerada *toilette* em que encontrei os arrumadores, de medalha de ouro ao pescoço, e lyra bordada na sua farda azul, contraste o mais pittoresco com os seus collegas porteiros dos camarotes, que vestiam garridamente calça branca e casaquinho encarnado de cabeção!...

Na occasião em que andava procurando um logar, ouvi tres compassadas badaladas de um sino. Um sino! O que poderia significar similhante cerimonia! Estava-se por acaso dando graças de eu haver escapado de naufragio na minha mais que memoravel e gloriosa viagem? Não: nada disso. Era um sino a fazer de apito, —coisa menos pretenciosa e censuravel do que se fosse um apito a fazer de sino!...

Ao meu lado, dois sujeitos conversavam sobre a recita da vespera:

—Esteve no beneficio da Briol?

—Pois havia de faltar!

—Tem idêa de uma creatura assim?

—Tenho.

—Qual?

—Todas as creaturas... feias!

O outro fez um gesto de indignação, e principiou a explicar os encantos da *prima-donna*. A este tempo, auxiliado por um oculo, já eu estava em serviço de observador!

A sala do theatro de S. João é no estylo da de S. Carlos, e, com quanto mais pequena, não lhe é muito inferior. Clara, alegre, elegante mesmo, não tem a meu ver senão o defeito da platéa ser extremamente baixa, e obrigar os bancos a uma altura impossivel a pernas humanas. É uma pena que n'este bonito theatro se esquecessem as primeiras leis da commodidade, que devem sempre existir nos logares consagrados aos prazeres scenicos!...

De que fórma gosar de um bonito motivo, de uma melodiosa phrase, de uma aria inspirada e terna, se as pernas nos andarem a bailar no espaço, de encontro ás pernas do visinho, se não soubermos onde collocar o nosso chapéo, e se, á força de estarmos de pé no ar, tivermos caimbras sobre caimbras?

É preciso que nenhuma sensação desagradavel ouse incommodar-nos os nervos n'um theatro de primeira ordem, e principalmente n'um theatro lyrico; que se caminhe sobre tapetes até á cadeira da superior, e que ella seja commoda e branda; que se esteja cercado de uma athmosphera suave

e perfumada; que constelações de lustres, e placas explendidas derramem uma luz pura e viva, —no theatro de S. João principalmente, onde tantas senhoras formosas, ornadas de diamantes e de flores, engrinaldam os parapeitos dos camarotes, emquanto a musica nos entretem sem conseguir prender-nos de todo a attenção, o que a meu ver, é uma decidida vantagem, porque nos deixa gosar pelos ouvidos... e pelos olhos!...

A opera que se dava essa noute, era o *Baile de mascaras*, de Verdi. Eu tinha toda aquella musica de cór; mais um motivo para continuar a ouvil-a: á força de assiduidade tenho conseguido dar-me um dos melhores prazeres humanos, o *habito*, e divirto-me tanto a observar uma simples *nuance* de canto ou de expressão, como a outra gente quando farta a sua voraz curiosidade!... São tão raras na musica as verdadeiras grandes obras, que me parece mais agradavel contentar-se cada um em ouvir as de incontestavel merito, saborear-lhes lentamente as bellezas, e preferir a familiaridade intima de uma bella opera ao conhecimento de uma amalgama de *partituras* mediocres!...

— Ao *Baile de mascaras!* Ao *Baile de mascaras!* exclamei eu, quando a orchestra rompeu os primeiros accordes. Não ha nada novo sobre a terra senão a curiosidade! e os cantores vão dar á opera uma nova feição para mim!...

Ergue-se o panno. N'uma sala, — que não me

pareceu denunciar da parte do empresario Lombardi grandes caprichos de prodigalidade! — estavam os cortezãos e o regente. O regente soltou as primeiras notas com o ar grave de um archeiro, e foi-se incumbindo de cantar para o publico, em quanto eu o observava a elle.

Era um homem pequeno e redondo, branco de neve, bochecha de anjo a tocar trombeta, e uns olhos pequerruxinhos por onde espreitava ao publico o fastio que o seu merecimento inspirava! Se um queijo do Alemtejo tivesse voz... devia ser um cantor assim!...

Em quanto a madama Briol, que foi durante a época a artista predilecta dos portuenses, era effectivamente uma *prima-donna*, que não affligia o ouvido do publico. Se me perguntarem se ella era admiravel, dir-lhes-hei que não; se ella era boa, dir-lhes-hei que sim: boa para um theatro que apenas tem dois contos de réis de subsidio; um theatro em que a platéa geral custa um pinto e a superior sete tostões! É claro que ella não podia ter uma voz pura, nem o timbre fresco e argentino da mocidade; não iria fazer prodigios de vocalisação e de ligeireza á sombra pouco auspiciosa de mestre Lombardi!... Ha comtudo uma certa energia no seu canto, e, por momentos, ella mostra-se nervosa, apaixonada, violenta, e os seus olhos lançam uns negros relampagos na sua pallida physionomia, que nos fazem lembrar a Nemesis antiga.

A Briol não é bella, mas, — palavra d'honra! — quando um homem escapa de um naufragio e vae direito para o theatro... tem o direito de a achar interessante!...

A artista que fazia de pagem, uma tal *signora* Persini, talvez fosse boa... na Persia! Pela minha parte, nunca vi uma figura de mulher mais desgraciosa, nem ouvi uma voz mais antipathica do que a dessa dama, ingleza ao que me disseram! Escutar-lhe uma aria, e cair n'uma sorveteira, hão de ser dois prazeres eguaes!... Cada nota della corresponde... a um banho do mar... A sua alma deve ser excellente para o verão; — tão fria!...

Emquanto ao baritono: Eu, realmente, não sei dizer a minha opinião! É um homem de presença agradavel, que me dizem ser boa pessoa, amigo do seu amigo, visinho tranquillo, e cidadão respeitador da lei. Tambem me dizem que é entendido em musica, e que conhece o preceito do bello canto; por isso agora é que eu não respondo! Os cantores, a meu ver, dividem-se em duas classes: os que devem tudo á natureza, e os que devem tudo á arte; — ou, por outras palavras, — os que não sabem servir-se da voz que teem, e os que sabem servir-se da voz que não teem!... De um lado, ha a frescura, a facilidade, o encanto: do outro, a perfeição de methodo, e um certo mecanismo a que não haja que dizer. O ideal seria a reunião dos dois. Infelizmente o trabalho para attingir a correcção

da arte, prejudica o dom natural, e ha exemplos de um cantor estar grande mestre quando já não tem voz!

Qual preferia o leitor, o cavallo que saccode as crinas espumando, arrebatando-se, e entregando-se a todo o ardor do impeto,—ou o cavallo domado, que amestraram em todos os exercicios de manejo, dançando a compasso, fazendo habilidades, mas incapaz de saltar uma sebe ou de atravessar um precipicio? A questão está n'isto. As senhoras, os rapazes, e os poetas, devem gostar mais do primeiro;—os homens positivos, os professores, e a orchestra, tomam o partido do segundo. Emquanto a mim, apesar do meu respeito pelo talento adquirido á força de trabalho e de vontade, sou mais sensivel ao que se chama *dom*, em linguagem de conto de fadas,—principalmente quando os esforços da paciencia e do estudo foram tão pouco longe como no baritono Pratico, que apenas tem mais methodo do que voz... por não ter voz nenhuma!

O theatro de S. João deve ser visto em quanto o panno não se ergue. Até esse momento a sala é elegante e grandiosa, a illuminação a serpentinas produz o melhor effeito, e a platéa resplandece duplamente pelo facto de ser uso irem as senhoras para a superior e para a geral! Ao levantar do panno, porém, todo o effeito morre; o palco é pequenissimo, e o scenario e vestuario, extremamente mediocres, dão-lhe uma perspectiva de theatro de

provincia, que não está de accordo com a opulencia e elegancia dos camarotes.

Os espectaculos terminam regularmente á meia noute, porque a companhia Lombardi não tem dança. Assim que o tenor foi assassinado pelo baritono,—justa recompensa de ambos haverem assassinado... a opera! — alguns *dilletanti* chamaram-o ao proscenio, para saberem a resposta da carta, que lhe haviam dado em scena.

—Como! Da carta!... diz v. ex.ª

—Da carta, sim, minha senhora! No momento em que elle, no terceiro acto, se dispunha a ir para o baile, acenaram-lhe alguns amadores com um papel, e gritaram-lhe que viesse buscal-o. O tenor,—nunca vi cara mais tola do que elle fez n'essa occasião!—ficou irresoluto por um momento, mas, enchendo-se de animo, veio á bocca do proscenio e pegou na carta. A orchestra, que suspendera para uma leitura especial, teve de proseguir, visto que o sr. Tagliazuschi—agora é que o digo! elle chamava-se Tagliazuschi!... teve escrupulo de lêr o papel, porque era em tempo de eleições, e foi para dentro, muito direito, sem se atrever a olhar o sobrescripto!...

Tão depressa, porém, foi assassinado, veio logo cumprir os seu deveres, e então é que a gente soube que se tratava de um abaixo assignado, a pedir-lhe que désse mais algumas recitas. Tagliazuschi, — palavra d'honra! chamava-se assim!...

— encetou um pathetico discurso em que fallou da sua familia, dando-nos a perceber que negocios domesticos o privavam de continuar a esfolar o *bello canto*, deixando-se ouvir. Isto produziu uma sensação quasi profunda, e cada um applaudiu a oração de Tagliazuschi, — livre de brincadeira! Tagliazuschi é como elle se chamava! .. — que soube captar, fallando, mais applausos... do que a cantar!...

Á sahida, as senhoras esperam os seus trens n'uma excellente sala, — ornada com o melhor gosto e n'um luxo extremo; lembrei-me então do nosso theatro de S. Carlos, e deplorei, mais do que nunca, que as senhoras tenham de ser condemnadas a estarem de pé no salão, ou nos corredores, em quanto não chegam as carruagens!...

Uma circumstancia apenas, — tão facil, aliás, de alterar! — me produziu um effeito menos agradavel, um effeito de burguezia, um effeito de retirada de voltarete em noite de annos; — os lencinhos na cabeça, com que as senhoras se abafam, ao sair!... Por piedade! Por tudo que ha elegante e gracioso! pelos olhos das morenas! pelos caracoes das loiras! pelos amores dos anjos vos peço, — abaixo o lencinho da cabeça! Abaixo esse marotinho, que na historia das artes é contemporaneo das modinhas de sala, da viola franceza, e da gavota acompanhada a espinhete!... Abaixo o lencinho, minhas senhoras! Abaixo o lencinho, para gloria do Porto!...

Subsistam embora as cadeirinhas! É por ellas que um paiz floresce, quando os animaes que as pucham, —digo animaes no sentido de homens!— são de um temperamento rijo e sadio!... A cadeirinha é o palanque da edade media, accommodado ás exigencias do tempo! Nenhum pagem de chapéo de plumas; nenhum sequito de homens d'armas e vassallos! Unicamente, modestamente, simplesmente, dois valentes alarves de capote côr de pinhão!—que levam uma pessoa a pau e corda... —não, enganei-me; corda não ha; levam uma pessoa... a pau, unicamente!...

Para ser bom animal de cadeirinha, precisa um homem infinitas condições. Quando se ajusta uma cadeirinha, examina cada um a parelha:

—Que tal és tu? És firme?

—Sou firme, sim senhor! Muito firme!...

—Quaes as vantagens, que te recommendam?

—Não tenho calos! Nunca soffri de rheumatico! Meu pae não tinha molestias! Não padeço de tonturas de cabeça!

—Não bebes ao jantar?

—Só alguma pinga do *bierde*!

—Soffres de caimbras?

—Não, senhor!

—E unha encravada, tens?

—Saberá o senhor que não!

—Vejamos o teu companheiro?

—Eguaes condições! responde o outro no tom mais grave.

—A caminho, pois!

E a cadeirinha vae andando, andando, n'um passo suave e harmonico, que offerece a quem vae dentro o somno mais mimoso, em quanto estes jumentos, homens é que eu queria dizer!—evitam com cautela encontrarem-se com os seus collegas das seges e carruagens, para não terem um conflicto, visto que,—eis o que eu poude averiguar!—ha, entre elles... e os cavallos, a maior animosidade!...

Tudo isto toma uma attitude ainda mais solemne, por se embrulhar no mysterioso véo das trevas, graças á companhia do gaz, que descobriu para o Porto a maneira—de illuminar uma cidade... ás escuras!...

III

Ao abrir, pela manhã, a janella do meu quarto, dei um grito d'alegria!

É que iam passando pela rua as mulheres de venda, com as suas canastras á cabeça, a sua perna nua, e os cabellos soltos fluctuando ao vento!...

— *Biba! Biba!* gritavam ellas, apregoando sardinha. Oh! *Bibinha! Bibinha!* Quem a quer *bibinha!*

Ah! Não ha nada mais bonito, mais virginal, mais tentador, e ao mesmo tempo mais casto, do que aquellas modestas raparigas, de olhos grandes e

ternos, sorriso meigo, olhar limpido! de uma força graciosa, que revela fogo nos olhos e sangue nas veias! passando indifferentes a quem olha para ellas, ás perguntas que lhes dirijem, ás galanterias que lhes dizem,... aos pedidos que lhes fazem!...

— *Bibinha! Bibinha!* gritam ellas. Quem a quer *bibinha?*

Uma das mãos firma-se-lhe elegantemente na ilharga; com a outra amparam a canastra sobre o chapéo de varinas;—um chapéo magnifico, longo, pesado, enorme!

Ellas arrancariam, indignadas, da sua gentil cabeça, o chapéo das pastoras, e a touquinha das modistas! Qualquer é bella assim.

Uma breve saia de baeta azul e um corpete sem mangas, — tal é a sua simples *toilette*. O lenço de chita clara, que lhes cobre o seio, a tiracol, vê-se alli como um enfeite, como um recato, como uma tentação e uma negaça aos homens! Quem tem o direito de o tirar, aquelle lenço, cujas pontas se fecham em nó sobre a costas?

Para ellas a vaidade humana, é coisa pouca. Sabem que ha luvas, por verem gente andar com as mãos cobertas; apenas o que não sabem... é que se chamam luvas!

Nunca sonharam, n'uma noite de maio, tépida e perfumada, com o manto das rainhas, ou o vestido branco das noivas. Ser rainha, para ellas, é vender duas canastras de peixe desde o sair do sol até ao

levantar do mercado! Ser noiva, é ter vinte annos!

N'um devaneio caprichoso de mulher, ellas não aspiraram nunca á tunica, á purpura, ou mesmo ás pompas e gallas do nosso tempo. O *bouquet* para ellas é um mytho: o sapato de setim, um mysterio. Que coisa é sapato de setim? O cothurno moderno não é por ventura um tamanquinho de orla vermelha e bico azul?

A grandeza terrestre, a pompa, o fausto, a sumptuosidade humana, cifram-se, a seu ver, na rua das Flores; não por ser das flores, mas por ser... dos ourives!...

Quando passam por alli, os seus olhos volvem uma vista de desejos para os mostradores, e ao divisarem atravez das vidraças as largas argolas, destinadas a ornar as orelhas de toda a *lavradeira*, de toda a varina, de toda a mulher de venda, de toda a mulher do povo, a sua voz hesita e treme, ao apregoar:

— *Bibinha!* Quem a quer *bibinha?*

Ellas usam a manga da camisa arregaçada, e a perna á mostra; uma indiscrição do lenço do pescoço diz-nos coisas deliciosas da alvura do seu seio! Andam apenas vestidas... o sufficiente para não andar nuas;—o que, digam o que disserem, é uma coisa linda no verão... e mesmo no inverno, para uma creatura ainda moça, ou que tenha ar d'isso!...

Não ha nada que mais me agrade, e creio que ao leitor tambem, como olhar um mulher bonita!

Mas, a prova que era apenas o sentido artistico que

me animava d'esta vez, é que eu queria antes contemplal-as do que fallar com ellas. É porque a contemplação da belleza feminina eleva-nos muitas vezes até á idéa de alguma maravilha das artes, e a natureza vencida de quando em quando por ellas, não teria termo de comparação ao lado das obras ideaes do pincel dos mestres! É porque a arte escolhe e aperfeiçoa. A arte aproveita o talhe de uma, as feições d'outra, a esta a graça, áquella o encanto; depois, faz de tudo isto uma belleza suprema, que parece a petreficação do sonho!...

Como é bom ser bella, meu Deus! Pois que! simples peixeira, simples remadora nos barcos do Douro, ou, —menos ainda!—simples mulher do povo que passa descalça, simples rapariga de Avintes com o seu lenço encarnado na cabeça, simples rapariga da Magdalena com o seu corpete de damasco, simples rapariga de S. Cosme com o seu lenço de cambraia, cruzando-se em tufos sobre um chaile vermelho... e fazerem-nos lembrar das suas irmãs, —porque são suas irmãs!—engendradas pelas caricias do pincel d'Annunciação, Resende, ou Pinto!...

É assim que esses amantes da natureza mais escolhida e mais voluptuosa, a que se chama artistas, —é assim que, em todos os tempos, os pintores e os esculptores povoaram a arte eterna de mais creaturas divinas do que a natureza offerece á implacavel fouce do tempo!...

E depois, eu não queria lembrar-me, — não me lembrei nunca! — que ellas adoravam o caldo d'unto e o *binho bierde*, as minhas adoraveis visões! Da minha parte, nunca uma observação, uma censura, um gracejo, se atreveu a perturbar a suave harmonia da minha admiração! Ellas passavam diante de mim, encantado e absorto, como figuras tiradas do marmore por Victor Bastos! Apenas, para maior seducção, essas estatuas animadas gritavam em redor de mim:

— *Bibinha! Bibinha*! Quem a quer *bibinha?*

. . . .

Ao fechar da minha janella, toda a alegria me fugiu. Eu ia sahir para visitar Camillo Castello Branco e A. A. á prisão.

A cadêa da relação é horrivel. Eu nunca tinha visto paredes tão negras, corredores tão escuros, — e quartos inficcionados por uma athmosphera tão mortifera. Quando perguntei ao carcereiro: — O sr. Camillo Castello Branco? — tremeu-me a voz. Onde ia eu encontral-o, e como?!

Camillo estava no quarto em que gemeu o duque da Terceira durante todo o tempo da junta, e de onde o Gravito marchou para a forca em 1829; quarto, ainda assim, melhor do que eu esperava, quando subi as escadas da cadêa. Uns livros n'uma estante, alguns papeis sobre uma mesa d'escripta, nenhum jornal, e nas paredes estas duas legendas:

Rebus in angustis facile est contemnere vitam
Fortiter ille facit, qui miser esse potest.

O que póde traduzir-se assim:

É facil despresar na angustia a vida:
Coragem é viver forte na angustia!

A segunda legenda é tirada do Ecclesiastico, cap. 2.º:

Ai d'aquelles que perderam a paciencia!

Esperava vêl-o abatido e prostrado; nada d'isso: encontrei-o triste apenas, mas resignado e sereno. Abraçamo-nos longamente. Mil razões d'estima me prendiam a Camillo ha muitos annos. O primeiro trabalho que eu escrevi, *Estrella d'alva*, foi Camillo Castello Branco quem m'o fez publicar no jornal *A Semana*. Quem nos diria a nós, n'esse tempo, em que situação e em que logar teriamos de abraçar-nos um dia!

Conversámos pouco. Eu não sei lastimar amigos em frente d'elles. Que precisão tem quem é infeliz de que tenham dó d'elle! Não é já bastante infeliz? Depois, o destino de Camillo é tão singular, tão estranho, tão desligado de tudo mais, tão pouco similhante ao da outra gente, que ha momentos em que a razão se perde ao contemplal-o! Deve ter nascido sob a influencia de uma estrella do mal, e procurado debalde muitas vezes a causa dos

seus infortunios! Eu nunca lhe fiz perguntas; ha coisas que devem ficar no chão; levantal-as é uma doudice. Quando um homem dotado de uma rica e bella natureza, se torna misantropo, como elle ha muito tempo é, ha um certo direito para desconfiar que os seus melhores amigos tenham talvez a verdadeira culpa.

Se ha uma coisa que me admira é que n'aquelle quarto e n'aquellas condições de desgraça, elle tivesse podido trabalhar. Quando o sr. José Estevão, indo-o visitar, lhe disse isto mesmo, Camillo respondeu apenas:

—Que remedio! Pois o que faria no meu caso?

—Dava com a cabeça n'um ferro!

Pobre Camillo! Em quantos ferros teria dado com a cabeça, se perdesse a coragem em cada um dos grandes reveses, que lhe iam perseguindo a vida? Elle, sorria, trabalhava, e esperava. N'um album, que lhe haviam enviado, e que ainda estava sobre a mesa, escrevera, momentos antes de eu entrar, estas duas linhas:—«Pois não basta a prisão! Querem tambem infligir-me o album?» Original espirito! Ha sempre amargura, ha sempre fel nos seus sorrisos, por mais doces, por mais alegres, por mais suaves que elles devam ser; parece que, de proposito, não quer perder o gosto dos soffrimentos, para não lhe serem mais penosos quando voltarem!...

N'outro quarto da cadêa, mas distante d'este,

estava alguem que eu conhecêra no mundo, bella, elegante, e moça, — que eu esperava ir encontrar abatida, extenuada, cadaverica, — e que fui achar, da mesma forma, elegante, moça, e bella! Singular contraste: uma figura cheia de vida, de formosura, e de força, no centro d'aquelle carcere fétido! As paredes do seu quarto são humidas e negras; as suas faces, rosadas e brilhantes: em redor d'ella, a miseria, a desgraça, o odio humano; em si, a tranquillidade, o bom gosto, o esmero; e sobre tudo isto o talento, porque é decididamente uma senhora de grandes dotes de espirito, que se deixam apreciar naturalmente no decurso da conversação mais simples, alem de se manifestarem em alguns brilhantes escriptos, que o publico conhece.

Não tem visto a leitora, assignando alguns folhetins litterarios na *Revolução de Setembro*, alguns romances na *Revista Contemporanea*, estas duas singelas iniciaes A. A.? Pois A. A. é a senhora de quem lhes fallo, e a quem eu visitei na cadêa da relação.

Tenho conhecido na vida, que, a maior parte das vezes, as tempestades não existem se não á superficie das coisas; se penetrarmos mais no fundo, encontraremos o socego e o repouso! Assim é de A. A. Quem cuidára, ao saber da tristesa do seu destino, ao contemplal-a saindo da opulencia da vida, da riqueza, do fausto, dos camarotes, e dos

bailes, para entrar no quarto frio e negro de um carcere, que ella estava alli serena e firme, sorrindo, escrevendo, e regando umas flores que tinha n'um vaso, á janella, e que cresciam abraçando-se ás grades!

Hoje, Deus louvado, esses dois infelizes tornaram a encontrar a liberdade; mas quem nos diz que a esperança, a vontade, a vida, não se gastassem n'esta provação cruel?

Ao sair da cadêa, senti necessidade de ar, e de sol. Entrei n'um barco, e fiz-me conduzir a Freixo, subindo o rio.

Quando um homem não se sente poeta diante do Mondego, ou diante do Douro, tem de encommendar-se a Deus: é um mau homem!

Para apreciar bem um rio, é preciso tomal-o da nascente, e ir acompanhando-o nas suas ondulações e nos seus caprichos, quando elle foge para um lado, quando se esconde um instante, quando brinca entre dois montes, e quando parece morrer. Ao ir pelo Douro, sente-se uma pessoa namorada; namorada de quem e de que? Quem o sabe! Namorada ao acaso, namorada de tudo, da agua, do céo, da serra, e, sobretudo, daquellas margens encantadoras de uma vegetação especial e incrivel, em que as arvores se erguem de todos os lados, e a herva está mortinha por nascer!...

Tinha-se-me fallado muito da casa de Freixo, casa magnifica, que tem uns pequeninos torreões

gothicos que mettem a cabeça nas nuvens, ao passo que banha os pés no Douro!...

A meu ver, a casa, que devia ter sido bella pela sua construcção e pelo estylo da sua architectura, apenas hoje o é pela sua situação e pelo delicioso panorama que d'alli se descobre. Estão a fazer-lhe obras; os *touristes* teem um fatal direito, e eu nunca cedo delle,—é o de dizerem a verdade: e a verdade, neste caso, é simplesmente em quanto a mim... que estão perdendo a casa com as bemfeitorias que lhe dão. Renovar um edificio, é sempre uma coisa mais arriscada e mais difficil do que levantar outro; ha mil condições de gosto e de ordem a que attender. A casa de Freixo ha de ficar uma casa rica e bem pintada, mas em vez de ficar uma casa velha e grandiosa como era, fica uma ratice. Uma ratice é sempre má; antes uma casa velha. A fachada elegantemente disposta em escamas, vae ser pintada: depois de olhar para os torreões e para as pequeninas peças d'artilheria do terraço, perguntei a um dos pedreiros:

— A fachada vae ser pintada, rapaz?

— Vae, sim senhor.

— De que côr?

— Verde e côr de canario.

Fiquei um instante absorto: dei alguns passos scismando; depois, voltei-me outra vez, e perguntei de novo ao pedreiro:

— Ó rapaz, esta casa de quem é?

— De um senhor que veio do Brazil.

— Ah!...

Fiquei mais socegado. Uma tal ou qual reminiscencia de arara tinha de selar a fachada da casa do Freixo: que remedio? Fui ver a sala de entrada, que me pareceu bonita, e, como não deixavam entrar, passei a ver a cascata. A cascata tambem estava sendo renovada; o estylo de renovar uma cascata segundo o Freixo, é pintar-lhe as figuras de côres vivas, accentuadas, e diversas. Ha lá umas serpentes, que teem a cabeça encarnada; é preciso procurar-lhes o ponto de vista; mas, em a gente lh'o achando, é lindissimo! O leitor vae talvez dizer-me que não ha serpentes de cabeça encarnada: bem o sei: todavia, — tudo está n'isto! — se as houvesse, eram bem bonitas!...

Logo sobre a casa do Freixo está uma saboaria, que é do mesmo dono. É inutil dizer-lhes que contribue tambem para que a casa não produza um effeito muito poetico. A saboaria é grande e rica, mas tem menos creditos do que a de Almeida e Thomaz Joaquim Dias, que lhe fica proxima, e que sendo mais pequena e modesta, e tendo apenas de importante uma boa caldeira de Farcôt, vende immenso e tem ganho a primeira reputação. Em todo o caso, o que eu me atrevo a dizer-lhes, é que se o dono da do Freixo não é o que faz melhor sabão, é, ao menos, n'este capitulo, o que vae mais bem... ensaboado!...

IV

Uma das primeiras necessidades do *touriste* quando chega ao Porto, é comprar luvas, lustrar o chapéo, e ir passear. Attende-se muito á forma n'esta cidade, e as pessoas distinctas são muito parisienses no esmero com que se occupam da *toilette*. Não questiono brasões de elegancia entre Porto e Lisboa, mas atrevo-me a assegurar que se é mais escrupulosamente aceado alli. É preciso que o leitor não cuide por isso que toda a gente na cidade invicta faz profissão de ser elegante; ao que se attende principalmente, é ao que os francezes chamam ser *soigné;* isto é, andar sempre de luvas, não arriscar um coleirinho menos engomado, e evitar cautelosamente uma botta *cambaia,* uma calça com joelheiras, ou uma gravata pouco fresca.

Em quanto ao chapéo... — que a minha observação é verdadeira, asseguro; o porque ignoro-o : ou os chapéos no Porto se conservam novos... até depois de velhos, ou nunca teem tempo de perder a graça e o lustro !...

Tudo isto se observa de passagem apenas, n'uma rua ou n'uma praça; não ha occasião de o ver no passeio ou nos botequins, porque é rarissimo encontrar *alguem* no passeio !

A sociedade do Porto, divide-se, classifica-se, e conhece-se da maneira seguinte:

A mocidade doirada vae ao Club.

A sociedade media vae ao *Café portuense*, ou *Café de D. Pedro*, ou *Café da Praça Nova*, — que é um só café com estes tres nomes distinctos, o que faz suppor nos primeiros dias que no Porto haja ainda mais café... do que vinho!...

A sociedade mais confusa vae ao Guichard, — botequim celebre pelos romances, pelos folhetins, e que deve, creio eu, á litteratura. a sua reputação, visto ser tão feio que não póde devel-a... aos freguezes!...

Em quanto á sociedade litteraria, a sociedade de jornalistas, romancistas e poetas, essa anda dispersa, e de ordinario concentra a sua existencia o mais que póde. É uma coisa curiosa, e para se louvar, a applicação, o estudo, e ao mesmo tempo a modestia que caracterisa os escriptores do Porto.

É debalde que se procura algum d'elles na Praça Nova durante a manhã, no *hotel* Hardy á hora de jantar, no theatro á noite. Entregues cada um d'elles ás occupações da sua vida positiva,—visto que o nosso paiz não permitte que seja vida... ser escriptor! — é preciso ir encontral-os, honestos moços, este n'uma loja d'ourives, aquelle n'uma loja de pannos, o outro n'uma officina!... Ah! É nobre que o talento triumphe assim de todas as crueis condições da vida material, e encontre, no centro das difficuldades, e das amarguras, uma hora de repouso para dar a medida da sua vocação!...

Já infelizmente não cheguei a tempo de conhe-

cer o primeiro poeta, a meu ver, da geração nova. —Soares de Passos. A morte roubára-o bem cedo aos seus admiradores: á gloria, não; resta d'elle o livro admiravel dos seus versos, e a sua alma, a sua probidade, a sua inspiração vivem eternamente alli.

Não era um poeta de largo folego, no sentido em que costumam tomar-se as condições de fertilidade litteraria. Desceu á campa sem uma extensa bagagem de volumes; — um livro apenas, e um livro breve e ligeiro, — ligeiro, como elles dizem, os que só acreditam nos *in-folio!...*

Todavia, que talento ameno e docemente triste! Como elle sorri chorando, como elle observa, e pensa, scisma, e descobre, e cria; sempre sereno, terno e suave!

E na volta da quadra florente
Eu co'as flores virei outra vez.
Mas se as flores do campo voltarem
Sem que eu volte com as flores da vida
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro
Lembra-te inda do adeus derradeiro
D'este adeus que te digo ao partir!

Ah! Pobre alma sublime! D'esta vez, não voltarás com as flores!

Ao quebrar do teu desterro, todavia, eleva-se a Deus mais puro, mais limpido, e mais sagrado o

espirito que tão inspirado e religiosamente o cantou na terra! Não é esta a vossa patria, poetas, nem podeis alcançar aqui a felicidade, que cantaes ás vezes! A chamma da vossa aureola illumina-vos; mas queima-vos!

A melancholia d'aquelle espirito annunciou-se desde as primeiras composições, ainda que o poeta parecia querer evitar a todo o custo, o encarar fixamente a tristeza que o devastava, o desgosto da terra que o consumia!—Uma vez, porém, a venda cahiu, e aquella alma teve de reconhecer, em fim, o que havia para elle de amargura na existencia! Desde então, nas suas composições lyricas, que caracter de sensibilidade e de pathetico no meio das graças esmeradas de uma musa grave, delicada, e meiga?!

Pobre seio que ardente pulsaste
Embalado por falsas venturas,
O fanal que na terra procuras
Sobre a terra jámais acharás:
Não ha seio que intenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos,
Não ha luz que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.

Que te resta? um futuro vasio
D'illusões que nutriu a esperança,
E um passado de triste lembrança
Como é triste a verdade sem véu.
Olvidar, olvidar, que ao presente
Ai! só cabe o repouso do olvido;
Olvidar, e que em gelo sumido
Seja o fogo que em chammas ardeu!

Soares de Passos foi o poeta dos sentimentos generosos e leaes; Deus, a liberdade e o amor formaram o thema constante das suas inspirações ardentes e sinceras, com quanto de uma harmonia dolorosa e triste!

A melancholia do seu espirito não soltou nunca, nem mesmo ao sentir-se abandonado e desilludido, a imprecação da vingança, ou o riso frio do escarneo! Aquelle coração em agonia procurou na idêa de Deus, na idêa da immortalidade, na idêa religiosa, a fé, a consolação, e a esperança.

Nas noites do estio, quando as brisas correm em redor de nós e a nossa alma se embriaga com o perfume das flores—elle, o triste! elle o pensador! elle, o poeta! cravava a vista no céo infinito, entre as estrellas sem numero, e desprendia-se da terra...

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas
Do throno soberano.
Quem vos ha de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas
Que os céos ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustem as vagas
Dos céos que um dia romperão na altura?

Á proporção que caminhou na existencia, o poeta sentiu, cada vez mais, o desgosto da terra, como um luctador fatigado, que não consegue mesmo expirar sorrindo! A sua vida foi um dia pallido,

em que apenas se presentiu o sol! um destino que não teve sequer muitas alegrias, em partilha de muitas lagrimas!

Pelo que me informam, era um caracter luctuoso, que amava a solidão, e não se seduzia pelos elogios: é de crer que estes lhe agradassem — porque os louvores não são apenas doces, mas necessarios, ás melindrosas organisações dos poetas — porém a vida austera e concentrada, a vida de gabinete, a vida de estudo, absorvia-o, e não lhe dava o desejo de ir buscar á sociedade os gabos e cumprimentos de sala, que o seu talento alli tinha certos.

N'estes ultimos tempos, a vida de Soares de Passos, tornara-se cada vez mais isolada e mais melancholica. A tristeza principiou a fazer-se acompanhar pela doença — se é que elle não sentia já devorar-se pela doença mais penosa da vida, a incapacidade de ser feliz! A magoa crescidamente profunda, ralava-o incessante, e a morte sentiu-se perto...

Por maiores que os successos da sua vida houvessem sido, a sua alma era de certo maior do que todos os acontecimentos de que a Providencia lhe tinha dado o espectaculo — mas ultimamente, elle não se atrevia sequer, como d'antes, fortificado pela dôr, em vez de abatido, a entoar hymnos de esperança ao amor, á liberdade, ou á grandeza divina! A sua musa callára-se, luctuosa, angustiada,

humilde... — e, de repente! a alma do poeta, cançada de chorar na terra, desprendeu as azas e voou para Deus!...

Ha um grupo á parte, de jornalistas retirados, jornalistas aposentados, jornalistas em terceira secção que se encontra ás tardes na *Aguia de Ouro*. Reunidos a uma mesa, uns poucos de homens de erudicção e de espirito como Evaristo Basto, Girão, Arnaldo Gama etc. entreteem alli um cavaco animado e vivo.

A Aguia de Ouro, é um botequim no estylo do nosso immortal café de *Marcos Filippe* ao Pelourinho. O mesmo genero de pintura, de architectura, e de serviço,—como todos os botequins do Porto aliás, a exceptuarmos o de *D. Pedro*, que pecca apenas por ser de um exaggerado estylo. É uma casa escura, antipathica por fóra, feia por dentro, humida, velha, embirrante. Foi alli que eu pude encontrar uma tarde Arnaldo Gama e uma noite Evaristo Basto. Arnaldo Gama é um homem magro e louro, de estatura mediana, e attitude despretenciosa. Arredado hoje da litteratura, vê-se ainda bem, no entanto, o amor que lhe consagra, pela attenção com que falla d'ella. Ha um grande numero de escriptos d'elle; é-me impossivel dar opinião decidida sobre essas obras, porque apenas li paginas soltas de uma ou outra: o que se avalia logo é que é um escriptor que conhece muito a lingua, e que a maneja habilmente. A meu ver

ha uma grande distancia entre os seus livros de prosa e o seu volume de poesias, isto nasce talvez de eu estabelecer aos versos as mesmas condições que ás melancias, muito bom ou nada!...

Em quanto a Evaristo Basto é tão conhecido em Lisboa, que me dispensa de o daguerreotypar; eu não tinha idéa de o haver encontrado na capital, e ao vel-o no Porto tive uma impressão agradavel: é um folhetinista que honra a classe, além da distincção do seu espirito, pela distincção das suas maneiras: elle, Camillo Castello Branco e Ricardo Guimarães, foram os plantadores do folhetim no Porto; a esse tempo, porém, infelizmente para o Porto e infelizmente para as lettras, Camillo Castello Branco estava na prisão, Ricardo Guimarães no parlamento, e Evaristo Basto feito escrivão de direito! *Ou le feuilleton va-t-il se nicher!*

Da Aguia d'Ouro ao theatro Baquet é um pulo, vamos por consequencia ao theatro Baquet assistir á representação de *Pedro Sem, que já teve e agora não tem,* melodrama *d'alto cartello*, desempenhado por uma companhia ambulante que está dando recitas no Porto.

Este *Pedro Sem* é um inferno de gritaria, patadas, apostrophes e assassinios. Logo no prologo morrem dois a murro, porque a companhia é pequena e elles teem de fazer outros papeis no segundo acto! E um bello expediente: quando é preciso um actor ou uma actriz para dois papeis differentes,

matam-se logo ao principio!... O drama de mais a mais é uma estopada de que não ha memoria, uma coisa longa, fastidiosa, monotona, uma peça que leva a gente... de cadeirinha até ao desenlace.

O theatro é no genero dos theatros de segunda ordem de Paris e produz um effeito o mais festivo e agradavel. Ha uma galeria para senhoras que dá idêa dos vastos amphitheatros romanos, em que os espectaculos eram concorridos pela multidão avida, curiosa e ardente. Nas noites de beneficio, é um entretimento gallante, ver aquelle panorama de figuras humanas, accumuladas, chorando com a dama, gritando com o traidor, rindo com o gracioso, e sahindo ás vezes d'alli sem ter percebido bem o que se passou!... Na tal recita do *Pedro Sem*, uma *lavradeira* (mulheres dos arrabaldes a que se chama assim) dizia a uma companheira, indicando-lhe o *ponto*:

Olha pr'a aquelle maldito! Fel-a de vez! Então, não abriu um buraco no theatro para ver a opera!

Com quanto a concorrencia fosse extrema, viase distinctamente que a sociedade do Porto que assistiu á recita, estava rindo d'aquelle *mau* supremo; chegou uma occasião em que se pediu *bis* a uma scena inteira! Aquelles actores e aquellas damas eram capazes de fazer cair o Evangelho se o representassem! Ha muitas maneiras de ser mau, mas ha apenas uma de ser intoleravel, — é aquella. Se eu quizesse escrever uma coisa que

ainda ninguem n'este mundo escreveu, nem hade escrever... era redigir-lhe um elogio!

V

— E então a Foz, sr. Julio? Que nos diz da Foz, sr. Julio Cesar? Ainda nos não fallou da Foz, sr. Julio Cesar Machado!

— Ahi vae, leitora! Não me gaste v. ex.ª o nome, quasi a unica coisa que me ficou dos estragos da minha viagem! Compaixão, minha senhora! Generosidade! Justiça! É preciso que a viagem seja descripta com todas as regras, preceitos e capitulos do genero. Se eu me affastei por algum tempo foi para pedir uma pagina ao mar, que se remechia buliçoso no seu leito de areias, ao sol que nos espreitava detrás do oceano, á montanha que se elevava soberba, sentinella dos mares! Depois, a tudo que visse no Porto, das que pedem que se falle dellas, que não serão as melhores, as mais graves, as mais solemnes, mas que seguramente são as mais agradaveis e mais bellas,— as tricanas, o Douro, os theatros, a sociedade, as camelias, que sei eu?!

— Mas a Foz! Que nos diz da Foz?!

— A Foz, minha senhora, é uma villa que se debruça artisticamente em parte sobre o Douro, em parte sobre o oceano! Pobre aldeã, que passa o inverno a despertar do seu somno, ouvindo o

mar estalando sobre as muralhas d'um velho castello!... Triste mãe, que alonga a vista pelo mar, receosa da sorte de muitos filhos que andam entregues ao furor da tempestade! É a poesia da solidão! É a poesia do perigo! É a poesia da tristeza!...

Uma manhã, em que eu me dirigia á Foz, em quanto alguns amigos e companheiros... de almoço se introduziam n'uma especie de tumba que devia conduzir-nos, trepei para a almofada, ao lado do cocheiro. O carro principiou a descer a Restauração, e a vista a deleitar-se no panorama encantador que se descobre em todo aquelle longo passeio á beira do rio!

— Os animaes levar-nos-hão a salvo, cocheiro?

— São bons cavallos.

— Bons cavallos! Pois isto são cavallos?

— O sr. cuidava que eram... egoas?

— Não! Não cuidei coisa nenhuma!...

Eram tres objectos não classificados pela zoologia!

— São os tres bichinhos melhores que trabalham na carreira!

— Os melhores?!

Eu já tinha chamado cocheiro ao garoto, dando-lhe um titulo que me devia render o responder-me ás perguntas que lhe dirigisse, — por consequencia, mais fineza menos fineza, concordei tambem em chamar cavallos aos seus tres humildes discipulos!...

—Que distancia vae do Porto á Foz?

—Uma legoa.

—Ha muito que fazer?

—No inverno, pouco; mas de verão! oh! o verão passado fizemos... todos os carros... andou por dezoito contos de réis!

Esta resposta, que, vim depois a saber, peccava apenas por calculo diminutivo, dá bem idêa do que é a Foz durante o estio, em que tudo que ha de rico e de elegante no Porto alli se reune, a titulo de tomar banhos!

Antes do almoço, fui visitar o Salva-vidas, que assim se chama uma casa com um pequeno jardim de entrada, situada de maneira que ouve de um lado as queixas do rio, do outro as iras do Occeano.

—Aquella casa tem sahida para o mar? perguntei a um dos meus companheiros, o barão de Massarellos Julio Kopke, moço do melhor merecimento, que, para não deixar de fazer como todos os Julios... escreve folhetins de tempos a tempos!...

—Não, homem! respondeu-me elle. A sahida e a entrada é aquella porta que vês!

—E como sae o barco, quando tem de ser empregado no serviço dos naufragos?

—Chama-se gente do povo, e é arrastado pela areia até beira-mar.

—Quanto tempo leva essa operação?

—Conforme. Póde levar uma, duas horas!

—E chama-se Salva-vidas? Pois, meu amigo,

*

chama-lhe como quizeres, que eu chamar-lhe-hei Salva-mortos!

Foi todo esse dia um dos mais alegres e entretidos da minha vida. O almoço era dado pelo nosso amigo Ricardo Browne no hotel inglez da Foz. Eramos todos rapazes; o céo estava azul, o sol vivo e esplendido, as japoneiras erguiam-se no jardim, ao nosso lado mesmo, magnificas, prestigiosas, scintilantes, carregadas de camelias vermelhas, raiadas, brancas, — camelias como nunca as teve aquella infeliz heroina do drama e da novella, que dellas tirou a triste celebridade do seu nome, talvez porque a sua delicadeza nervosa lhe não permittisse o perfume de nenhuma flôr!..

Por entre as japoneiras, — e deixem que eu lhes conte que as camelias no Porto brotam em arvores mais altas e robustas que larangeiras! — andava uma rapariga, de certo criada do *hotel*. Comquanto se visse que era uma mulher do povo, pelo seu traje, em toda ella respirava uma distincção finissima, e não podia uma pessoa dispensar-se de admirar aquelle casto oval, aquelles olhos negros assombreados de longas franjas, e uma aristocracia de fórmas que parecia prometter nella um futuro de condessa!...

Mas, como condessa não poderá ser facilmente, a pobre formosa creatura terá talvez de se tornar *lorette!* Foi um erro da sorte, que fez nascer Margarida Gauthier camponeza, lá n'um canto da Nor-

mandia, ao que eu já li; um erro da sorte seria tambem, —quem advinha?—o que fez tão bella essa pobre rapariga da Foz, que parecia esconder-se entre as arvores, para nos espreitar sem ser vista, devorada de curiosidade por saber como é a voz dos rapazes da cidade, ou, mais ainda por ventura, por saber como lhes é a alma, ao escutar-nos sem a presentirmos!...

Perdem-se cedo as raparigas pobres no Porto, dizem. Como não ha de ser assim, se são tão bonitas? Quem é que descobre o meio de que uns pés pequeninos fiquem presos por muito tempo n'uns pesados tamancos? Estão a pedir setim, e o setim não se faz rogar para apparecer,—elle, que calça contra sua vontade tantos pesunhos absurdos que andam por este mundo!

Um dia, os diamantes irão por si mesmos brilhar em rios, á roda do seu pescoço alvo e delgado, e sobre o seu seio transparente e bello! As carruagens abaixarão os degraus diante dos seus pés, e os melhores cavallos não desejarão mais do que conduzil-a no seu vôo! Não tardará muito,—palpita-me!—que vá dar um passeio ao Rio de Janeiro, e lá, nas horas de fastio que toda a gente tem, se entretenha a mirar-se, preparada e rica, n'algum soberbo espelho de chrystal de Veneza, de moldura magnifica, de folhas scintillantes como uma floresta do oiro!

Nascessem ellas feias já não era nada d'isto. Con-

tinuariam socegadas no seu cantinho, occupadas n'algum trabalho honesto, respirando o ar puro, bebendo leite sem baptismo, regando os morangos, e indo ás tardes passear na praia!... Mas, assim! Custa tanto ser sempre pobre, a uma rapariga do povo, que a natureza tenha tido a crueldade de fadar senhora! A culpa, de mais a mais, não é toda dellas. O desfastio do rico ocioso não terá por ventura alguma coisa de que se argua? Um artista faria de qualquer dellas a sua Fornarina, e fixaria sobre a tela alguma dessas cabeças encantadoras que um dia desapparecem para sempre! Embora arrependidas, embora chorando, — porque não encontrei eu no Porto nenhum quadro de Rezende, que se tem occupado das mulheres do povo, que eternisasse a physionomia admiravel de algumas daquellas bellesas dos arrabaldes, que veem perder-se á cidade por não terem animo de fugir do luxo? É preciso pintal-as arrependidas, despojando-se dos seus grilhões de oiro, louca tentação da sua existencia, mas é preciso fazel-as conhecer do mundo, porque são bellas, singularmente, originalmente bellas, e tornar immortaes essas figuras de peccadoras; immortaes como a Magdalena, que chora ainda hoje no marmore aos pés do divino Mestre!...

O almoço terminou ás tres horas. Ás cinco tinha eu um jantar a bordo do vapor *Lynce*, dado pelo commandante e pela officialidade, a quem,

sem eu mesmo saber, tinha sido recommendado pela affectuosa dedicação d'um cavalheiro, cujo nome registro como o d'um amigo o mais delicado, o sr. Jorge Satyro da Cruz!

O jantar do *Lynce* tinha alguma coisa das merendas phantasticas do Oriente. Tocava o impossivel a presteza com que serviram cento e tantos pratos n'uma camara em que apenas parecia caberem duas perdizes! Uma das qualidades do mar, é, como se sabe, dar appetite: Silva Pereira, Nicolau de Brito, e eu, não só não tinhamos ar de haver almoçado, quanto mais de estarmos a continuar o almoço! O commandante, o sr. Garção, é o bello typo do homem do mar: franco, gracioso, ora severo, ora simples, tão depressa franzindo a testa, como sorrindo: os officiaes são tres mancebos, que nos fizeram as honras do seu navio com aquella delicadeza sincera, que ninguem sabe ter como os officiaes de marinha!

Ás nove horas da noite, entravamos n'uma lancha e apartavamos-nos saudosos do Lynce! O dia tinha sido de curiosidades, e a noite ia principiar-me por uma: dirigi-me á rua do Bomjardim, subi uma escada, disse o meu nome a um criado, entrei n'uma sala, em que estavam algumas senhoras e alguns cavalheiros, e, depois de nos apertarmos as mãos, passei a noite a conversar com o Braz Tizana!

O sr. José de Sousa Bandeira a quem a morte

acaba de arrebatar á imprensa, de que elle era o decano, tinha setenta e dois annos: o seu espirito dizia ter vinte. Era um homem de estatura regular, que tinha escripta na physionomia a intelligencia, que fumava trinta charutos por dia, que não deixava nunca uma phrase sem réplica, que dava um phosphoro a quem lhe pedia lume, e um bom dito a quem lhe dirigia a palavra! Extremamente affavel, rasgadamente original; contando muito bem, e tendo muito para contar: devorado pela doença e pela edade, e triumphando a cada instante da edade e da doença! Esteve immenso tempo preso na torre de São Julião, chegou a dar as voltas á roda da forca; era casado pela terceira vez; tinha setenta e dois annos...— e ainda tinha graça! immensa graça!... Depois disto digam-me se teem noticia de outro?

A familia Bandeira respira mesmo a familia de escriptor. Alli, sabem-se todas as novidades politicas e litterarias, conversa-se poesia, artigo de fundo, romance, eleições, que sei eu? Ha de mais a mais, nesta casa, um gentil talento artistico, a exm.ª sr.ª D. Maria da Gloria Bandeira, pianista cheia de genio e de gosto, que eu tive o prazer de admirar n'um concerto.

Depois desta original visita do folhetim de vinte e cinco annos, ao folhetim de setenta e dois, como estava convidado para uma ceia do estudante Torrie e de alguns amigos...— fui ceiar!...

Ha immenso tempo que oiço dizer que o homem não póde existir sem comer: eu sou o que ha de menos gastronomo neste mundo, mas em todo o tempo que estive no Porto habituei-me de tal fórma a estar á mesa, que hoje não acredito que as plantas vivam de ar, e que haja debaixo do sol alguma coisa que não almoce, jante e ceie, limitando-se á economia... — do azote e do oxigenio!...

VI

Para que se habituou o homem a comer? Que de cuidados, que de necessidades inuteis! Todos nós seriamos mais ricos e mais livres! Todos teriamos melhor saude! Os homens politicos seriam mais independentes! Haveria menos deputados; — que vantagem! Os estrangeiros quando viajassem, e fossem muito obsequiados n'alguma terra, em vez de terem apenas tempo para mudar de prato, teriam tambem tempo... para passear!...

Escusava ser prohibido comer, mas escusava tambem de ser absolutamente necessario. Quando alguem comesse, seria por golotice,—e, n'esse caso, unicamente as coisas mais delicadas, como quem respira perfumes, que não é uma coisa de primeira necessidade, e todavia é uma delicia!...

D'esta fórma, já se imagina, o abuso teria de ser castigado por gastrites e outras enfermidades, que no estado presente das coisas, estado que eu con-

sidero momentaneo porque é perfectivel, affligem não o abuso, — que isso seria justiça! — mas o simples uso dos nossos orgãos especiaes!... O povo comeria ao domingo, para se divertir!...

Os economistas,—a minha opinião sobre elles, é que não passam de uns tontos! — nunca pensaram n'isto; e creio que todos elles comem bem,—principalmente quando jantam na casa alheia!

Em todo o caso, está proposto o assumpto ao estudante Torrie, para o questionarmos *á mesa* em eu voltando ao Porto, n'aquelles cavacos entre a pera e o queijo, tão brilhantes sempre pelas replicas do seu original espirito!...

Na manhã seguinte, para que a leitora não me accuse de eu ir já almoçar, tenho o prazer de lhe noticiar que parti em jejum para a quinta da Formiga, a duas leguas da cidade, visitei a excellente fabrica de solla do sr. Pinto da Silva, considerada a melhor do paiz, entrei na casa em que estiveram estabelecidos os hospitaes militares do exercito de D. Miguel, e demorei-me a ver o collegio da Formiga, no antigo convento dos Grillos, celebre no Porto pela intelligente direcção que tem sabido dar-lhe o professor Keghels.

Depois, a carroagem conduziu-me de novo ao Porto: quiz ver a Sé. A Sé, uma boa egreja, de um estylo severo e antigo; que Deus me perdoe de me haver rido em quanto andava a vel-a; a culpa foi do sachristão que me dizia tontices as mais burlescas,

as mais desconchavadas, as mais pantafassudas, que um *cicerone* tem arriscado desde que ha mundo.

— Aqui está um santo? perguntei-lhe eu.

— Sim, senhor! Aqui está um santo. Um santo que está *canalisado!* (canonisado.)

Depois, mais adiante:

— Aqui tambem está um santo?

— Sim, senhor! Tambem está aqui um santo. Um santo vivo!

— Um santo vivo?!

— Sim, senhor. É de carne!

Um santo de carne, segundo o sachristão, é um santo vivo; os santos de páu, na sua opinião, são santos mortos!...

Passei da Sé ao Paço do bispo. A escada e a galeria são realmente o que ha de magestoso e de bello. A cupula é de uma architectura elegantissima, de um estylo fresco, sereno, puro. É para sentir apenas que sendo tão admiraveis os trabalhos em pedra, e mesmo os trabalhos em estuque, sejam as pinturas de uma inferioridade deploravel como desenho, como proporções, e como côr.

Todos estes espectaculos me auctorisavam a ir almoçar, mas não o fiz... para variar. Eu andava suspirando por um dia de folga... para não comer! Desde pequeno que me diziam no collegio os lentes: « O homem come para viver, e não vive para comer! » Esta maxima deve ser mandada gravar em lettras de ouro por todos os avarentos; — e

d'ahi, em lettras de ouro, para que? É uma despeza inutil. Basta que a escrevam... com tinta ordinaria!...

Eu não fiz, por fim de tudo, em questão gastronomica, nada mais, durante o tempo em que estive no Porto, do que faz o leitor, a leitora, a sua familia, a sua visinhança, a sua parentella, e os seus criados,—sentei-me á meza trez vezes por dia! Nada mais simples. Parece apenas incrivel e extraordinario, por ser natural. Se eu não contasse a verdade, achariam tudo verosimil; como sou verdadeiro, parece que estou a inventar. É sempre assim; a natureza parece mais artistica do que a arte. Já conheci um homem, que fazia habilidades e imitava as vozes dos animaes; applaudiam-o immenso por ter imitado com muita graça o grunhir do porco, quando um saloio, que alli estava, declarou que ainda fazia aquillo com mais perfeição. Consentiu-se que elle desenvolvesse o seu talento, e o homem foi para o meio da casa fazer a imitação. Ninguem gostou. Os homens acharam que o som era falso, as senhoras disseram que não dava a menor idéa da voz do porco. Então o saloio tirou debaixo da manta um porquinho verdadeiro, ao qual, para o fazer gritar, tinha puchado por uma orelha!... Aqui está o que é a natureza e a arte, a simplicidade e a preparação, a verdade e a mentira! Quando quero dar-me ares de imaginoso, conto as coisas como ellas aconte-

ceram; se desejo ter o tom simples, e natural, invento, altero, minto!... Eis o estylo; eis o homem; eis a vida!...

Deixar o Porto sem ver Matosinhos, seria imperdoavel. É um passeio de duas legoas de bonita estrada, em que a vista a todo o instante se recreia.

A crença popular consagra o maior respeito a esta egreja do ermo. O templo é espaçoso e alegre, mas de uma architectura sem estylo e sem proporção. A imagem do Senhor de Mattosinhos é inferiorissima, e cheia de defeitos. A egreja foi accrescentada, do que lhe resulta haver ficado desproporcionalmente longa, e sem nenhum effeito de perspectiva. A capella-mór, com quanto pesada de ornatos, é de uma riqueza extrema, que ainda mais surprehende e maravilha n'um templo de aldêa, na solidão, á sombra, entre montes!...

A sala dos milagres é cheia de paineis, representando os casos memoraveis em que a devoção salvou os doentes. A orthographia dos disticos que acompanham os quadros, e a redacção delles, são por este theôr:

Milagre que fes O Sr. Domatosinhos Aiosè Da S.ª Silibestre De Antrainbuos orios Na sua doença apegandose com elle foi servido odar-lhe saude cujo o qual lhe premeteu o valor do seu barco o qual carrega 55 *pipas e logo lhe foi louvado.*

O quadro figura o barqueiro deitado, ao fundo;

no primeiro plano o mar e a catraia, os barqueiros e as pipas.

N'outro se refere o caso de *Escipriano Ribeiro Dias botando treze horas sangue pela benta do nariz direita;* e mais adiante se commemora, n'um painel em que elle figura ir caindo, o milagre que a um fulano fez o Senhor de Mattosinhos, *de elle quebrar só uma perna, podendo quebrar as duas!...*

O que fiz depois, n'essa noite? É facil de o lembrar, porque o meu reconhecimento cathalogou as festas. Como esquecer as noites da casa Bettamio, em que a familia do distincto consul, e elle proprio, foram sempre para mim de uma tão encantadora obsequiosidade, onde encontrei pronunciados instinctos artisticos, e onde tive por muitas vezes occasião de apreciar o canto expressivo e vibrante de madame Petrettine? Da casa Pinto Leite, em que tanto admirei ao piano *La prière de la vierge*, eloquentemente executada por uma das formosas filhas do respeitavel commerciante portuense, e a voz breve e melodiosa da mais nova das duas? Da *soirée* Bandeira, que me deixou ouvir entre tantos bons artistas a ex.^ma^ sr.^a^ D. Maria Emilia Cabral, a cantora de sala de maior reputação no Porto, que possue uma voz energica, grandemente educada pelo *maestro* Dubini, compositor cheio de genio e de gosto? Da *soirée* da philarmonica em que a musica e a formosura se puzeram de accordo, para que se gosasse pelos

ouvidos, durante o concerto, que foi excellente, e pelos olhos, assim que principiou o baile, e que aquelle grupo divino das bellezas do Porto, bellezas virginaes, timidas, prestigiosas, se animou, figura por figura, e cada uma fugiu reclinada no hombro do seu par, como as brancas visões, que saem das arvores em valles cheios de luz e de frescura, ou como as fadas dos contos, cheias de força e de vida, que vagam ao luar, em redor da fonte mysteriosa, com um collar de perolas de orvalho e um fio de oiro por cinto!.... Do sarau musical do *Commercio do Porto*, finalmente, — e digo *finalmente* no sentido que dão á palavra as namoradas que reservam para o fim a sua idêa predilecta — em que eu tive a alegria de apertar a mão a quasi todos os representantes da imprensa portuense, a quem sou tão grato, e de abraçar o sympathico e original jornalista Custodio José Vieira! Aos cavalheiros que compoem a redacção do *Commercio do Porto*, e que, na sua bondade para comigo, alcançaram de excellentes artistas como Nicolau Ribas, Augusto Marques, A. Moreira, Affonso Leão, Mello Abreu, Silva Ribeiro, Agostini, etc. o seu valiosissimo concurso para esta festa explendida, que poderei eu dizer, senão que me recordo de ter sentido n'essa noite, como nunca na minha vida, uma sincera alegria por me haver feito escriptor? Este orgulho intimo é a maior gratidão por essa noite, e a mais doce memoria d'ella!...

VII

Uma cousa, que não se soube nunca, e nunca se saberá, é a que horas eu trabalho.

No Porto, principalmente, em que não tive para contar ao papel as minhas impressões, dois minutos de repouso, chegava a parecer-me estranho a mim mesmo que eu fosse susceptivel do milagre de triumphar das condições do tempo, e dar conta de mim nos dias marcados!

Conta de mim? Mais do que isso, por Deus! Imagine V. Ex.ª, minha querida, minha indulgente leitora, que não almoçando, não jantando, não ceiando nunca em casa, estando de manhã n'um sitio, de tarde a duas legoas d'esse sitio, alta noite apenas no sitio d'onde partira, eu conseguia *bon gré, mal gré* sustentar o folhetim semanal da *Revolução*, o folhetim semanal da *Opinião*, dois folhetins por semana para o *Jornal do Porto*, e depois as cartas para minha mãe, e depois as cartas para os meus amigos, e depois as cartas para...— todas as cartas, emfim!... Como isto era, não sei eu bem, mas a verdade é que isto se fazia!...

Tudo está no habito, creio eu. Essa segunda natureza consegue ás vezes demorar a primeira. Conheci-o na insistencia com que teimei em dormir apenas tres horas por noite, e no victorioso estado a que cheguei de me persuadir que poderia com um pequeno esforço dispensar-me de dor-

mir essas mesmas tres! Effectivamente, digam-me em boa e leal razão, se não é um peccado de consciencia estar um pobre diabo, a quem Deus deu apenas vinte e quatro horas por dia, gastando doze... em dormir!...

O clima influe n'isso, ao que eu supponho. Em Lisboa dorme-se muito, dorme-se extraordinariamente, desaforadamente, despejadamente! Se não ha nada que fazer!... No Porto não é bem assim, porque no Porto tem toda a gente tanto de que tractar, que não póde dedicar-se ás delicias do somno. Logo pela manhã a cidade tem o ar inquieto, agitado, activo. Toda a gente anda depressa, ninguem lê cartazes, apenas se diz adeus por um leve aceno de cabeça. Não ha por lá massadores como em Lisboa; uns certos estopadas, que por aqui são frequentes, homens que vivem do seu ocio, e a quem não dá cuidado, senão as coisas alheias; que andam de vagar, param diante dos mostradóres das modistas, das vidraças dos ourives, do letreiro da casa de negocio; leem os editaes á proporção que os vão encontrando, param para fallar a cada amigo, chamam gente de um lado da rua para o outro, fallam para os terceiros andares, pedem trez vezes a repetição da pergunta, ouvem á quarta, respondem por uma fórma indecisa e pallida, que dá logar a nova interpellação, interrompem o dialogo para ir comprimentar uma familia, e concluem recolhendo para casa á noite,

sem haverem dito ou feito, coisa util a si nem ao seu proximo.

No Porto tudo tem a sua razão de ser; tudo está marcado, convencionado, determinado; ás tantas horas come-se, ás tantas horas trabalha-se, ás tantas horas conversa-se, ás tantas horas dorme-se; mas, o que lá não se usa é dormir á hora de trabalhar, trabalhar á hora de dormir, e sobretudo conversar á hora de dormir e de trabalhar.

Tem grassado em Lisboa o boato de que ninguem no Porto ensina o caminho aos estrangeiros que lhe perguntam por onde devem dirigir-se a esta ou áquella rua. Tudo pêta! Eu não fiz por lá senão perguntar, e sempre me deram resposta satisfatoria. Está claro que não haviam de ir acompanhar-me ao sitio, ou demorar-se duas horas a dar-me a idêa mais exacta e a descripção topographica mais fiel do logar indicado: entretanto ensinaram-me sempre, como se ensina em toda a parte, da fórma mais simples e mais rapida; em Lisboa é-se prolixo n'essa ceremonia, e ha até exemplos de pessoas de provincia haverem encontrado aqui uma attenção e uma paciencia mais que especiaes, para lhes fazer bem comprehender onde fica a rua e a casa que procuram.

— Sabe-me dizer, sr., onde fica por aqui o governo civil?

— Oh! Não é nada perto!

— O governo civil, o governo civil é que eu lhe pergunto?

— Bem sei: bem oiço! O sr. está com pressa?

— Com muita pressa, sim, sr. É para tirar um passaporte!

— Quer cahir lá como uma bomba?

— Exacto!

— Como um raio?

— Isso é que é!

— Pois bem, vá andando por ahi abaixo: passe o Rocio, entre na rua do Ouro; não faça caso dos primeiros ourives!

— Não faça caso?

— Não faça caso.

— Chegue á loja d'um dos mais opulentos: isto são duas horas, os ourives jantam cedo, — já devem estar jantando.

— Mas, depois?

— Depois, ainda que esteja um gallego á porta, para tomar sentido, o sr. não repare n'elle, passe uma perna por uma das meias portas, depois passe outra...

— Mas, em fim?

— Emfim o sr. entra na loja, o gallego offerece resistencia, o sr. empurra-o: escolhe alli um broche de ouro, dois ou tres anneis com brilhantes, algumas pulceiras, a primeira coisa que lhe fica á mão...

— Mas finalmente?

— Finalmente, o gallego apita sobre o sr., a visinhança chega á janella, quem vae passando põe-se a gritar: «Ladrão! ladrão!... o ourives apparece, de guardanapo ao pescoço, faca e garfo na mão, chegam os soldados e conduzem o senhor a dois passos d'alli, perto do theatro de S. Carlos!

—Mas para concluirmos, senhor?

— Para concluirmos, não lhe dê o menor cuidado: vinte minutos depois o sr. entra no governo civil sem se ter enganado no caminho!

Ora, o que não ha no Porto é quem se preste a explicações tão circumstanciadas e comprehensivas. Lá pergunta-se ao primeiro viandante:

—Por onde devo eu seguir para as Fontainhas?

— Vá o sr. por ahi abaixo.

— Por onde é que devo ir para Santo Ovidio?

— Vá o senhor por ahi acima!

Esto brevis et placebis diz o preceito latino, e é a grande maxima nas coisas da vida: *Agrada quem não é massador!* (traducção fidelissima!...)

Fallei das Fontainhas, e hão de consentir que me demore um instante a lembrar-me d'aquelle sitio encantador, que se debruça sobre o Douro e d'onde se diz adeus, para os botes, ás varinas que vão remando. Eu nunca vi na minha vida mais bonita coisa, do que um barco que passa sobre o rio, remado por quatro mulheres moças e bellas! Faz gosto ir passear sobre as aguas, Deus Santissimo. Ellas susteem o remo com mais distincção,

do que os retratos da Stael no segurar da penna! Oh! As gentis barqueiras! Que força, que elegancia, que original e excentrico desembaraço! O seu destino não tem nenhum ponto de contacto com as mulheres... terrestres! Desde a sua infancia, ellas viram o rio e o mar a todo o instante. Ignoram, coitadinhas, em quanto alli andam a remar sem descanço, que ha damas n'este mundo que só vivem de coisas frivolas e que como preservativo do *spleen* teem de correr os bailes, os theatros, os passeios publicos, ou lêr romances, unica leitura analoga á falsa cultura do seu espirito!

Ninguem, a ellas, ás minhas pobres barqueiras do Douro, lhes affagou nunca o amor proprio, nem esta doce satisfação de toda a alma de mulher, que se irradia de felicidade ao chamarem-lhe formosa! Menos bellas, menos tentadoras, menos affaveis, menos boas de caracter, passam ás vezes pela terra as senhoras, cheias de comprimentos, de lisonjas, de admirações, e de invejas,—altivas, desdenhosas, impertinentes!...

Quando as rugas vem annunciar-lhes que a mocidade fugiu, disfarçam as damas, enfeitam-se, preparam-se, arranjam um rosto mentiroso, e vão vivendo entre amores. Outras, procuram outro theatro de glorias, e atiram comsigo á devoção; mudam de traje apenas, já se vê: adoptam o roxo e o preto!... Em quanto que as minhas barqueirinhas do Douro, quando chegam a velhas, retiram-se

francamente, e mandam em seu logar para os barcos, a filha, ou a neta, se ella é ja casadeira! Depois, ao cantinho da sua cabana, as velhas mulheres do rio, terminam os seus dias recordando-se, aopé do brazeiro, das viagens a Avíntes ou a Villa Nova de Gaia, das festas de agosto, e das alegres cantigas com que ellas acompanhavam a sua attribulada existencia!...

Tudo isto me affastou das Fontainhas, ao que parece, mas não é assim; aquelle passeio não vale nada por si e pede emprestado ao panorama, que d'alli se descobre, todo o encanto e toda a seducção da sua belleza! É preciso ir alli, espalhar a vista para a serra, para o rio, e para aquella *coquette*, que se namora nas aguas, aquella elegante que vive sobre o Douro, e que é saudada desde pela manhã pelas admirações, pelos gabos, pelos olhares dos que lhe pedem auxilio para atravessar de um lado a outro,—a ponte pensil!...

Ou então á noite, quando o céo contempla pelos seus mil olhos essa admiravel natureza adormecida, e que a briza balança as arvores, e accorda as aves que lhes dormem nos ramos!

E todavia, quasi não ha casas naquelle encantador sitio. Apenas algumas choupanas humildes, que parecem dizer á gente, que a riqueza não tem alli nada que ver, e que a poesia, a natureza, o bello, fogem para os pobres e para os infelizes como para os consolar da vida!...

Diz-se geralmente que é para sentir que no Porto, nem mesmo nos arrabaldes, haja quintas: quintas? Como: quintas? quintas, para que, — se o paiz por si só é uma quinta, a maior das quintas, uma quinta em grande! Eu nunca por alli olhei para um lado ou para outro, que não visse arvores a erguerem-se! É uma vegetação explendida, de que não teem, não podem ter idêa os que nunca sairam de Lisboa!

Um dia, porém, uma voz me disse: — Alerta! alerta! Accorda! Ergue-te! e parte! Não vês o verão que chega e que te sauda? Os poetas deixam-se attrair por um raio de sol como os passarinhos pela serpente! Não ouves de todos os lados o pregão: — Quem merca as Maias?» — são as tricanas da aldêa, que veem á cidade vender em canastras os ramos de giestas! Olha, olha, já estão a enfeitar-se de flôres as portas! É uma tradição toda catholica da maneira por que em Palestina os adeptos de Christo se serviram para a salvação do Redemptor! Vamos; accorda! Que coisa é estar parado e quieto, quando o céo está azul e o mez se chama maio? Ha tres semanas que estás no Porto, e o verão manda-te embora. É porque, nesta época, mais que nunca, tu precisas evitar cauteloso o perigo de enfastiar: é tão difficil ter espirito no verão, e sobretudo acharmol-o em alguem! Esta é a hora em que a intelligencia da leitora adquire um maravilhoso poder de percepção; vê diante de si, vê atraz de

si, vê de todos os lados; e, ainda mais, ouve em distancia, a vinte passos, a trinta passos, uma phrase que murmura assombreada por um bigode: —«Oh! Como é formosa!» e distrae-se, e entretem-se, e preoccupa-se, e captiva-se do mais simples comprimento á sua *toilette* elegante, ao seu braço nú, ao seu seio alvo e bello; — e esquece-te de todo, ou, se lhe lembras, é para te ler pensando n'outra coisa, pensando em alguem, em coisa alguma mesmo... e nunca em ti!...

— Oh! Não! Não despoetises a meus olhos essas suaves visões, que eu sonho por confidentes!

—Tonto e vaidoso! respondia-me *ella*. Queres tu acaso rivalisar em importancia com a primeira trivial amabilidade, que, ao passar n'uma rua ou n'um passeio, um elegante diga a sua senhora? Escusa ser novo, espirituoso, ou verdadeiro, o dito; basta que seja amavel! Qualquer coisa como: — «É linda!» phrase eterna, que foi justamente a que exclamou o primeiro homem quando viu Eva deitada sobre os seus longos cabellos! Phrase vulgar, se assim o queres; phrase chôcha, como lhe chamam vocês, os que vivem de fazer phrases; mas o que é certo, é que ella diz mais que uma pagina! que aos olhos d'uma senhora vale mais que um livro! que symbolisa a creação! e, que envelhecendo todos os invernos, rejuvenesce... todos os verões!..

— Oh! Deixa-me ficar ainda! Alguns dias mais

no Porto, nesta existencia ruidosa e alegre, e depois eu voltarei ao socego obscuro do meu gabinete de trabalho! Como Judith, deixando os festins e as joias da tenda de Holofernes, esquecerei as alegrias do orgulho e voltarei á cabana, pobre e só!...

—Não! Nem mais um dia! Nem mais uma hora, nem um instante mais! Se queres ser feliz, parte. É tua condição não persistires muito tempo em nenhum sitio. Unica maneira de seres estimado onde estiveres, e pelos que te lêrem n'outro logar. A curiosidade é tudo,— não a fartes. O desdem do real e do possivel, a aspiração ao romance e á aventura, o lyrismo d'uma geração, que cobre com o manto do ideal os caprichos mais materiaes; os sophismas eloquentes que engrandecem a queda ás proporções de uma revolta social; a embriaguez das artes, que convida os sentidos ás festas da vida; os marmores, cinzelados ha tres mil annos pela mão lasciva do paganismo, que traduzem á imaginação todas as mythologias do amor; essa musica, que prorompe em ruidos immensos, geme, humilha-se, e suspira, como um mar harmonioso, na penumbra embriagante de uma sala de baile, tudo, nesta sociedade, que pela sua lei de attracção se move em redor da mocidade, da intelligencia, e da paixão, provoca as almas á curiosidade e dispõe-as talvez ao *spleen*! Parte, parte!— que ainda é tempo!

Dizendo isto, ella inclinou-se sobre mim e dei-

xou-se roubar um beijo. Era uma figura aeria e brilhante, com uma corôa de rosas em roda dos seus cabellos castanhos, e uns pesinhos tentadores, que pareciam calçados no setim de um lyrio! Sobre os seus brancos hombros palpitavam e tremiam duas pequeninas azas, inuteis em quem tem pés assim! Pedi-lhe ainda em segredo, ao ouvido, para me dar algumas horas mais, e me deixar sonhar em mil coisas alegres, mas aquella gentil figura tornou-se mais pallida, mais pura, mais branca que nunca, e exprimiu com uma rara poesia a saudade e o perdão, o sentimento da queda e do erro irreparavel; e o seu longo e ultimo olhar sobre as suas azas, que lhe cahiram, foi de uma suprema belleza tragica... Apanhei-lhas do chão, e disse-lhe:

— Que queres fazer? Era-me dôce permanecer aqui, mas ameaças-me de morrer ao meu lado, e tens o condão de me dar animo: partirei! Vem, abraça-me, sê minha outra vez! Oh! minha bella, minha amante,. minha vida! Partâmos. — PHANTASIA!!!

....

Quando o *Lusitania* largou, alonguei a vista e tive saudades. Uma nuvem escura parecia atormentar-me a alma, desde a hora da despedida. Tambem, como havia eu ser indifferente áquellas mãos amigas, que vieram no momento do embarque estreitar as minhas?

Um acaso feliz fez, que eu tivesse novamente

por companheiro de viagem o sr. Carlos Cyrillo Machado: todavia, que de explicações foram precisas para serenar a sua indignação, que me apostrophou por eu embarcar outra vez.

— Voltar ao mar! exclamava. Depois do que disse delle, vir de novo pedir-lhe passagem! Oh! É incrivel! Quem acreditará desde hoje na dignidade litteraria! Fosse eu Oceano!...

Indiquei-lhe simplesmente o meu nariz. O meu nariz era a minha justificação! Na vespera mesmo, saindo do theatro Baquet,— tivera a phantasia de me deixar cahir desamparado, o que deu de certo occasião a um novo milagre do Senhor de Mattosinhos, que me fez doer o nariz... podendo-m'o quebrar!... Duas noites e um dia de jornada em malla-posta, parecia-me ser sujeital-o a demasiado abalo, e, por uma delicadeza toda nazal, resolvi voltar embarcado! O meu nariz, melancholicamente roxo, justificava-me perante o mar!...

A companhia do theatro Baquet diga-se aqui por incidente, pareceu-me extremamente mediocre; todavia possue uma actriz de immensos dotes, a sr.ª Gabriella, de uma physionomia viva e sympathica e de uma voz graciosa que se presta ao canto: ha tambem dois actores, um delles conhecido em Lisboa, Paulo Martins, que tem um certo tom espirituoso; e Pereira, que me pareceu ser um actor de intelligencia, accentuando bem, e não errando nunca uma intenção.

O genero que alli se segue, é destestavel. Eu assisti n'uma das récitas á representação de *Celina ou a Filha do Mysterio*, que era um purgatorio de sustos e arrancos. O pranto alli corria em ondas, e estava para me queixar á administração do theatro, do descuido de não mandar concertar alguma rotura do tecto, que derramava um diluvio em cima de mim, quando uma creatura de olhos escarlates, que estava na galeria me dirigiu a palavra:

— Queira perdoar, sr.! Mas foi sem querer.

— Hein? Ah! Era vocemecê?

— É verdade. Era eu que derramava o meu pranto sobre a sorte de Celina!

— Está enganada, senhora! Vocemecê derramava isso sobre o meu chapéo!..

A platéa do Porto é tumultuosa, agitada, phrenetica; o seu enthusiasmo desprende-se de umas certas convenções absurdas do indifferentismo moderno, e, quando se exalta, sente-se-lhe a alma nos applausos.

Tudo isto veio a proposito do meu nariz? Creio que sim! Tambem, merece bem esta importancia... pelo muito que inchou!...

Como o tempo estava sereno e formosissimo, a viagem para Lisboa foi o mais deleitavel. Cyrillo Machado e eu conseguimos esquecer que costumavamos enjoar. Uma pequena collecção de retratos, que eu trazia, principiou por nos entreter. No Porto é muito moda a photographia, e ha alli

n'este ramo alguns bons artistas: Aranha, Paschoal, Evaristo Pinto, etc.; Miguel Novaes, que é o mais conhecido, e o de maior voga, não chega a ter tempo para attender á concorrencia que o procura. — Depois dos retratos, passámos a entreter-nos com fiambre e Madeira; o capitão do Lusitania, o sr. Contente, foi para os passageiros de uma amabilidade encantadora: conversámos na tolda até á meia noite, e tivemos o espirito de dormir da meia noite em deante!

Ás dez horas da manhã *mettia o pé na terra,* como dizem as traducções de romances francezes, e encontrava Lisboa, indolente, distrahida, desdenhosa, mas bella, mas elegante, mas seductora sempre!

De longe ainda disse uma vez adeus ao Porto, e á existencia encantada que alli passei. Gente amavel, se a ha n'este mundo, é aquella; coração que lhe seja grato, se existe, é o meu. Aos que nunca d'aqui se arredam, como receiando que por cá se lhes tome o logar, aconselho eu, e é conselho sincero, que procurem o Porto um dia. No Porto é preciso apenas para um homem lá estar um mez, ter boa cara e bom caracter; encontra logo portas que se lhe abrem, familias que o recebem, e amigos que o convidam. Se além do caracter e da cara, quizer ter tambem dinheiro, melhor é: senão, esqueça-se d'isso, porque durante um mez ninguem lh'o lembra: — o Porto é um cavalheiro filho de um burguez, mas é um cavalheiro!...

PENICHE

PENICHE

O sino da egreja de S. Pedro dava quatro horas, na tarde em que eu cheguei a Peniche.

Não é uma coisa facil atravessar a praia por causa da areia, e é menos facil ainda ter a certeza de poder entrar na villa, por causa da agua. Vae um pobre homem perfeitamente socegado da sua vida, e sem a menor aspiração a aventuras de jornada, e, quando a sorte o quer, eil-o em frente de Peniche a dizer adeus para a praça, a fazer perguntas e a dar respostas, que nunca vão em concordancia, porque a bulha do mar leva as palavras, — e sem poder, o infeliz, entrar por fórma alguma na peninsula, que em marés cheias se torna perfeitamente em ilha, deixando refrescar os seus muros pelas ondas que lh'os cobrem!...

Peniche é triste então, e todavia é n'essas horas que Peniche é bella! O mar estende-se por aquella praia nua e solitaria, em ondas transparentes mas pesadas, que o vento parece a custo erguer. O ar que alli corre é vivo! cortante! implacavel! e quando o sol se debruça pelo mar, olha a gente para o fundo, e parece-lhe vêr templos, palacios, idolos, mas em ruinas, como tudo que se esconde nos tumulos. Quando passa n'aquellas alturas um vapôr, ninguem dirá que é uma machina, mas um ser destinado a combater e subjugar os elementos, obedecendo como nós ao sopro que os leva, e que elles domam! Assim como nós tiramos do globo em que vivemos as forças que nos dão vida, tambem o vapôr pede ao occeano o motôr que o faz correr; e ao passar por Peniche, elle domina o mar com as suas proprias ondas, rolando como monarcha por cima do seu tumulo, que dir-se-hia ir convertendo em fumo!...

Os rochedos fragosos que cercam Peniche pelo mar, parecem dizer que é a natureza que a defende, e cada um cuida pelo poder da phantasia voltar o curso das edades, e achar-se ha quasi dois mil annos entre os Herminios, perseguidos por Julio Cesar — o meu glorioso homonymo! — e indo refugiar-se n'aquelle torrão solitario, erguido d'entre o mar, e considerado nesse tempo por uma das Berlengas. Oh! Pobres Herminios, que noite escura atravessaram alli, que noite de inverno, fria,

pesada, e sem orvalho, em que apenas se sentiria cair n'alma a geada, e em que o vento que gemia na praia não levantava senão grãos d'areia!

Eu tenho a copia da inscripção de um marco desse tempo, encontrado ha pouco na demolição de um muro, e cautelosamente arrecadado logo por Figueira Cervantes, agente consular de França em Peniche, cavalheiro de um merecimento distincto e prestativo.

Ella diz assim:

Pompeias A. C.
E. Pacat. Ile.
L. Terentius Fur
nus M. R. I. T. Et I. Te
rentius Rufus
E. C.

que parece dever traduzir-se: Neste cabo de Pompeo, vence pelas armas os Herminios Lucio Terencio Furno e Julio Terencio Rufo, Militares Romanos no tempo da era de Cesar.

O acaso, porém, que sempre protege os chronistas, fez-me encontrar n'um papel, que o vento já ia levando para o mar, se eu não consigo tão depressa apanhal-o, esta outra interpretação:

Pompei a campona edund pacat. Hinc espernegatum, Lucius Terentius Furnus maritus Ritæ, Inguis toninhæ, et Julius Terentius Rufo escalatas cavallas.

O que, sem duvida alguma, significa:

Aqui na taberna de Pompeo, comeram pacatamente, Lucio Terencio Furno, marido de Rita, e Julio Terencio caixa de Rufo, cavallas escalladas, inguias, e espermegado com azeite de toninha.

O leitor gosa de toda a sua liberdade para escolher d'estas duas traducções a que mais lhe agrade, na certeza de que qualquer d'ellas acompanha á letra a phrase latina, o que nos dá as melhores garantias... de estarem ambas fieis!...

A primeira impressão ao chegar a Peniche, é verdadeiramente alegre: a villa está a ver-se nas agoas, não com os ares de uma *coquette*, mas com a expressão melancholica da noiva de um maritimo. Parece um pequenino mundo á parte, entregue todo á solidão do seu destino e á original poesia d'elle. Quando o mar accommette a praça, e o vento redemoinha raivoso, Peniche parece esconder-se atraz das suas muralhas, medrosa de morrer. Na immensidade da praia que parece confundir-se com o céo, sente-se cada um entregue sem deffesa a um poder mysterioso, e na tempestade que rebenta, ou no grão d'areia que estremece, vê-se o infinito surgir atravez dos seus limites e debaixo dos seus véos, o infinito em grandeza assim como o infinito em pequenez, porque é n'estas duas extremidades que se manifesta Deus!

E tambem, quando o dia vae sereno e limpido, que horisonte aquelle, em que o sol brilha explen-

dido, innundando o céo com os seus raios e derramando-os com amor sobre a terra e sobre o mar, franjando-se como em milhões de prismas com as côres tão variadas da sua luz, que a cada instante mudam e tomam um aspecto novo. Se algumas nuvens pairam na atmosphera, faz-se uma alternativa de sombra e de luz, que vem ao longo do porto, dar ao baluarte da Misericordia e ao das cabanas o colorido meio phantastico de um quadro admiravel.

Depois de atravessarmos quasi toda a praia, eu e o meu amigo Pinto, disse-nos o arrieiro por estas palavras:

— Os senhores então, para onde é que vão?

— Para Peniche rapaz! Para Peniche!

— Mas é que isso agora não póde ser!

— Não póde ser?

— Não póde ser de feitio nenhum!

— Porque motivo? Vaes assassinar-nos?

— Por 'môr das aguas!

— Ah! *por 'môr* das aguas! Vamos lá sempre a explorar terreno, se estás por isso.

Partimos com o ar mais desassombrado a procurar um palmo de terra por onde penetrassemos na villa; infelizmente, porém, o mar não nos dava licença, e tivemos que esperar ao vento, a cavallo, extaticos, e furiosos, que Peniche deixasse de banhar os pés. Foi negocio para perto de duas horas, durante as quaes fizemos ao arrieiro os dis-

cursos mais importantes, sem repararmos que elle estava a dormir.

— Tu dormes, rapaz! n'uma situação d'estas, em frente do mar, ao lado do mar, adeante do mar — quando nós estamos afflictos, anciosos, com a dôr no coração, frio no nariz, e uma lagrima — palavra d'honra! uma lagrima ao canto do olho, — atreves-te tu a dormir! Mas, isso é a acção de um grande homem, é o procedimento de um espirito elevado e discreto, tu não és um arrieiro, és um sabio: não te chamas Thomé, chamas-te Montesquieu! Nem conheces o teu valor n'este momento; o teu espirito admirar-te-hia, se te déssem noticias d'elle; és o homem d'esta epoca, nada mais nem menos; lá por Lisboa deixam os rapazes de dormir para aprender philosophia ; é uma toleima : deviam, ao contrario, estudar philosophia para apprender a dormir! És tu que comprehendes a situação, como dizem os artigos de fundo : quem tivera fortuna, que já te não largara; dormes com o ar de quem ensina; estás talhado para o *Curso Superior de lettras!*

O arrieiro esfregou os olhos.

— É que eu ha sete noites que durmo a andar, e não ha coisa que mais me cance. Os senhores nem a cavallo podem dormir, com o medo que levam de dar comsigo em terra, mas nós quando vamos em estrada direita damos corda ás pernas e deixamo-nos dormir!

— A andar, homem, estás doido!

— Pois a andar é que eu digo aos senhores. Na cama dormem os tafues. Eu tive uma rapariga, que era peixeira em Giraldes, que deixou um rapaz por meu respeito, desgostosa de vêr que o maldito não podia estar a pescar e a dormir ao mesmo tempo, como quasi todos fazem. Não ha defeito que mais desgoste uma mulher, do que dizer-lhe o beldroegas do seu *mais que tudo*:— «Então agora adeus, que me vou dormir!» Se eu tivesse a vida socegada que os senhores teem, chegava-me a noite para fazer um relogio! Tambem, quando chego ás estalagens, se acho um banco em que me estenda, ou uma pouca de palha em que me embrulhe, estou satisfeito do somno duas horas depois.

— Como pódes viver dormindo tão pouco?

— Mas é que eu durmo muito depressa!...

Esta resposta maravilhou-nos. Dormia depressa! Elle fechou outra vez os olhos, e principiou a roncar. Ao pé mesmo do seu ouvido, gemia o mar como um louco. Nada o inquietava, nada o opprimia; roncava sempre. Quando a maré deu em fim licença, démos-lhe com o pé, e accordamol-o:

— Arrieiro?

— Que temos?

— Vamos entrar em Peniche.

— Já não é sem tempo! respondeu, erguendo-se de um pulo, e caminhando adeante de nós, a cantar não sei que trova, que principiava assim:

Ninguem se fie em banquetes
Nem em amigos fingidos,
Que sempre andam unidos
Para nos darem traquetes!

Atravessamos as primeiras ruas de Peniche ao cair da tarde. As casas tinham uma apparencia de irregularidade despretenciosa, que logo me agradou. Por uma estreitinha fresta da janella as senhoras, — que em Peniche nunca deixam vêr a cara — espreitavam-nos cheias de recato. Eu assim que observei isto, dei-me logo ares de Don Juan, e inclinei o chapéo sobre o olho direito. Mais adeante encontrámos umas creaturas de mantilha, que teem a habilidade de a enviesar por tal feitio, que não se lhe distingue senão a ponta do nariz. D'essa vez foi o meu companheiro que preparou o seu melhor sorriso, e me disse a meia voz:

— Que te parece isto?

— Uma ilha encantada!

— Não sentes o mysterio em redor de nós?

— Sinto.

— Não prevês, como nos contos do Oriente, que alguma aventura se prepara? Estas mulheres que passam envolvidas na sua longa mantilha, vendo-nos sem parecerem olhar-nos, não te accordam desejos? Aquell'outras, que nos espreitam por entre a fisga da janella e bichanam entre si ao passo que nos contemplam, não te inspiram esperanças? Todo este silencio, toda esta solidão, a poesia mesmo desta

villa isolada sobre o mar, estão a fallar d'amores nocturnos. Ha o quer que seja da Torre de Nesle n'esta terra, e em tocando a recolher verás se uma velha mensageira vem ou não collocar-nos no dedo o annel de convite de alguma mysteriosa Margarida, que só o que não hade ter é o animo de nos atirar ao mar.

Apeámos-nos emfim, e tratámos, como era proprio, de vêr se podiamos jantar. Em Peniche, porém, não havia senão sarda, pão e vinho, e como não era prudente escolher uma só destas coisas, escolhemos vinho, pão, e sarda.

O arrieiro que ficou comnosco, disse-nos alegremente, empunhando um copo de meia canada:

— Mulheres, querem-se de Leiria; dôce, das freiras; e sarda, de Peniche. Lá vae á saude!

A sarda, effectivamente, era de um sabor finissimo, e acompanhada da impreterivel cebolla engrolada exigia uma copiosa libação de vinho branco, que sabia horrivelmente a enxofre, graças aos preparativos com que se havia evitado o *oidium* ás vinhas. O arrieiro ria, e despejava copo sobre copo:

— Venha mais phosphoro! dizia elle. Quero vêr se accendo este interior!

As tabernas de Peniche teem um caracter de seriedade digna de menção. Os soldados que estão em destacamento n'esta villa, pensam sempre mais em namorar do que em beber. O porquê d'isto ignora-se, a não ser pela belleza das raparigas, cir-

cumstancia que para mim não é ponto de fé, porque não ha vêl-as senão de relance, quando as espreitamos ao sair da missa, ou no tempo dos banhos ao avistal-as de madrugada escondidas atraz dos rochedos que lhes servem de barracas! Nas tabernas de Peniche os arrieiros que vão de passagem, e os maritimos, são apenas *quien se divierte;* o dono da locanda empresta uma guitarra, e alli se enceta um desafio de cantigas a qual hade dizer peior da sua vida, e demonstrar com mais graça os contras da profissão que exerce. Uma das tabernas da villa, a que fica no fim da rua de S. Pedro, é celebre pelo caso dos tres beberrões, que se affirma ter acontecido alli. Eram tres catraeiros chegados das Berlengas com um passageiro que tinha ido visital-as; passa-se o caso ao cair da noite, e na vespera de Natal; como os tres eram do mesmo barco, altercaram quaes haviam de ir n'essa noite ainda para a Consolação, podendo um ficar em Peniche para cear com a familia e ir á missa do gallo. Razão pucha razão, e elles a praguejarem com tal força que as palavras pareciam trovões.

— Leva de desordem! disse o dono da taberna. Tirem vocês á sorte qual hade ir-se embora, e está partida a contenda!

— Lembra bem o da locanda! disseram os catraeiros. Salta em riba do balcão uma moeda de cobre, e vae cruzes por um e cunhos por outro!

— Isso não presta, e leva muito tempo! redar-

guiu o patrão da tavolâgem. Uma canada a cada um, e ganha a partida o que comer menos para a despejar.

E tres canadas de vinho se collocaram sobre o balcão, uma deante de cada uma dos maritimos.

— Sô Zé! disse um d'elles; salta uma azeitona.

Uma azeitona lhe foi dada.

— Lá vae á nossa! retrocou o barqueiro depois de comer a azeitona.

— Não deites o caroço fóra, diabo! Dá cá essa isca!

E, depois de lamber o caroço, o segundo maritimo, bebeu a sua canada.

O terceiro olhou-os por um instante em reflexão, depois pegou do braço a um dos seus companheiros, e, em tom mysterioso, lhe dirigiu estas palavras:

— Dize-me ahi azeitona ao ouvido!

O outro disse-lhe ao ouvido:

— Azeitona!

O terceiro maritimo depois de ouvir esta palavra, despejou a sua canada.

Os outros dois partiram para a Consolação, e elle ceou com a mulher, e foi á missa do gallo.

Em quanto a nós, depois de saciados da immortal sarda já citada, despedimo-nos cortezmente do arrieiro, que estava a comer e a dormir, e fomos procurar fortuna.

Quando se chega a uma terra em que se não

tem relações, a maneira mais engenhosa e ao mesmo tempo mais simples de a contrair, é ir á noite á botica. É na botica que se reunem ao cair da noite as principaes notabilidades de uma villa; alli se dizem as melhores phrases, se contam as melhores noticias, e se levantam as maiores calumnias. Como eu sabia isto, dirigi-me sem a menor demora á pharmacia principal da terra, onde comprei não me lembro já que remedio, e onde encontrei dois cavalheiros que me offereceram para passar a noite no club, tratando-me logo pelo meu nome. Na crise de obscurantismo em que eu me encontrava, encheu-me de satisfação o achar-me em paiz de conhecimento. Estabeleceu-se logo alli conversa preliminar, e, quando meia hora depois fui apresentado no club, parecia-me já estar entre amigos que não tinham nada de *amigos... de Peniche*

Que posso dizer do club d'esta villa? É uma casa onde se passam as noites jogando, conversando, ou lendo. As senhoras são tão rebeldes á vida agradavel, que os socios do club não se permittem sequer a tentativa de dar um baile. Tem de ordinario, já no principio d'este livro o disse, os habitantes de cada terra o seu caracter particular; das damas de Peniche se refere sempre o serem difficeis á luz, á alegria, á sociedade: estava uma occasião uma senhora d'esta villa encostada a uma arvore, e um marinheiro que a viu, disse sorrindo: — É o fructo mais duro que uma arvore póde dar!..

A afabilidade, a galanteria, a delicadeza com que me acolheram os socios do club, foram de me encantar. Retirei ás onze horas, contente da noite, contente de Peniche, e contente de mim, — o que me acontece raras vezes. O meu companheiro encheu-me de inquietação, porque o vi preoccupado:

— Em que pensas tu?

— Na ceia!

Esto brevis et placebis, diz a phrase; a concisão d'aquella resposta não me deixava que replicar, e não fiz mais do que apressar o passo. Ao chegarmos á tasca, o arrieiro estava sentado a uma mesa, a jogar a bisca e a dormir.

— Que ha que se coma, patrão?

— Sarda.

— Mais nada?

— Nada mais.

— Venha sarda, pois!

O arrieiro abriu os olhos e olhou para nós:

— Toca a dormir, hein?

— Isso é o que parece aos senhores? Eu estava agora, mas era a reflectir!

— Estavas a reflectir! Em que?

— No que acaba de me contar este rapazola que faz a bisca commigo. Pelos modos um diabo alma das Caldas foi comido pelos lobos a noite passada; bem se diz que a fome é negra! Não lhe deu tempo sequer de escolherem carne de outra terra!

Este epigramma de um penicheiro a um caldense é cheio de feição, porque o povo das duas villas não póde ver-se. O arrieiro, quando lhe demos vinho, bebeu tranquillamente á saude dos lobos, e adormeceu depois sobre as cartas como se acabasse n'esse instante de socegar a sua consciencia.

Ás dez horas da manhã do dia seguinte, o meu companheiro, eu, e o nosso amigo Costa Bello, montamos a cavallo e partimos a visitar a Senhora dos Remedios. A Senhora dos Remedios é uma capellinha á borda do mar, ao oeste de Peniche, em frente das Berlengas, na extremidade de um campo. Tem a egrejinha cinco altares. Na porta da entrada veem-se uns emblemas representando o sol, a lua, quatro estrellas, e as cinco chagas, por cima d'estes dois versos:

Sem os rogos de Maria
Nada alcançam os mortaes.

Ha para com esta capellinha a maior devoção do povo. Os cirios principiam em 15 de Agosto, e terminam em meado de Novembro com o cirio de Peniche, chamado o Cirio da Villa. Quando ha falta de peixe, ou por occasião de naufragio, a devoção dos maritimos recorre á Senhora em preces e votos. A egreja sustenta-se das esmollas, que os romeiros levam ao cofre. N'uma das capellas está um Senhor deitado; diz o povo que a capella tem alargado, e que o Senhor tem estendido. Vá isto por

conta de quem o affirma, visto dar-lhe gosto, e a nós não nos fazer mal! O certo é para mim, que aquella poetica capellinha tem um grande poder para accordar nas almas a fé. Quando uma pessoa alli está, principia a scismar, a phantasiar, a esperar; é escusado querer ser mais forte do que a imaginação, porque n'aquelle logar a imaginação é mais forte sempre que nós. Uma impressão que nem se póde combater, nem destruir, nem intender sequer, vem subitamente contradizer as mais claras razões do espirito, e desmentir as suas negativas mais intrepidas. Escutam-se alli não sei que mysteriosos ruidos: parece haver uma coisa qualquer que vive surdamente na materia, e que, quando tudo se calla, levanta a voz para nos fallar,—uma linguagem que não se define, que eu não sei dizer-lhes o que é, magestosa como o silencio, obscura como a noite!

Voltamos, visitando algumas fazendas e provando da uva, que este anno em Peniche era excellente. O que não encontrámos nunca, por mais que as procurassemos, eram arvores que se erguessem acima dos muros. O clima desabrido d'esta peninsula não as deixa crescer. Em compensação o que ha de menos em arvores ha de mais em pedras, que nunca vi tal quantidade em minha vida; até muros de pedra é que servem de vallados ás fazendas!

Entrei de novo em Peniche á hora de jantar. Que espectaculo, me esperava! Não encontrei pelas ruas senão gente carregada de peixe; este levava um sa-

fio, aquelle um besugo, o outro uma corvina, uma doirada, um ruivo, um redovalho, que sei eu! Haviam chegado os barcos da pesca, e vinham cheiinhos a não poderem mais; de todos os lados não se ouvia senão o grito de:

— Roballo! roballo!

— Quem quer cachucho!

— O rico peixe gallo! o rico peixe gallo!

— Chicharrinho! chicharrinho fresco!

— Redovalho ás postas! Redovalho ás postas!

E as mulheres dos logares de venda a pesarem o peixe, e toda a gente a comprar, e a levar para casa! Fomos ainda dar um passeio pela villa. A praça de Peniche é realmente uma coisa para ver; consta de seis grandes baluartes, defendendo esta fortificação o isthmo e as enseadas do norte e sul; o contorno da fortificação tem de extensão quasi seiscentas braças: a praça foi mandada levantar por ordem de D. João III, debaixo da direcção do Conde d'Athouguia D. Luiz d'Athayde, que foi duas vezes vice-rei da India, e concluida no tempo de D. João IV, sob a inspecção de D. Jeronymo d'Athayde, tambem conde d'Athouguia.

Em todas as ruas, rara é a casa baixa em que não se vejam as rendeiras a trabalhar. Ha alguma coisa que sensibilisa n'aquelle espectaculo simples, sereno, e humilde. Ellas estão sentadas, juntinhas umas ás outras, entretidas com os seus bilros, e o seu torçal, sem affastarem os olhos de cima da obra.

Uma *sociedade empresaria* adianta-lhes os aviamentos, e dá-lhes uma bagatela pelo seu trabalho de cada dia. As pobres rendeiras assim vivem, a trabalhar desde o romper do dia, felizes apenas quando algum viajante tem a curiosidade de querer um cabeção, ou umas rendas, para trazer em lembrança de Peniche, e lhes paga mais generosamente. Apesar do seu vestido humilde, e do ar de pobresa que de si respiram, ha uma curiosa elegancia na finura e distincção das suas mãos; como as rendas não podem lavar-se, são obrigadas ellas a conservarem sempre as mãos no mais escrupuloso aceio.

Oh! castas innocentes! oh candidas pobresinhas! Como ellas atravessam amarguradamente a vida, preparando enfeites para as felizes do mundo! Simplices donzellas, que purificaes pela honestidade o ar de miseria que vos pesa! os anjos por estarem de luto não deixam de ser anjos, e as suas lagrimas em vez de murcharem as flores da alma, avivam-lhes o brilho, desenvolvem-lhes os perfumes, abrem os corações á doçura, e ás virtudes da humildade. Atravez das vossas rendas, vê-se o céo! oh! innocentes, trabalhae, trabalhae, pobresinhas! Nos casamentos, nos bailes, nas festas, esses cabeções, esses punhos, esses pequeninos lenços para conservar na mão, assistirão por vós ás alegrias da vaidade; ainda bem que lá não estaes, coitadas, para não empallidecerdes de pena quando ouvisseis cha-

mar rendas de França, ás rendas que vós fizestes! Oh! ficae ahi, e trabalhae, pobresinhas!

De madrugada, quando os gallos e os barqueiros principiavam a dar signal de si, montavamos nós a cavallo, e atravessavamos tranquillamente a praia, e o nevoeiro horrivel que a cobria. O arrieiro praguejava como um damnado, os cavallos tinham um somno horrivel, e nós um frio de sorvete. Verdade, verdade, havia uma côr phantastica n'aquella partida: o mar gemia escondido atraz da nevoa, a areia estava toda humida da geada, o céo não queria deixar ver-se, e nós não tinhamos sequer a força de fallar. Ha occasiões em que parece á gente que as almas do outro mundo não são chiméras: o nevoeiro parecia tomar as fórmas conhecidas de seres outr'ora queridos, que não vivem já senão na nossa memoria. Melancholicos, scismaticos, silenciosos, fomos cavalgando por aquella enorme praia solitaria.

— Que callada de coelhos! dizia o arrieiro. Vae a chegar-me a tristeza não tarda nada; se não bebo uma pinga de vinho, sou capaz de ter por ahi algum desmaio! Eu cá me sinto! Quando me dão estas debilidades, ou beber, ou dormir: minha mulher, que Deus tenha... quando a levar para si, porque pelas boas obras d'ella é natural que ainda lá não esteja, disse-me sempre, que o somno é como os chupistas, não se chega senão para quem vive bem; mas commigo a modo que falha a re-

gra, porque quanto peior vivo mais somno tenho!

Ao chegarmos a Valle de Maceira, entramos n'uma estalagem para almoçar:

— Ovos fritos e vinho, patroa!

A estalajadeira principiou a frigir os ovos, e a estender uma toalha sobre o balcão. Depois, mediu o vinho, tirou os ovos do lume, puchou-nos um banco, e disse-nos depois com serenidade:

— O que os senhores não teem, é pão!

— Não temos pão? Mas, mande-o buscar!

— Não ha pão na terra, senhores; ao meio dia é que se ha de cozer. Só se o senhor cura tiver ainda algum pedaço, mas a minha confiança não chega a ir lá pedir-lh'o.

O arrieiro vasou o vinho na frigideira, mecheu com a colher, e encheu os copos.

— Bebam os senhores, que isto é muito peitoral! Á saude d'esta povoação, que, pelos modos, bebe mais do que come! Viva Valle de Maceira!

— Viva Valle de Maceira!... exclamámos nós, bebendo, e em seguida montando a cavallo.

A NOITE DO CASAL

A NOITE DO CASAL

— Ouviste-a no theatro muitas vezes, disse-me elle, e cuido lembrar-me ter-te encontrado, n'um entre-acto, no seu camarim. Nem da sua voz, nem da sua belleza, precisas que eu te falle. Quem, depois de a escutar uma vez, esqueceria o tom mavioso e melancholico de seu canto? — alguma coisa de triste e poetico, como um raio da lua por entre uma chuva de lagrimas! Quando ella conversava, quando desprendia a prosa humilde dos mortaes, em phrases mais ou menos graciosas, não reparaste nunca que o orgão da sua voz conservava a mesma melodia do canto, ainda que frouxa e debil? Depois, se nos dizia um segredo ao ouvido, o bichanar d'aquella voz prestigiosa, que ainda na vespera enchera o theatro com o ruido explendido das suas

volatas, era tão meigo e tão suave, que parecia escutar-se o som melifluo e encantador do adejar de uma pomba ou de uma fada?! Pois bem, meu amigo, essa mulher perdeu-me, e perdeu-me quando me salvou! Nunca mais poderei amar. O seu caracter foi sempre para mim um segredo: ainda hoje o é. No verdôr da vida e das esperanças, ella não tinha mesmo ás vezes um sorriso para pagar á gloria o sorriso que lhe dava; n'outras occasiões, por qualquer nada, era uma alegria, um capricho de idêas, um phrenesim de gargalhadas! A creança mais louca não faria metade. Tudo então a entretinha, tudo a encantava, tudo lhe parecia seductor e azul. Esperava-se instantes, e voltava a inquietação, o espirito triste, a distracção quasi insultadora. Perguntava cada um a si mesmo, n'essa hora, se haveria apenas phantasia n'aquelle humor caprichoso, ou se eram os desvarios de uma imaginação febril e doente? Fui-lhe apresentado por um amigo que lhe disse não ter ella em Lisboa um mais fervoroso admirador do que eu. Isto não era verdade então, mas foi verdade depois; porque, não sei: o certo é que desde esse dia, perguntei maravilhado a mim proprio, sempre que a applaudia n'um frenesi d'enthusiasmo, se ella era apenas uma grande artista, se uma mulher a quem eu amava?

O amor tem o quer que é de crime; ou uma pessoa ama como quem se perde, ou não sente o amor. A minha consciencia principiava a ter medo;

mas, para dizer a verdade, havia uma força occulta que me impellia para pensar n'aquella mulher, ao passo que um recato inexplicavelmente melindroso sabia impedir-me de fallar d'ella aos indifferentes. Todos os dias a visitava, e passavamos horas a conversar de musica; ella gostava de me contrariar nas minhas predilecções, e quanto mais eu insistia, mais ella teimava, dando-se o ar de amuo de uma creança offendida nos seus caprichos. Á noite, como tinha sempre o seu mundo de cortezãos a adorarem-a em casa, sempre que não havia theatro, era-me impossivel alcançar do seu espirito a original confiança de idêas que só sabia dar á intimidade; conservava-me alli com os mais a conversar sobre futilidades que se repetiam cada hora, e que quasi sempre, como é vulgar nos artistas, tinham por assumpto as intrigas de palco. Eu não conhecia nenhuma das outras cantoras d'essa estação, a Varenzi, ou a Giannoni; mas, a poder de ouvir alli fallar d'ellas, já eu proprio descrevia e analysava os actos mais particulares da sua vida, como se me interessasse pela sua existencia, e vivesse entre a gente da sua condição. Amar uma *prima-donna* tem isso de mau, meu amigo; identifica-se um homem com aquella natureza e destinos, e principia a sentir-se cantor... excepto a voz! As Leo noras, as Lucias, as Saphos da scena lyrica deixam ficar no camarim a alma, a poesia, e o genio; em casa, são umas affaveis creaturas, que entreteem

com as visitas longas dissertações sobre os segredos da veneziana *polenta*, ou sobre as astucias de caracter da cantora rival, que alcança da empresa operas que lhe não pertencem; é um mundo de coisas aviltantes e penosas, em que a calumnia de Don Basilio marcha n'um *crescendo* impiedoso. Dizem tudo áquillo com uns ares adoravelmente apaixonados, maneiras tentadoras, ondulações de gata namorada, suspiros flauteados, e attitudes melancholicas; chega-se a consideral-as victimas ignoradas, grandes genios que os empresarios não intendem! e indignamo-nos contra as outras cantoras, accusando-as de desafinarem! de terem tres amantes! de serem phtisicas como visões! ou, se são gordas, de terem pernas que pareçam pés d'elefante... com meias! de não saberem dizer a phrase! de terem dentes postiços! de haverem sido lavadeiras de um *maestro* que as fez cantoras! de serem mais feias fóra da scena, do que Medusa com a sua cabelleira de viboras!

A indole de Angiolina não era essa, todavia: habituara-se a ser assim, como eu me habituei tambem; um genio imprudente e franco, é o que ella era; conhecia-se isto nas suas predilecções, nos seus caprichos, nos seus impetos ao acaso; é a unica italiana que eu tenho visto gostar de toiros! Mas, gostar de que fórma, com que enthusiasmo, com que ardor! Já de vespera, um inquieto phrenesi a agitava: — Ámanhã! dizia-me ella, ámanhã! Oh!

que o dia esteja explendido como a festa! Que o sol doire a praça! Que um céo azul sorria por cima das nossas cabeças! Que tudo seja bello e grande n'esta tarde, que vale um dia, n'este dia que vale um anno! Que a turba se precipite em torrentes, e encha até as trincheiras falsas! Que ninguem chegue a um logar qualquer, sem se estribar nas mãos, nos pés, nos cotovellos! Que uma liberdade inquieta e nervosa dê á festa a sua feição de tumultuosa alegria! Que todos fallem, gritem, e apostrophem, esmagando-se uns aos outros com um solemne despreso pelas leis physicas! Que morram ámanhã, que morram! — E ria como louca, e como louca pulava, tiroteando um trecho d'aria, depois uma serenata de gondoleiros, depois alguma cançoneta melancholica de umas que ella sabia, que eu nunca ouvi a mais ninguem. A tristeza, assim como a alegria d'aquella rapariga, tinham o quer que é de phantastico; muitas vezes me lembrei, a olhar para ella, dos talismans das lendas: tinha entre outros artificios, o segredo de quebrar a sua tristeza quando queria, e ficar alegre e risonha, como se atirasse ao mar em vasos fechados com o sêllo magico, que nenhum espirito quebra, os genios da melancholia, que os pescadores das *Mil e uma noites* deixam escapar da entre-aberta urna em turbilhões de fumo negro!

O primeiro passo dado na carreira dos meus amores, foi mudar a hora de fazer visita a Angiolina?

Pobre anjo, tinha tão pouco tempo para poder conceder-me, que era preciso que eu pela minha parte estivesse á mira dos instantes que não lhe fizessem falta. Como repartia ella o dia? Oh! Parece um milagre, para o quanto elle lhe chegava! O seu *maestro* ia procural-a todas as manhãs para uma lição d'exercicio; das duas ás quatro horas, ia passear; jantava ás cinco, e os ensaios ou as recitas tomavam-lhe a noite; — que tempo podia ficar para mim, em toda esta marcha incessante, senão a rapida hora em que, ao voltar do seu passeio, dispunha de alguns minutos antes de ir para a meza? Por esses minutos, alterava eu o meu dia inteiro muitas vezes, é certo, e corria avido a pedir-lhe um sorriso, em troca de fazer esperar debalde um amigo, em troca de esquecer um negocio, em troca do jantar com minha mãe, que eu lhe sacrificava a ella. Tudo isto era acolhido entre duas *roulades*, recebendo-me pelo *Vieni, Arturo!* dos *Puritanos*, despedindo-se pelo *Addio!* do *Rigoleto;* um recitativo entremeava estes trechos. Quando eu sahia de lá, não lhe tinha dito uma unica palavra do que havia feito tenção de lhe dizer; era ella que condusia a conversação, e guiava-a tão loucamente, que nunca se sabia de que se tratava; fallava-me do seu passado, dos seus amores d'infancia, das seges de Lisboa, do nariz de Mercadante; perguntava-me se eu era forte ao florete, quantas mulheres tinha amado, de quantos

jornaes era assignante: fazia-me cantar bocados d'opera, ria como uma creança, depois suspirava triste, ia para o piano em seguida, depois para a janella, depois para a meza!

Uma occasião, demoramos-nos mais tempo a conversar, e a sua mão esqueceu-se entre as minhas. Fallava-me de sua mãe, a quem deixara aos vinte annos, trocando as serenas felicidades do lar pelas ambições da independencia, pelo sonho dos triumphos, pela visão da gloria; principiámos ambos a fallar de familia, contamos um ao outro as reminiscencias da nossa infancia, fizemo-nos creanças de novo pelo pensamento, e fechando os olhos para vêr melhor na alma, corremos de mãos dadas para traz até encontrarmos a nossa primavera morta! N'essa tarde, o seu olhar fixou-se por momentos no meu, e uma nuvem passava entre nós; como afugentando uma idêa superior á sua razão e á sua vontade. Angiolina desviava de repente a vista, e parecia querer retirar a mão d'entre as minhas; eu segurava-lh'a com ancia, e estremeciamos ambos; continuavamos outra vez a trocar a confidencia das nossas recordações ou dos nossos sonhos, do que tinhamos visto, ou do que haveriamos querido ver, e, á proporção que fallavamos do passado, iamol-o esquecendo; levei a mão d'ella aos labios, e beijei-a; ella disse-me apenas:

— Estamos ambos n'uma hora melancholica; tenho medo d'estas conversações meias tristes ao cair

da tarde; vá, adeus; deixe-me só. Vejo-o ámanhã á noite no theatro. Nos entreactos, quero tel-o no meu camarim! Vou apresental-o á minha côrte como o pretendente mais perigoso. Parta; adeus!

Na noite immediata, ella cantou a *Favorita*. Que impressões accordou na minha alma, Deus meu! como a sua voz era dôce, affectuosa, e divina! que meiguice seductora, que frescura, que extase, que céo! O seu typo não era bem o da mulher formosa, mas o da mulher insinuante; não era uma rosa, mas um lyrio; não era um sorriso, era um suspiro, mas de felicidade e d'amor. Cantava e representava a sua parte com um tão grande sentimento dramatico, que nunca errava uma intenção, nem descuidava uma phrase. Tão moça como era ainda, que fatal sciencia tinha dos segredos da dôr, se tão bem os reprodusia pela arte? Os seus grandes olhos negros atiravam por vezes n'uma vista um poema sublime de sentimento. O seu methodo não era o dos ornatos e enfeites do canto, mas ninguem melhor do que ella sustentava a intelligencia, a paixão, a côr da musica, dando á parte de Leonor o seu triplice aspecto, pela alegria, pelo sentimento, pela angustia, de amante, de mulher, e de martyr! Oh! eu namorava-a n'essa noite com o enthusiasmo, com a admiração, com o phrenesi de um idolatra! Toda me parecia bella, como eu nunca encontrara mulher no mundo. Os seus cabellos negros e magnificos molduravam-lhe o pal-

lido semblante com um encanto indisivel; ella tinha os beiços tão longos mas tão flexiveis, tão languidos, tão brandos, que as nottas ao roçarem por elles adoçavam-se como um suspiro d'anjo, ou um beijo d'irmã!

— Oh! dizia eu a mim mesmo, ao contemplar o noviço despedindo-se apaixonado e melancholico do seu convento de S. Thiago de Compostella, por não poder já com as tristezas do claustro, e sentir que já não lhe bastava Deus. Oh! pobre alma afflicta, que trocas a religião pelo amor, é ainda a fé, debaixo de uma nova face, que te anima e te impelle! Feliz, ah! feliz se ainda crês! feliz se amas! feliz, se esperas! Podias tu haver evitado o offerecer-lhe a agua benta, e os teus dedos roçarem pelos d'ella? Tens tu hoje a força, pobre saudoso, de a affugentar da tua imaginação, tu, que já não pódes resar e te devoras na aspiração a uma outra vida? Pois se d'essa visão só vives, d'essa imagem, d'esse anjo que encontraste aos pés de um altar orando a Deus, — se a julgas pura, nobre e boa como é bella, que voz fatidica irá dizer-te a rir, que amas a amante do rei, uma corteză como as cortezãs, uma mulher perdida que se vendeu mais cara do que as outras mas que se vendeu! que é beijada por um rei, mas que é beijada por um homem que não é seu pae e que não és tu! Oh! canta! canta ainda! canta e soffre! Deixa o velho frade, ancião desconfiado da felicidade e do

amor, lembrar-te a fragilidade das paixões e a incerteza das coisas humanas! *Io l'amo!* dizes. *Mio padre, io l'amo!* E n'isso dizes a sorte, a esperança, a providencia a fatalidade, o destino! Oh! canta! canta e ama! Se um dia a excommunhão pesar sobre a tua cabeça, irás sob o anathema de Deus, pedir-lhe o teu perdão a esse mesmo altar de onde hoje foges! E a *bella del Ré*, que adoraste na vida faustuosa do palacio, virá pedir-te a ti, pobre andrajosa, e maldicta, o mesmo perdão que tu estiveres pedindo a Deus! E perdoar-lhe-has, tu! tu, sim; Deus é que não te perdoará a ti talvez, porque ainda tentarias fugir-lhe de novo, se a morte não tocasse com os seus pallidos dedos a fronte da favorita...

Oh! Eu soffria n'aquellas noites de theatro, soffria como um apaixonado e como um louco. Se não applaudiam Angiolina tinha accessos de cholera indomaveis; se a applaudiam, tinha ciumes do publico, ciumes da gloria, ciumes da felicidade! Á proporção que ella fazia uma opera, ia tornando-a impossivel a outra cantora. Era um talento privilegiado e unico. Quando era Norma, e apparecia coroada de verbena, deixando perder o olhar no argenteo clarão da lua, — quando era Gemma e o ciume lhe contraia o semblante n'uma expressão de raiva e de martyrio, — quando era Martha, e na feira, com o seu disfarce de camponeza, sorria aos galanteadores, que queriam leval-a no seu carro,

— quando era Sapho, e dedilhava a lyra, soberba de genio, explendida de poesia, grandiosa de desgraça,—essa interessante cabeça, como esculpida por Phidias, erguia-se altiva e nobre sobre os seus hombros de marmore, e aquella mascara admiravel de pureza, de correcção, e de vida, que a paixão mais violenta não conseguia alterar, conservava-se bella durante as agonias dramaticas!

Uma grande amargura devia pesar mais cedo ou mais tarde na minha alma; chegou um dia emfim, e chegou horrivel: veio pelo ciume. Habituado aos devaneios simples e serenos das affeições de namorado, ou dos caprichos de amante nas regiões da burguesia, encontrei-me subitamente n'um mundo que não me era conhecido, e para o qual o meu coração não havia sido creado. A cada hora vinha um acontecimento, por mais leve, por mais insignificante que parecesse aos mais, accordar-me na imaginação a idéa dolorosa de que o meu amor nem era comprehendido na sua elevação, nem compensado na sua lealdade. O caracter imprudente e leve d'Angiolina occasionava a todo o instante desconfianças da minha parte, hesitações, sobresaltos; uma palavra d'ella, um erguer d'olhos ao céo, um movimento de hombros como quem diz que não lhe importa, um simples gesto de quem se sente innocente, bastavam todavia para me dispôr em cholera contra mim proprio. Tudo devia perdoar-se áquella rapariga, pelo talento, pela imagi-

nação pittoresca e devaneadora, pelos acasos de um espirito inquieto, pela phantasia innocente do seu caracter sonhador. Quando era boa, affectuosa, dedicada, terna, nunca o amor cuidou ter tanto poder na terra: a sua melancholia mesmo tornava-se um melhor condão para me sedusir de enthusiasmo e de respeito por aquelle destino singular e triste, tão cheio de glorias como de tristezas. Ella soffrera, e conhecia a vida. Os imbecis que a rodeiavam não sabiam presentir quanto era conhecedora do mundo, aquella mulher em quem apenas viam uma artista e uma creança. Tinha sobre tudo, como nunca vi, os delirios e sublimes extases da felicidade; o seu olhar illuminava-se de uma luz divina, como se a alma se lhe debatesse no fragil involucro que a encerrava, sequiosa de outros mundos. Ha mulheres a quem a gente ama, como quem se atira a um abysmo; eu sentia a fatalidade a pesar sobre mim, e não tinha o animo de me separar d'ella, apesar de a fazer infeliz pela minha propria infelicidade. Ella mesma me disse muitas vezes que adivinhava uma desgraça, e nas horas mais doces e abençoadas do nosso amor nunca se esquecia até ao ponto de suppôr a eternidade d'elle. São tristes os amores assim, mas são os unicos talvez que nos prendem. Conheces umas flores que ha no campo, que são côr da primavera e presagiam o outono? Gosto bem d'ellas. Não têem perfume, não têem verdura em redor da haste,

e na corolla vê-se um ponto escuro, que parece estar de lucto pelos dias bonitos do verão. Angiolina fazia lembrar estas flores; a sua alma triste ou saudosa, não sabia ter esperanças nem dal-as; entrava na vida com o sorriso de quem se despede: o meu amor poderia servir de balsamo para aquelle coração ferido por ignorados golpes, mas — ainda em cima! — uma secreta raiva do affecto me levava a atormental-a pelos menores incidentes. No dia em que ella principiou a amar-me, entramos n'um paraiso, que eu converti n'um inferno. Foi horrivel então. A febre do ciume devorava-me implacavel: tão depressa eu a abraçava em extase, como tinha horror de a olhar; ella chorava sobre o meu hombro, e um beijo acabava tudo. Sorriamos depois da minha loucura, mas tudo isto quebrantava a confiança, o enthusiasmo, a estima mesmo talvez; quando ella quiz um dia que eu lhe escrevesse uma palavra por baixo do meu retrato, ahi está o que eu lhe escrevi: — Não gostes d'elle como de mim; até d'elle eu teria ciumes...

A inquietação, a febre, a insomnia, iam-me devorando lentamente a razão e a vida. O phrenesi da minha desgraça augmentava na proporção do amor de Angiolina: maior era a luz da felicidade que ella me dava por instantes, maior depois e mais densa a sombra dos meus receios. A nossa existencia era dôce mas triste; muitas vezes os seus beijos vinham banhados em lagrimas, sem causa

e sem razão: a nossa alegria mesmo era melancholica, e a idêa de que haviamos de separar-nos fazia a maior parte da nossa desventura. O seu retrato, que eu costumava ver ás noites, nas horas em que não podia vel-a a ella, e em que o somno não queria nada de mim, produzia-me uma impressão fatal, que não soube nunca explicar-me; aquella invariabilidade dada a uma creatura que não se conservava um momento a mesma, affligia-me como uma mentira. Quereria fechar, por instantes, aquelles olhos sempre abertos como os dos somnambulos, que me seguiam sem me ver. A datar desse periodo de effervescencia, de exaltação, de anciedade, nada mais sei ao certo. Contam que, uma noite, uma congestão de cerebro me tornou louco.

A minha familia, por conselho dos medicos, enviou-me para um casal que temos perto de Bellas. Alli, n'uma tranquillidade toda bucolica, sem que eu pudesse avistar senão campo, sem que pudesse ouvir senão os passaros, esperavam que com o tempo, a rasão e a paz volvessem á minha alma. Dizem que eu pouco fallava, e que mesmo na occasião dos accessos apenas algumas palavras soltas ou um trecho de musica revelavam que me lembrava ainda das noites de theatro. Aquelle casal, perdido entre oliveiras, tomou subitamente um caracter poetico; dir-se-hia o local da expiação do amor! Das minhas sinceras affeições, dos meus votos, das minhas idêas, das minhas crenças, havia

formado a fogueira que devia consumir-me. Espalhava o terror em roda de mim; tão depressa se me considerava a ponto de ser salvo, tão depressa me davam por perdido. Uma alegria, um intimo goso, uma aspiração poderiam valer-me; mas como? O firmamento fica povoado de fogos inextinguiveis, quando o dia apagou de todo as faiscas da sua tocha; no céo do pensamento, porém, onde esperanças são as estrellas, o que é que fica em ellas se indo embora!? Passou tempo ainda, sem melhoras para mim; os medicos mesmo, diz que começavam a descrer: a loucura, meu amigo, é uma doença degradante: ao leproso ninguem se chega; do louco, foge-se. A providencia, porém, tinha de fazer alguma coisa n'isto, e a sua hora chegou. Angiolina que nunca mais soubera de mim, voltava uma noite de Bellas onde havia passado o dia, quando a sua carruagem se quebrou na altura da estrada que conduz ao casal. Era tarde, a noite ia fria, e as suas precauções de cantora levaram-a a querer absolutamente recolher-se n'algum sitio resguardado do vento, em quanto não se achasse o meio de continuar jornada. O cocheiro appareceu no casal, pedindo agasalho por aquella noite para uma senhora, que, partindo-se-lhe a carruagem em que ia, se encontrava sem saber onde recolher-se: Angiolina entrou para o quarto do meu enfermeiro, dizendo-se-lhe apenas que não havendo na casa senão dois quartos, e estando oc-

cupado o outro, deveria sujeitar-se a ficar mal accommodada alli. Ella respondeu que não queria deitar-se, e que de madrugada partiria. O casal voltou á sua tranquilidade, ao seu silencio de sepulchro. Eu nada vira e nada ouvira, do que se havia passado. No dia immediato devia ser a festa de Paschoa; do meio da noite em deante ranchos e ranchos de aldeões passaram pelo casal dirigindo-se a Caneças. Hiam alegres e contentes, respirando esperança. A noite tornara-se tepida e perfumada; o luar doirava os campos; os aldeões passavam abraçados ás suas namoradas, cantando e beijando-as. Angiolina espreitou á janella, atravez dos vidros, aquelle mundo de sonhos e de rusticas felicidades: levantou a vidraça de vagar, para encommodar menos as cortinas de hera que a cercavam, e, extatica, escutou e olhou. Hiam cantando ao som de flauta, uma trova que dizia assim:

Que noite amena e plácida!
Vae alta a lua,
Co'a pallidez etherea
Na face nua!

Cantae, pastores simplices,
Que noite amena!
Casae os vossos canticos
Co'a branda avena.

Nós somos contentissimos,
Os pegureiros,
Habitadores unicos
D'estes outeiros.

Aqui, ao sanctuario
De cada herdade
Nem chega um som longiquo
Lá da cidade.

Lá, na cidade, os odios
Desgastam o homem ;
Cá, só de amor as ancias,
É que o consommem.

Lá, diz que tudo é marmore,
Tudo grandeza ;
Cá, temos messes, arvores,
E natureza.

Ao romper d'alva alegram-se
Os casalinhos ;
Por beirados e comoros
Pipilam ninhos.

Depois, quando o sol arido
Os campos cresta,
Zune a cigarra, querula,
N'hora da sesta.

Depois, quando o crepusculo
Baixa dos cumes,
Exhalam as planicies
Vagos perfumes.

Oh ! Como á noite erguendo-se
A lua cheia,
Alegra ermida e platanos
Da nossa aldeia !

Cá, surge franca e limpida,
Argentea e pura ;
Cá, mira o rosto n'agua
Entre verdura.

Lá, como a medo e timida,
Meio allumia
O rumuroso dédalo
Da casaria.

Moram poesia e musica
Na funda selva ;
Dançam nos plainos floridos
Dormem na relva ;

Choram nas fontes rusticas,
Nas solidões,
E, o que é melhor, aninham-se
Nos corações.

Oh ! poesia, illumina-nos
Na ardencia tua.
Vae alta a noite e explendida
Lá sobe a lua...

Angiolina, quando o canto dos aldeões já se perdia ao longe, repetiu a toada da trova, dando-lhe pelo encanto da sua voz um poder explendido e novo. Deus, Deus meu! Como descrever-te a sensação infinita que se apoderou de mim, impressão mysteriosa que me captivava, embriagando-me, magnetisando-me o coração! De onde partia, de onde vinha aquella voz, que havia sido a minha vida, a minha felicidade, o meu amor, a minha loucura até? Corri á janella, como perguntando á noite o segredo d'este rayo de graça; parecia-me que ouvia as arvores fallarem baixinho, e murmurarem de ramo em ramo, supplicas que a minha alma entendia. Angiolina cantava ainda, espalhando na solidão

do casal as perolas e lagrimas do seu canto. Sentia-me transportado ás espheras magicas, onde não penetram senão os sonhos, — sonhos ou esperanças, que tambem não são mais que sonhos! A imaginação principiava a crear-me, além d'esta vida, ideaes moradas! Que commoção religiosa, cheia de encantos e de melancolia! Via Angiolina em cada raio da lua, como se ella transformasse a terra na imagem do céo, para convidar a minha alma a mudar de patria! Abriu a janella, e, a cantar ainda, se poz a olhar a noite. O seu canto, ao ar, maravilhava ainda mais; a sua voz seguia sob a folhagem a voz da agua que por entre a sombra lançava as suas nottas! Ella era maior ainda, meu amigo, quando em vez de caminhar diante das luzes da orchestra, entre bastidores de lona, côr no rosto, e ouropel no traje, cantava no meio de flores, abrigada por arvores naturaes, n'um jardim que tinha por tecto a cupula de saphira do firmamento. Deshonra-se acaso o rouxinol quando entôa, no meio do campo, as suas elegias ás rozas que ama? E não sabia ella, oh! Deus meu! não presentia sequer, que alli, bem perto de si, separados por uma parede apenas, estava o pobre infeliz que o amor tornára louco por ella, por ella! Mas, pouco a pouco, a razão voltava; aquelle canto fallava-me; aquella voz, tão pura e tão limpida, era conhecida da minha alma, e se havia differença, dir-se-hia ser para maior sonoridade, porque a noite tem pro-

priedades acusticas que surprehendem, e o casal parecia transformado n'um palacio de encantamentos. Oh! Que coisa mais poetica e celeste do que aquellas notas de crystal, que um raio azul da lua atravessava illuminando-as?! Quando o dia principiou a romper, a voz calou-se: eu esperei, ancioso. A falla do cocheiro apenas se deixou ouvir; depois, o rodar surdo da carruagem, e o lento trancar das portas. —Angiolina? gritei eu. Angiolina?— A carruagem continuou a rodar, e o meu grito de ancia pareceu perder-se nas nevoas da manhã! Um abraço, que me deu o medico, como que me fallou de alegria. —Que se passou então? perguntei eu. —Sonhou, respondeu o medico.

Dias depois quando voltei a Lisboa, salvo já, a estação lyrica terminára, e o theatro de S. Carlos estava fechado. Angiolina havia partido; destino errante, proseguira em procura do futuro,— esse céo dos artistas!

....

FIM.

INDICE

—